

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**A presença do pedagogo em patrimônio histórico  
no estuário Santos/Guarujá**

Bernadete Rezende de Souza Ribeiro

Santos  
2009

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**A presença do pedagogo de patrimônio histórico  
no estuário Santos/Guarujá**

Bernadete Rezende de Souza Ribeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francisca Eleodora dos Santos Severino.

Santos  
2009

Dados Internacionais de Catalogação  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS  
*SibiU*

---

R 484a RIBEIRO, Bernadete Rezende de Souza  
A presença do pedagogo em patrimônio histórico no estuário  
Santos/Guarujá/Bernadete Rezende de Souza Ribeiro - Santos  
[s.n.] 2009  
135 f.; 30 cm. (Dissertação de Mestrado - Universidade Católica de  
Santos, Programa em Educação)

I. RIBEIRO, Bernadete Rezende de Souza. II. Título.

CDU 37(043.3)

---

**COMISSÃO JULGADORA**

---

---

---

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

*A vida é uma “jornada infinita” e cada um de nós tem apenas uma única chance para realizá-la. Mudaremos nosso rumo contínuo e implacavelmente, moldando, engrandecendo, tornando a modificar nosso curso indefinido, realizando atos que jamais podemos refazer, sobre um caminho que nunca podemos percorrer novamente. Cada instante nos aproxima mais, de forma imperceptível, do fim da jornada, de maneira que quando alcançado, afinal, parece ser apenas uma lembrança vaga, confusa em nossa mente - inexplicável, como um sonho interrompido, sentido, mas parcialmente esquecido, e aparentemente sem propósito. Todos nós, no entanto, faremos nossa única jornada.*

LEO BUSCAGLIA

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Francisca Eleodora Santos Severino, pelos muitos momentos de compreensão, respeito e carinho que dedicou no decorrer da construção desse trabalho. Minha gratidão pelo generoso apoio.

À Prof<sup>ª</sup>. Me. Carmen Lydia Dias Carvalho Lima e Derna Pescuma pelo imensurável apoio e incentivadoras palavras de carinho e amizade, muito obrigada.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma para eu chegar ao fim dessa jornada.

À minha família, filhos e amigos, pelas ausências e ao Valdir, pela paciência e atenção em todas as horas.

À “*Deus*” que me concedeu vida e oportunidade de conhecer todas essas pessoas maravilhosas que acompanharam a minha jornada. “*A honra, a glória e todo louvor*”.

## RESUMO

O trabalho relata a história do patrimônio histórico Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande tendo como foco da investigação as atividades que se desenvolvem coordenadas pelo NECOM (Núcleo de Extensão Comunitária), ressaltando a importante contribuição do pedagogo nesta tarefa. O Objetivo foi esclarecer a importância do patrimônio histórico da área portuária, como fonte de educação não-formal, criando condições que viabilizem a produção de um saber na construção da cidadania articulado pelo projeto pedagógico de formação profissional do guia turístico no espaço patrimonial da região portuária. Foram colhidas experiências de educadores e estagiários que atuaram com projetos na Fortaleza articulados pelo NECOM, visando caracterizar o contexto do trabalho construído no Patrimônio. Utilizou-se o método da pesquisa-ação, proposta por Barbie (2002). Observaram-se as ações educativas planejadas pelo NECOM, atendendo a apelos da comunidade onde esta inserido. Como resultado o trabalho ressaltou que a educação pedagógica com fundamentação teórica e investigativa por meio da prática do trabalho comunitário, prepara o profissional da educação e capacita-o como cidadão crítico e reflexivo para superar os problemas derivados das mudanças sociais que circunscrevem as comunidades nas regiões retro portuárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Patrimônio Histórico; Pedagogo; Educação; Formal/Não-Formal.



## ABSTRACT

This paper aims at presenting the history of Santo Amaro da Barra Grande Fortress by focusing on the activities carried out there under the supervision of NECOM (which stands for Community Extension Nucleus), thus highlighting the important contribution of Pedagogues in this field. This research's main purpose is to shed some light on the relevance of the Fortress both as a Historical Patrimony in the Port area and as a meaningful source of informal education, since it provides the necessary conditions to help build up a sense of citizenship amongst the people directly involved in a pedagogical project whose main scope is to foster the professional formation of tourist guides. It also attempts to rescue the memory of an elementary school which once existed in the Fortress through interviews based on oral registers such as an account of a former school teacher who began teaching there in the 1950's - teacher Josephina - as well as the contributions of some of her former students who still inhabit the place. Experiences of both professors and students who were once involved in the projects articulated by NECOM in the Fortress have also been taken into account in an effort to try and establish the real characteristics of the context in which the works were carried out. Bearing this in mind, the approach adopted in this research is that of research-action, as proposed by Barbie (2002). Therefore, the educational actions planned by NECOM have been brought into light actually as a request made by the local community itself. As a result, this work has stressed the fact that pedagogical education based on sound investigation and careful theoretical principles in addition to the practice of community work will, no doubt, help prepare the professionals in education by providing them with adequate tools to act as citizens both critical and reflexive so that they may be able to overcome possible obstacles derived from social changes which happen in the communities around the Port area.

Key-words: Historical Patrimony, Pedagogue, Formal and Informal Education.

## SIGLAS

CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico

EJA - Educação de Jovens e Adultos

IBGE - Instituto Brasileiro e Geográfico de Estatística

IBPC - Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural

IPHAN - Instituto Brasileiro Histórico Artístico Nacional

LDB - Lei de Diretrizes e Base

NEC - Núcleo de Extensão Comunitária

NECOM - Núcleo de Extensão Comunitária

P.AE - pesquisa ação existencial

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PETROBRÁS - Petróleo Brasileiro

PRODESAN - Progresso e Desenvolvimento de Santos

SEPLA - Secretaria de Planejamento

SOAMAR - Sociedade Amigos da Marinha

SUDELPA - Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

UNESCO - United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

UNISANTOS - Universidade Católica de Santos

## SUMÁRIO

Apresentação.....	12
<b>CAPÍTULO I – A HISTÓRIA DO BRASIL PRESENTE NA FORTALEZA DA BARRA E SUA RELAÇÃO COM O PORTO E A CIDADE DE SANTOS.....</b>	<b>18</b>
1. A chegada da Unisantos: Protocolo de Intenções.....	18
1.1 Descobrimo a Fortaleza.....	25
1.2 O processo do tombamento .....	28
1.3 O abandono.....	30
<b>CAPÍTULO II – O PERCURSO DA FORTALEZA DA BARRA COMO ESPAÇO EDUCATIVO.....</b>	<b>33</b>
2. Fortaleza da Barra espaço de educação comunitária.....	33
2.1 A Comunidade: caracterização e mudança.....	37
2.2 Educação Não – Formal.....	43
<b>CAPÍTULO III – MEMÓRIA DA ESCOLA – “FORTALEZA DA BARRA” .....</b>	<b>50</b>
3. O Pioneirismo da professora Josephina... ..	50
<b>CAPÍTULO IV – A EDUCAÇÃO DE UM NOVO OLHAR DA CIDADE DE SANTOS PARA A FORTALEZA.....</b>	<b>60</b>
1. O Educador Social em ação.....	60
2. O Perfil do Educador Social.....	62
3. Experiências de educadores e estagiários.....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
Referências Bibliográficas.....	78
Anexos.....	83

## APRESENTAÇÃO

Ser professora fazia parte de um destino por mim traçado em Mogi das Cruzes, onde nasci. Fui, então, incentivada pelos meus pais a fazer um curso técnico — o que me daria uma profissão — o que me levou a concluir, em quatro anos, o curso Técnico de Turismo. Em 1996, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Católica de Santos. Neste período acadêmico descobri que, desde 1984, a extensão é uma constante prática das universidades confessionais, como se confirma pelo Estatuto da Unisantos. Lê-se em seu Cap.III, art.46 a afirmação: “A Extensão Universitária consiste em Cursos e Serviços, cuja função é a de socializar o saber e oferecer contribuição efetiva à melhoria das condições sociais das pessoas e das comunidades”.(Estatuto Unisantos p.24). Distante do ambiente universitário, o aluno vai ao campo de estágio com o qual ele mais se identificou, e com a orientação do NECOM (Núcleo de Extensão Comunitária) e da coordenação do curso elaboram em equipe um pequeno projeto, que depois é desenvolvido na comunidade, o principal objetivo é atender as necessidades das pessoas daquele local.

Ligado à Pró-Reitoria Comunitária, o NECOM (Núcleo de Extensão Comunitária) é um órgão interdisciplinar, constituído por supervisores e estagiários dos vários Centros e Cursos da Universidade Católica de Santos. Suas atividades são abertas a outras instituições que tenham afinidade com o trabalho desenvolvido. Hoje são várias as comunidades e locais onde os estagiários atuam, tais como: Praia Santa Cruz dos Navegantes e Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande (Guarujá), Vila Ponte Nova/Quarentenário (São Vicente), Paróquia Sagrada Família e Instituto de Educação Infantil “São José” (Santos), Vila Margarida (São Vicente), entre outros.

Em 1996 quando ingressei como aluna no curso de Pedagogia, fomos comunicados que teríamos que fazer estágio comunitário e a primeira tarefa foi a elaboração de uma Rua de Lazer na Comunidade Santa Cruz dos Navegantes – Guarujá, depois continuei cumprindo meu estágio no Centro Comunitário, no projeto “Meu Espaço, Minha Esperança”. Tamanha foi minha surpresa quando fui convidada pelas crianças a conhecer a “Fortaleza Velha”. Caminhamos pela comunidade e, não muito longe, deparei-me com um monumento histórico destruído, cheio de mato devido ao abandono. Procurando informações, descobri que o NECOM assumiu responsabilidade pelo local em 1993; tentei saber se havia condições de desenvolver um projeto naquele lugar. A coordenadora então me informou que não só existia possibilidade, como também já havia um projeto denominado “Guias Mirins da Fortaleza”. Foi quando passei a fazer parte desta equipe compartilhando os conhecimentos adquiridos enquanto aluna do curso de turismo. No cotidiano do trabalho comunitário ia percebendo o quanto é importante à fundamentação epistemológica, e quanto o curso de Pedagogia me dava estrutura para o tipo de trabalho que eu vinha desempenhando. Ora como professora formal: preparando planos de aula, revendo conteúdos, preocupando-me com a metodologia mais apropriada e ora organizando os conteúdos, elaborando novas atividades. Motivou-me muito quando percebi a existência do grande campo de atuação pedagógica no âmbito da educação não-formal. Ainda que seja um sábado ensolarado, lá estão alunos da comunidade ansiosos por aprender, conversar, para ouvir, estudar e compartilhar. Aos poucos percebi o modo como a comunidade se mobiliza, um aluno passa na casa do outro pelo caminho, compartilha o guarda-chuva, divide a bolacha. Comecei a gostar desta escola, que não é sistemática, mas oculta uma regra que ninguém impõe, mas que ela procura seguir e respeita.

Minha trajetória como educadora começou em Praia Grande, trabalhando com recreação em uma escola particular para educação infantil; depois, ao dar aula para o ensino fundamental e quando fui promovida a coordenadora. Atravessei também um período de três

anos pela escola pública e aprendi muito como professora eventual lecionando no ensino fundamental e médio. Nas férias de janeiro e julho participava do Projeto de Alfabetização Solidária com jovens que vinham dos estados de João Pessoa e Pernambuco para receberem formação que os capacitasse a ser professores da Educação de Jovens e Adultos. Às vezes, viajava para estas cidades para uma supervisão nas salas de aulas. Saí da escola particular e fiquei como voluntária na Fortaleza da Barra, atuando como professora dos guias e dando monitoria aos visitantes. Fui convidada a trabalhar como educadora profissional no Programa Escola da Família, uma parceria do Governo do Estado de São Paulo com a UNESCO, na Escola Estadual “Sítio do Campo” na Praia Grande, onde fiquei um ano e meio. E foi muito gratificante poder contribuir, mais uma vez, com o conhecimento adquirido no curso de Pedagogia e com a prática do trabalho comunitário, orientando os estagiários e voluntários na elaboração dos projetos que desenvolviam de acordo com a necessidade da comunidade que estávamos atendendo. Foi quando, atuando como funcionária do NECOM e precisando dedicar um tempo maior aos trabalhos na Fortaleza da Barra, saí do Programa Escola da Família.

O meu interesse pelo tema surgiu no momento em que descobri que no espaço da Fortaleza da Barra existiu uma escola que atendia as crianças que moravam na antiga comunidade de nome Praia do Goes e Pouca Farinha, hoje atual Santa Cruz dos Navegantes, e ao saber que o patrimônio recebeu nova atenção, após intervenção de educadores da Unisantos preocupados em recuperar o espaço e preservar a História.

Assim, a pesquisa tem por intenção provocar um novo olhar sobre a educação não-formal, entretanto, desenvolvida por educadores com formação regular. Ressaltar que a educação pedagógica, com fundamentação teórica e investigativa por meio da prática do trabalho comunitário, prepara o profissional da educação e capacita-o como cidadão crítico e reflexivo para superar as mudanças sociais e torná-lo apto a atuar com a educação, seja ela

formal ou não-formal. A pesquisa visa resgatar da memória a escola que existiu na Fortaleza da Barra de caráter sistemático e refletir sobre a educação não-formal ministrada por educadores que tiveram formação regular, englobando a questão da inserção social, objetivo desta universidade o que, inclusive, consta do seu estatuto.

A pesquisa utilizará o método da pesquisa-ação, proposta por BARBIER (2002), acreditando, como ele, em uma pesquisa-ação existencial/integral quando os temas se fundamentam na afetividade humana e passam a perguntar sobre o lugar do homem na natureza e sobre a ação organizada para dar-lhe um sentido, na busca de compreensão e de interação entre membros das situações investigativas. As ações educativas que são planejadas pelo NECOM atendem a apelos da comunidade e buscam meios de responder aos problemas do entorno.

Para resgatar da memória a escola que existiu na Fortaleza da Barra, iniciamos com o depoimento da professora que ali lecionou desde a década de 1950, Josephina Agosto, e dos moradores que foram seus alunos. Em seguida, foram colhidas experiências de educadores e estagiários que atuaram com projetos na Fortaleza articulados pelo NECOM, visando caracterizar o contexto do trabalho construído no Patrimônio. E também foram entrevistados a coordenadora Prof<sup>ra</sup>. Carmen Lydia Dias Carvalho Lima e o Pró-Reitor Comunitário Prof. Cláudio José dos Santos. Todo este material coletado é analisado à luz das contribuições teóricas sobre o caráter pedagógico da escola e sua função social na Comunidade.

A base teórica, desta pesquisa resulta de autores que vêm desenvolvendo trabalhos na área de educação não-formal e popular, dentre os autores que se dispõe a discutir o assunto, GOHN (2005) que nos apresenta a dimensão do conceito de Educação, transpondo os muros da escola, a sua importância e centralidade competindo a ela ser um instrumento de democratização, num mercado de escolhas e oportunidades. A autora também propõe a necessidade de construirmos uma nova escola para o este milênio, e com ela buscamos a

articulação entre a educação formal e não-formal. JANELA (2001) apresentando a educação não-formal como uma modalidade que vem ocupando um espaço significativo no cenário nacional e que, por isso, merece atenção por parte de diferentes segmentos da sociedade. José Carlos Libâneo afirma que: *Na verdade, é preciso ver as modalidades de educação informal, não-formal, formal em sua interpenetração.*(LIBÂNEO, 2007, p.89). De fato, ele assinala que tais diferenças sintetizam-se em um todo articulado. Nesta articulação as partes se complementam, de tal forma que mesmo mantendo cada qual a sua respectiva especificidade formam um todo de conteúdos, que subsidiam as ações voltadas para a educação geral.

Sobre o tema da educação popular temos Paulo Freire que apresentou com muita propriedade esta modalidade de educação quando diz: *desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa.* (FREIRE, 1987, p.68).

A prática da educação, ainda que seja não-formal, é de grande importância neste momento de mudanças político sociais. Instituições, além da escola, mobilizam-se com projetos que têm como objetivo principal suscitar ações que visam mudanças expressivas tanto no futuro profissional como na vida da comunidade onde estão inseridas. Estes projetos são desenvolvidos pelo NECOM, que dá respaldo à organicidade e sistematização educacional por meio dos profissionais estagiários que ali atuam.

O primeiro capítulo perfaz a trajetória da Fortaleza da Barra e sua relação com o Porto e a cidade de Santos, destaca-se a presença da Universidade Católica de Santos representada pelo NECOM e sua responsabilidade com a utilização do Patrimônio Histórico por meio da assinatura do Protocolo de Intenções, e a formação de cidadania por meio da educação não-formal, o papel pioneiro deste importante patrimônio histórico da cidade do Guarujá. É importante observar que, se a Fortaleza teve, em seus primórdios, como principal função a



guarda militar do Porto de Santos, ela reservou-se também o papel de guardiã cultural da população local, bem como se constitui como espaço escolar formal em que a professora Josephina se colocou a missão de ensinar as primeiras letras para crianças residentes na região de Santa Cruz dos Navegantes. Em seguida, iniciamos um processo reflexivo acerca das relações constituídas e dos referentes sócio-pedagógicos praticados no cotidiano do trabalho comunitário mediado pelo NECOM.

No segundo capítulo descreveremos a caracterização da comunidade e sua mudança, o percurso da Fortaleza da Barra como espaço de educação comunitária, com a presença marcante do NECOM e a atuação dos estagiários e educadores interessados em propiciar à comunidade projetos que possam proporcionar conhecimentos necessários reivindicados pela comunidade.

No terceiro capítulo apresentaremos o percurso da pesquisa realizada com moradores locais, bem como destacaremos as práticas pedagógicas da escola sistemática que existiu na Fortaleza da Barra a partir da década de 50, acompanhado de depoimentos da professora Josefina, que lecionou no local, e também de alguns alunos que ali estudaram. Faremos menção ao apresentar as entidades e pessoas que fazem parte da parceria do NECOM assim como de suas importantes contribuições para o desenvolvimento dos projetos.

No último capítulo, apresentaremos um novo olhar da cidade de Santos para a Fortaleza da Barra e o perfil esperado do educador social e suas ações. Assim, caracterizaremos o contexto do trabalho constituído no patrimônio e no modo como se organiza no seu cotidiano. Este processo será constatado por meio do discurso de alguns moradores, educadores e estagiários em suas práxis, sua estrutura social e cultura organizacional.

## **CAPÍTULO I**

# **A HISTÓRIA DO BRASIL PRESENTE NA FORTALEZA DA BARRA E SUA RELAÇÃO COM O PORTO E A CIDADE DE SANTOS**

### **1. A chegada da Unisantos: Protocolo de Intenções**

Atuando na Santa Cruz dos Navegantes com o trabalho comunitário, o NECOM (antigo NEC – Núcleo de Extensão Comunitária) foi informado que próximo dali existia uma fortaleza velha e abandonada, onde as crianças brincavam e algumas pessoas já utilizavam seu espaço como residência. Os moradores da comunidade se mostravam apreensivos em saber que sentido possuía aquele monumento velho e abandonado, e indagavam sobre o que já havia sido. “Foi um forte?”, “parece que sim”, “eu me lembro que foi escola”, “me lembro que foi um clube militar” eram os comentários frequentes. O fato é que, no cotidiano do seu trabalho, o NEC não podia ignorar e assistir à destruição do patrimônio e sua ruína sem tomar nenhuma atitude. Os profissionais do NEC se colocaram questões tais quais as de Pedro Demo (2004, p.83) quando afirma que: *Se admitimos que estejam de qualquer maneira comprometidos, já não levantamos a pretensão tola de isentarmo-nos de qualquer compromisso, mas vamos logo àquilo de que se trata de fato: que tipo de compromisso vamos justificar?* Assim, a preocupação com a

restauração deste importante espaço da história santista começa a se insinuar no âmbito das preocupações institucionais e comunitárias da Universidade Católica de Santos. Simultaneamente, igual preocupação se torna presente na comunidade local. Entretanto, a memória do importante papel desempenhado pelo Forte era apanágio apenas dos mais velhos e havia a ameaça de seu desaparecimento quando estes habitantes remanescentes morressem. No geral, a comunidade local não sabia muito sobre a Fortaleza e não tinha ciência de quanto conhecimento se havia desperdiçado. Nas palavras de Barbier: *“Não se trata, entretanto, de esperar uma mudança milagrosa ou de permanecer numa atitude passiva. Em verdade, na ação mesma em prol da mudança social e pessoal, uma lúcida apreciação do princípio da realidade permanece constante, sem se perder numa postura fria de todos os que nos repetem continuamente que não se deve sonhar!”* (BARBIER, 2002, p.71-72). Assim, ficava cada vez mais evidente para o NECOM que algo muito urgente teria que ser feito, pois a destruição era generalizada e alguém tinha que dar a partida e intervir para essa batalha ser ganha.

Iniciou-se um processo de conscientização da população no trabalho de reconhecimento da importância histórica e cultural daquele patrimônio para que não se destruísse mais e preservasse o que restava. Educadores que trabalhavam na comunidade iniciaram abaixo-assinados para que alguma coisa fosse feita. O professor Adamastor Amado Stoffel, iniciador de um movimento popular em prol da restauração, frente à inoperância das instituições e à ruína do monumento, escreve em 1990 sua indignação, numa crítica *“A Fortaleza da Barra é, indiscutivelmente, uma amostra do Brasil”*. Em outro momento, um concurso de fotos é elaborado pela professora Ana Maria Chamisso Silva Di Biasi para retratar, em exposição itinerante ao público paulista, no que se transformava um monumento de significativa importância na história do Brasil. Objetivando com isso atrair o olhar de autoridades e pessoas que fossem responsáveis pelos cuidados e reformas de que a Fortaleza vinha necessitando. *“Canto no tempo”* foi o nome da exposição — talvez canto de dor por

tamanho descaso e repúdio — agora aguardando ações que a recuperassem e preservassem para dar início a uma outra história que não a da guerra. Dava-se o primeiro impulso para a futura pesquisa - ação como nos ensina BARBIER: (2002, p.71). *Por essa fórmula, eu indico que o objeto final da pesquisa-ação existencial reside em uma mudança de atitude do sujeito* (indivíduo ou grupo) em relação à realidade que se impõe em última instância.

Reconhecendo sua atuação naquele local, o Núcleo de Extensão Comunitária, por sugestão de um dos supervisores – Professor Doutor José Pinheiro Cortez, propôs à Reitoria da Unisantos marcar um encontro entre autoridades, entidades e pessoas interessadas em preservar e dinamizar o monumento Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande. Após algum tempo de reflexão, a Reitoria concordou com o NECOM e realizou no dia 7 de novembro de 1991 uma primeira reunião. Os objetivos da reunião foram: oferecer oportunidade para que as autoridades, instituições e segmentos da sociedade colocassem suas intenções e compromissos em relação à Fortaleza da Barra; verificar, em conjunto, qual a contribuição que cada um poderia dar; proporcionar ocasião para se conseguirem propostas práticas e objetivas de atividades a serem desenvolvidas e levadas à frente num trabalho conjunto.

A sociedade respondeu positivamente e desta reunião saiu a Comissão de Trabalho/Fortaleza da Barra, que está sob a liderança do Núcleo de Extensão Comunitária da Unisantos, com a responsabilidade de preservação, restauração e ocupação do monumento. A Comissão envolvia agentes dos governos Federal e Municipal, da comunidade local, de prestadoras de serviços públicos e de diversas outras pessoas físicas e jurídicas, e tinha a peculiaridade de uma organização normativa de administração participativa e compartilhada. Inicialmente se encarregaram sob a coordenação da Universidade Católica de Santos, de impedir o desmoronamento de um dos maiores monumentos arquitetônicos militares do Estado de São Paulo, de valor inestimável.

A Comissão de Trabalho/Fortaleza a princípio se reunia mensalmente, na Reitoria da Unisantos, realizando e estimulando uma série de trabalhos culturais, artísticos e educativos. E contou com uma força-tarefa para a limpeza do monumento pelo Programa de Desenvolvimento de Santos e pela Prefeitura Municipal de Guarujá; e vigilância e defesa do patrimônio feita pela Polícia Florestal; trabalhos de conscientização da população local e circunvizinha; divulgação pelos meios de comunicação jornal “A Tribuna” e TV “MAR” e colaboração de vários educadores: Professores Cinara Augusto, Lydia Federici, Yza Fava de Oliveira, Wilma Therezinha Andrade, Angela G. Frigério, Élcio Rogério Secomandi e Carmen Lydia Dias Carvalho Lima na elaboração de textos, crônicas, artigos em boletins, preparação de pessoal para atendimento aos turistas e escolas que começavam a visitar o monumento para comprovar os cuidados e restauro que o monumento vinha recebendo.

O órgão federal responsável, o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, evitando que o monumento se desfizesse em ruínas, em 1992 realizou a obra de consolidação de uma coluna na Casa do Comando; no ano seguinte fez a cobertura da capela e transformou os antigos vestiários em casa do Administrador e numa sala de aula.

Inúmeros patrocinadores abraçam a causa em solidariedade à luta pró Fortaleza da Barra: três seguranças são colocados pela Firma Pires Seguradora Ltda.; a Refinaria Presidente Bernardes de Cubatão/Petrobrás constrói um alambrado de 40 metros para proteger o local; e a fortaleza passa a receber água e luz.

A comunidade troca o sentimento de indignação pelo encantamento em obter reconhecimento de tão importante monumento. Para os educadores era a conquista de um bem cultural guardião de nossa história, e para o NECOM a certeza de que todos os esforços valeram a pena. A formalização de um convênio (Protocolo de Intenções) foi marcada para o dia 2 de setembro de 1993, entre IPHAN, Unisantos e Prefeitura Municipal de Guarujá. Para

testemunhar, compareceram ali, inúmeras pessoas que se uniram aos que lutaram por esta grande conquista e comemoraram.

Foram designados pelo Coordenador Regional do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, pela portaria nº. 8 de 10/4/91 do IBPC os componentes da Comissão Pró Fortaleza da Barra Grande prevista na cláusula V do protocolo de Intenções 12/9/93 entre o Ministério da Cultura por meio da 9ª CR/IBPC, a Prefeitura Municipal do Guarujá e a Universidade Católica de Santos. Foram designados representantes da Unisantos: Maria Helena A. Lambert, José Wilson Vasconcellos Filho, Élcio Rogério Secomandi e Carmen Lydia Dias Carvalho Lima. Pela cidade do Guarujá, Ana Maria Chamisso Silva Di Biasi, Benedita Yara Leoni de Deus, Mário Emmanoel do Nascimento e Marinaldo Nenke Simões. Pelo I.P.H.A. N: Victor Hugo Mori, Mauro David Artur Bondi, Reginaldo Pereira de Miranda.

Em 2008, o patrimônio se encontra quase todo restaurado. Usufrui de harmonia e integração desenvolvendo atividades turísticas, culturais e educacionais atendendo a comunidade vizinha e todas as pessoas que se admiram com o seu panorama visto da cidade de Santos. A Comissão de Trabalho/Fortaleza sempre está atenta ao que pode fazer para ocupar os espaços da Fortaleza, e assim não se descuida: investe em Projetos Educativos que beneficiam a comunidade, estagiários e educadores, fazendo com que a Fortaleza permaneça viva.

Na revisão dos autores que utilizaram Fortaleza da Barra como objeto de seu trabalho, encontramos Silva (1953) que ao falar de Santos noutros tempos, cita a presença importante da Fortaleza da Barra na defesa do porto e da cidade; Muniz (1982) que apresenta em sua obra todos os fortes e fortificações construídas no decorrer dos anos no Litoral Santista, e entre eles a Fortaleza; Stoffel (1990) quando em um artigo do jornal “A Tribuna” faz a crítica sobre o descaso das autoridades sobre o abandono do patrimônio histórico de tão significativa importância para nossa história; (Frigério, Andrade e Oliveira 1992) que no livro: *Santos –*

*Encontro com a História e a Geografia* oferecem uma visão coerente do processo histórico e da realidade geográfica de Santos, citando o momento histórico quando o porto de Santos foi bloqueado por navios rebeldes na Revolta da Armada que atiraram contra as fortalezas, como a da Barra Grande, mas desistiram de entrar pelo estuário quando as mesmas responderam os tiros impedindo sua entrada. Andrade (1996; 2000) traz em seu artigo a fala da historiadora consternada dos momentos vivenciados pelo monumento e em outro artigo cita a presença da capela que resistiu às afrontas do abandono e refere-se ao santo protetor da Fortaleza, abordando o importante documento Protocolo de Intenções ali assinado para recuperação do patrimônio; Secomandi (1993) conta-nos, em seu artigo, as batalhas travadas pela Fortaleza, as crônicas feitas em seu nome e as intenções; Oliveira (1996) narra a história do primeiro ataque de corsário que deu origem à construção da Fortaleza da Barra e sua importância para a cidade na defesa contra os inimigos. Salgado e Silva (2000) apresentam um trabalho por meio de fotografias mostrando a recuperação feita na Fortaleza da Barra e retratando sua beleza nas paredes de sua antiga construção; Mori (2003) aborda nesta obra um paralelo entre a evolução da artilharia com as construções de diferentes sistemas defensivos arquitetados ao longo dos últimos séculos, explicando como funcionava a Organização Militar na Capitania de São Vicente nos primeiros séculos, fala do sistema de proteção da Vila de Santos citando quais eram as fortificações da entrada da Barra Grande. Como engenheiro responsável pelo restauro da Fortaleza da Barra Grande no Guarujá, conta detalhadamente como foi a história deste período; Secomandi (2003) na sua obra destaca a Fortaleza como o mais expressivo conjunto arquitetônico militar do Estado de São Paulo e baluarte de um complexo de fortificações coloniais erguidos ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, para proteger o Porto de Santos, porém, realça a missão assumida pela Universidade Católica de transformar o ambiente em palco para realização de eventos culturais, sociais, artísticos, históricos, ambientais, desportivos e comunitários. Situando a presença do NECOM e

destacando um dos seus projetos no espaço da Fortaleza, Secomandi e Freddo (2005) editam uma publicação com fotos que conta a história e a arquitetura das antigas fortalezas militares da região: *Circuito Turístico dos Fortes*, um roteiro histórico-militar de visitas às fortalezas que foram construídas para proteção do porto, que visa à preservação dos patrimônios histórico-militar, entre eles a Fortaleza da Barra. Observa-se que existe certa tendência quanto a enumerar características ou fatores ligados aos combates travados por aquele patrimônio, ressaltando somente como ponto de defesa do porto de Santos. Dentre a pesquisa, cabe citar os quatro volumes do Órgão Informativo do NECOM – Ação Comunitária 1996/1997/1999/2007 edição que registra as atividades de extensão comunitária, apresentando a Fortaleza da Barra como um dos seus espaços, porém, o destaque para um tema que se aproxima deste trabalho, o artigo apresentado no volume nº. 4 – p.157 “A Ação Pedagógica além dos muros da Escola: Um olhar sobre o papel educativo do pedagogo nos diversos ambientes sociais”, um trabalho de Tatiana Sagica e Vanessa Ferreira Gonçalves que fala da educação não-formal desenvolvida em vários ambientes da Região Santista só não cita o espaço da Fortaleza da Barra.

A pesquisa que desenvolvo como dissertação de mestrado pretende recuperar da memória o espaço sócio-cultural desempenhado pelo patrimônio histórico da Fortaleza da Barra Grande e assim, colaborar com o registro histórico da escola que ali existiu, dando origem à atual Escola Estadual “*Santa Cruz dos Navegantes*”. Do mesmo modo, procuro ressaltar as práticas relativas à extensão universitária que se articula com o ensino e pesquisa da Unisantos, cumprindo seu plano institucional. Com este trabalho de investigação, que se faz na relação passado/presente, entendo estar contribuindo com a universidade no que compete à preparação do aluno graduando, futuro profissional da educação, seja ela formal ou não-formal, quando apresento o estudo das atividades desenvolvidas pelo NECOM.



## 1.1 – Descobrindo a Fortaleza.

A Fortaleza da Barra Grande foi construída no ano de 1584, logo após o ataque do corsário inglês Edward Fenton, quando o território nacional ainda estava sob o domínio do rei Felipe I de Portugal (rei Felipe II da Espanha), no período da União Ibérica. A Holanda e a Inglaterra, tradicionais parceiros de Portugal, estavam em conflito com a Espanha, passando então a ameaçar suas novas colônias. Sua construção tinha como objetivo proteger o Porto e as cidades de Santos e São Vicente, marcando simbolicamente a presença do rei Felipe II da Espanha nessas paragens. Considerando-se o reduzido alcance e precisão das primitivas artilharias do século XVI, foi escolhida pelo arquiteto italiano Juan Baptista Antonelli a Ponta da Ilha de Santo Amaro, onde a sua verticalidade e vento escasso possibilitariam que embarcações invasoras ficassem na mira de seus trinta e dois canhões.

Foram construídas duas plataformas sobrepostas e protegidas por muralhas com guaritas nas extremidades, para concentrar os fogos de artilharia sobre o estreito canal de acesso ao porto de Santos; uma cortadura de pedras para proteger o restante da encosta marítima, até alcançar o *Portão Espanhol*, no espigão do morro; na ravina, um fosso para proteção contra possíveis ataques por terra; no topo do morro, um paiol de munições, isolado por um para-balas, e um reduto (posto de observação, de comando e de direção de tiro); um túnel, sob a muralha inferior, para acesso pelo ancoradouro, e outro, no final da cortadura, para acesso por terra. Trilhas foram abertas na mata, para apoiar as operações de combate. (Órgão Informativo do NECOM. Santos, ano 2, p.111;112, jan.1997).

Na segunda plataforma ficava o casarão do comandante, onde eram estabelecidas as ordens de serviço, e cujas paredes ainda hoje estão preservadas, construídas com a argamassa do sambaqui (material de concheiros, deixados pelo povo do sambaqui, misturado com óleo

de baleia). As repartições da casa do comandante são: uma varanda com entrada principal com cinco arcadas coloniais, à esquerda uma longa sala retangular com seis janelas — que servia algumas vezes como alojamento para os soldados que vinham a serviço quando aumentavam os ataques dos piratas; ao fundo, um vão de porta que dá acesso ao que hoje são dois banheiros individuais. Após a varanda, o salão nobre ou do comando. Ao fundo fica uma saleta comum; localizada em sua lateral esquerda uma escada de madeira que dá acesso a um mezanino que foi o quarto dos soldados (geralmente cinquenta). Passando por esta saleta e seguindo aos fundos, para a esquerda, funcionavam os calabouços, ou a chamada “*Bastilha Santista*”; dois espaços que foram utilizados, um para presos perigosos (assassinos, ladrões), outro para presos das galés e desertores de guerras (dois padres e um capitão). Continuando, encontramos o espaço que serviu de cozinha do Forte. Mais a frente ficava uma copa que dava acesso ao salão nobre, a uma saleta de recepção com uma janela lateral esquerda e mais duas janelas coloniais bem a frente, todas com vista para o mar, com as típicas conversadeiras de alvenaria (espaço feito próximo à janela como um sofá de alvenaria onde as pessoas sentavam para conversar). A saída ficava na lateral direita da varanda principal. À esquerda da Casa do Comandante, uma capela em homenagem a Santo Amaro, protetor da Fortaleza. Esta capela substituiu em 1742 o espaço que era utilizado como paiol de munições. Construída sobre as rochas, na cabeça do dragão, esporão que adentra sobre o mar da Ilha de Santo Amaro, com o desempenho de diversas funções: abrigo, prisão, lazer, escola, turismo histórico entre elas a mais importante, no passado, defender o Canal que dá acesso ao Porto, à cidade de Santos e à cidade de São Vicente. E, hoje, desempenha sua função mais expressiva, espaço de educação comunitária.

A Fortaleza, ainda que bem localizada, contou com a ajuda em suas batalhas do Forte Augusto, conhecido ainda pelas denominações: da Estacada, da Trincheira e do Castro. Sua construção, a partir de 1732, foi iniciada pelo Comandante João Castro de Oliveira, por

ocasião da reestruturação do sistema defensivo do Porto de Santos. Como aquele local fornece melhor visibilidade, assim que o soldado de sentinela reconhecia os navios de piratas ou corsários, hasteava uma bandeira encarnada e avisava o restante dos soldados. Estes corriam e davam duas salvas de canhão. A Fortaleza da Barra, avistando a bandeira e ouvindo o estrondo, respondia com outro tiro de canhão. A cidade ficava em alerta, e os dois fortes ficavam preparados para cruzar fogo e proteger a entrada do Estuário.

Seus canhões dispararam os últimos tiros por ocasião da Revolta da Armada, sua construção, não resistindo aos embates do mar, acabou em ruínas, tendo sido desativado em fins do século XIX, dando lugar, em 1906, ao prédio da Escola de Aprendizes – Marinheiros do Estado de São Paulo, organizada pela Marinha.

Esse estabelecimento de ensino data de 1908, sendo inaugurado em 5 de maio de 1909, funcionando até 1931, quando foi extinta por ordem do Governo Federal, cedeu lugar à Escola de Pesca (oriunda do Guarujá) recebendo o nome de Instituto de Pesca Marítima. Um antigo gabinete de História Natural, ligado à Escola de Pesca que foi lentamente crescendo, originando o que é hoje o Museu de Pesca.

Do texto redigido por Roberto da Graça Lopes e Antônio Carlos Simões, “Museu do Instituto de Pesca: Patrimônio Histórico e Cultural da Comunidade” cabe salientar o seu segundo item:

O Museu do Instituto de Pesca tem finalidades científico-culturais e objetivas à difusão de conhecimentos originados do estudo do ambiente aquático e da tecnologia aplicada para a exploração racional dos recursos marinhos e de águas continentais. É sua função ainda desenvolver atividades educativas não formais, com o intuito de criar ou descobrir e estimular mentalidades dirigidas à correta utilização dos recursos naturais, incluindo os recursos pesqueiros.

Podemos analisar que tanto a Fortaleza da Barra como o antigo Forte Augusto atraíram para si um mesmo fim, ainda que do Forte Augusto só reste a história, de alguma

forma o local emana para a educação em vários momentos. E juntos continuam atuando em uma mesma batalha, a educação.

## **1.2 O processo do tombamento**

A Fortaleza da Barra teve como objetivo proteger o Porto e defender a cidade de Santos do ataque de corsários e piratas, mas perdeu sua função estratégica no início do século XX, quando o Porto, sob o controle da Companhia Docas, foi sendo modernizado, lançando-se as bases para a sua transformação no maior porto da América do Sul.

Em 1867, com o início da operação da *Estrada de Ferro São Paulo Railway* à margem do estuário, melhorou substancialmente o sistema de transportes da região e passou a representar um marco decisivo para o incremento do comércio local e o desenvolvimento da cidade. Nessa ocasião, a cultura do café estendia-se por todo o planalto do Estado atingindo, inclusive, algumas regiões da Baixada Santista. Havia, assim, a necessidade de modernizar e ampliar as instalações portuárias para permitir, principalmente, o escoamento desse importante produto de exportação. Em fevereiro de 1892, a Cia. Docas de Santos entregou ao tráfego os primeiros 260m de cais, que vieram a substituir os trapiches e pontes fincadas em terreno lodoso e de mangues no bairro do Valongo. Com a atracação do vapor “*Nasmith*” de bandeira inglesa, iniciaram-se formalmente as operações de Santos como Porto organizado.

Assim também, em 1886 iniciava-se o Projeto de Defesa do Porto de Santos que viria substituir o já ultrapassado sistema de fortificações herdado dos séculos anteriores. A moderna artilharia de alma raiada com alcance e precisão de até 10 km exigia um novo sistema de proteção em substituição ao modelo concebido no período colonial. As obras iniciaram-se antes mesmo da conclusão das desapropriações, sob a coordenação do engenheiro militar Augusto Ximeno Villeroy. O último combate da Fortaleza foi em 1893

durante a Revolta da Armada, chefiada pelo Almirante Custódio José de Melo. Isso no dia 20 de setembro quando os cruzadores “*República*” e “*Palas*”, que haviam se deslocado da antiga Capital Federal para Santos, chegaram à entrada da Barra e atiraram contra a Fortaleza, seguindo-se de um fogo cruzado que deixou em pânico toda a cidade. Seus artilheiros prosseguiram firmes, sem descansar, até conseguirem expulsar os navios revoltosos para fora da barra. Sua derradeira batalha comprovou a ineficácia dos antigos armamentos coloniais diante dos novos engenhos de guerra, sendo então a Fortaleza da Barra desativada e substituída pela Fortaleza de Itaipu.

Em 1905, por decisão do Ministério da Guerra, em aviso dirigido ao Chefe do Estado Maior, sua bateria foi transferida e passou a ser alojamento do 24º batalhão que viria trabalhar no Forte de Itaipu, em Praia Grande. A partir daí, seria um simples posto Fiscal da Barra, depósito de pólvora e materiais diversos, fragilmente caminhando para uma lenta agonia. Foi requerida, em 1931, para o serviço de vigilância e Polícia Naval da Capitania dos Portos, e na Revolução Constitucionalista de 1932, aquartelou a Terceira Companhia do Batalhão de Engenharia de Santos, sob o comando do Capitão Engenheiro Castelo Branco servindo de Posto Angular. Na década de 1940, nos últimos anos passou a alojar marinheiros da Polícia Marítima e Aérea já extinta, e por meados de 1951 cedia um dos seus espaços para atender as crianças das comunidades Pouca Farinha e Praia do Goes que precisavam de escola. Em 1956 transformou-se em sede náutica do Círculo Militar de Santos revivendo socialmente até princípios de 1969, a SOAMAR (Sociedade Amigos da Marinha) ocupou também o espaço da Fortaleza e ali se faziam reuniões sociais e familiares. A utilização preservava a Fortaleza e conservava o patrimônio. Com a chegada do CONDEPHAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico), foi tombado em 1967 pelo Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Notícias, Nr. 17 jun.93, IBPC/Brasília, DF) e entregue à extinta SPHAN/Pró-Memória (Serviço do Patrimônio, Histórico, Artístico

Nacional). De posse do bem tombado, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) descuidou-se dele, gerando uma nova e triste história para a Fortaleza.

### **1.3 O abandono**

Ocupando invejável posição estratégica, a Fortaleza está construída sobre as rochas que adentram sobre o mar, e por muito tempo defendeu a população santista do ataque de piratas e corsários que só tinham olhos para riquezas e poder. Atuou resistentemente aos ataques sem nunca ser invadida, e, quando se pensava que seria promovida com o seu tombamento a um dos maiores marcos da nossa história, sofreu depredações, desvios de materiais, ocupação ilegal e, sem os cuidados merecidos, transformou-se em destroços, onde a natureza tomava conta de forma desordenada. De repente, deixava de ter forças para se defender e ficava entregue a todo tipo de violência. As amostras dessa agressão foram coletadas pela Justiça Federal que contemplava o triste futuro do maior Monumento Arquitetônico Militar na entrada do estuário, pronto a se tornar mais uma paisagem de ruínas históricas sobrepostas por barracos.

Ficou com o seu quartel praticamente todo destruído, a vegetação tomava conta da casa grande, mendigos e desabrigados começavam a tomar posse dos espaços para moradia. Os antigos paredões sofriam um rápido processo de deterioração. Nem a Capela que foi feita em homenagem a Santo Amaro, o seu santo protetor, foi poupada. Ficou com seu altar destruído, sem telhado e suas paredes pichadas como um espaço qualquer, um desrespeito ao ambiente onde foram feitas, quem sabe, quantas orações para que os soldados tivessem vitória diante de tanta crueldade dos invasores. Agora se tornava Fortaleza Velha, um recinto que, visto de Santos, era um escombro perdido no meio da vegetação, sem significado nenhum e que tampouco atraía o interesse de quem a avistava. Quem a conheceu, vivenciava sua

decadência com consternação, sem saber o que fazer. A própria Comunidade em derredor afligia-se com sua situação, e não encontrava forças para lutar a seu favor, não sabia que instrumentos usar, onde recorrer.

Em um artigo escrito pela historiadora Wilma Therezinha Fernandes de Andrade sobre os “três momentos da vida de um monumento”, ela afirma: *Hoje, 1991, o estado ruinoso da Fortaleza da Barra é assustador. A par de sua história, outra história se desenrola fora da Fortaleza: a luta pela sua preservação, ou melhor, pela sua salvação. (Revista Leopoldianum, nr. 51/dez.91).*

Agora os espaços da Fortaleza serviam de cenário de terror para as crianças que ali brincavam, e pessoas que a visitavam criavam no seu imaginário o casarão dos fantasmas, o morro do cemitério e alguns até acreditavam ouvirem os ruídos de correntes serem arrastadas no antigo calabouço onde ficavam os presos. Com o abandono a Fortaleza quase foi relegada ao esquecimento de sua importante história. Aqueles que morreram para defender uma causa coletiva, entretanto, além de perder a vida nas lutas, agora morreriam na memória dos descendentes daqueles por quem lutou. A dívida que a sociedade santista tinha para com esses personagens só poderia ser resgatada à medida que a dignidade da Fortaleza também o fosse, e se desenvolvesse uma longa campanha de conscientização cívica. Em um Caderno de Recados da Fortaleza da Barra, Kátia Ayres dos Anjos, moradora na Santa Cruz dos Navegantes e aluna do 7º semestre do Serviço Social deixa-nos registrado a seguinte declaração:

Eu, que aqui vivo há 36 anos e na infância a conheci; posso com certeza garantir a importância do trabalho aqui realizado. Durante um bom tempo ela esteve abandonada e nós só ouvimos falar sobre lendas, fantasmas entre outros problemas reais. Até que alguns uniram forças e com grande bravura contribuíram para sua restauração. Um lugar antes abandonado, agora abre seus braços e a todos acolhe com amor. Nela se reconstrói o passado, se constroem os alicerces para o futuro de quem antes no mundo não tinha espaço.

Por inúmeras vezes se notificou a recuperação da Fortaleza. A Prefeitura Municipal do Guarujá chegou a anunciar a sua restauração com intenção de obter o retorno do investimento por meio do turismo, mas nada ficou visível ou foi feito. Reuniões, planos sugestivos, campanhas entre escolas objetivando sensibilizar altas autoridades do país, foram enviados ao Ministério da Cultura (Celso Furtado). Vinte e seis escolas, em um abaixo-assinado com 5.000 assinaturas, não foram suficientes para atrair o olhar sensível dos que podiam fazer alguma coisa. Abrigada no meio da vegetação como estratégia para se ocultar dos piratas, sofria agora uma lenta agonia; calada, escondida aguardando apoio para vencer mais essa batalha.



## **CAPÍTULO II**

### **O PERCURSO DA FORTALEZA DA BARRA**

#### **COMO ESPAÇO EDUCATIVO**

##### **2. Fortaleza da Barra espaço de educação comunitária**

Ao analisarmos a Fortaleza da Barra como espaço de educação comunitária, é fundamental que conheçamos as características nela existentes para verificar as particularidades e a eficácia das formas de educação formal e não-formal ali praticada e que vêm, cada vez mais, despertando interesse da Universidade como mais um espaço de formação e de interação com a comunidade.

Como um fenômeno complexo, a educação tem se apresentado de diferentes maneiras e sob vários enfoques: educação como processo de socialização; educação formal constituída e balizada por normas institucionais; educação como técnica social praticada com a finalidade de mudar o comportamento humano. Mas a educação tem sido vista também como um processo mais amplo, não limitado a uma faixa etária determinada ou à escolarização.

Ver a educação como prática social dissolvida nos movimentos sociais é uma sociologização da educação que empobrece a Pedagogia; ver a educação apenas no âmbito escolar é pedagogismo que empobrece uma visão contextualizada da prática educativa escolar. (LIBÁNEO, 2007, p.90).

Educação, como se sabe, é o processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano. Onde existem relações humanas, a educação acontece, mas

o conceito foi se expandindo, ocupando tantos espaços, recebendo tantas formas que cabe ressaltar os termos explicativos que a condicionam. Dentre os autores que discutem o assunto, Almerindo Janela Afonso distingue educação formal de educação não-formal e informal com bastante propriedade:

Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto (1989, p.78).

Também temos a distinção das duas modalidades da educação por José Carlos Libâneo que nos coloca diante de algumas questões, propondo uma reflexão que aprofunda o conceito do que pode ser compreendido como educação formal ou ainda educação não-formal; senão vejamos:

Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não-convencionais). Entende-se, assim, que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal. Nesse caso, são atividades educativas formais também a educação de adultos, a educação sindical, a educação profissional, desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco do escolar propriamente dito. A educação não-formal, por sua vez, são aquelas atividades de caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas. Tal é o caso dos movimentos sociais organizados na cidade e no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas, praças, áreas de recreação) etc. Na escola são práticas não-formais as atividades extra-escolares que

provêm conhecimentos complementares, em conexão com a educação formal (feiras, visitas etc), O exemplo da escola mostra que, frequentemente, haverá um intercâmbio entre o formal e o não-formal. Uma associação de bairro, instância de educação não-formal, poderá reunir as mães, durante três dias, para um curso sobre a importância do aleitamento materno, onde se terão objetivos explícitos, conteúdos, métodos de ensino, procedimentos didáticos que são características da educação formal. (2007. p.88;89).

Sintetizando, a educação não-formal tem como ponto fundamental para o desenvolvimento do seu trabalho as questões que são importantes para um determinado grupo de pessoas. E estas pessoas estão envolvidas de forma prazerosa na aquisição dos conhecimentos, sem obrigatoriedade ou sanções. O local geralmente é agradável, reúne grupos de diferentes idades e permite a movimentação e a oportunidade de as pessoas compartilharem o que sabem. Esse conhecimento deve permitir o estabelecimento de laços afetivos desses sujeitos, como prática de vivência social coletiva. Ainda que a educação não-formal planeje seus conteúdos, estes são flexíveis e procuram complementar as lacunas deixadas pela escola.

Cabe-nos analisar a importante contribuição realizada por Maria da Glória Gohn definindo a educação não-formal. A autora designa esta modalidade como um método com quatro campos ou dimensões, que correspondem a suas áreas de abrangência, tais como:

O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, isto é, o processo que gera a conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social e da natureza que o cerca, por meio da participação em atividades grupais. Participar de um conselho de escola poderá desenvolver esta aprendizagem. O segundo, a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. O terceiro, a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos. (...) O quarto e não menos importante é a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas de espaços diferenciados. Aqui, o ato de ensinar se realiza de forma mais espontânea, e as forças sociais organizadas de uma comunidade têm o poder de interferir na delimitação do conteúdo didático ministrado bem como

estabelecer as finalidades a que se destinam aquelas práticas. (GOHN, 2005, p.97)

Retomando o terceiro campo citado por Gohn, pode-se acrescentar o significado encontrado no dicionário Aurélio (1977, p.127): *Comunitário: relativo à comunidade, é a educação proveniente do interesse em comum de um grupo de pessoas; que lutam por um mesmo ideal, um mesmo sonho, com um mesmo fim.* Parece-nos algo muito simples quando lemos no dicionário, ou quando assistimos pela televisão a ações comunitárias que acontecem em algumas regiões. No entanto, esta simplicidade caiu por terra quando fomos informados de que o nosso estágio de curso de Pedagogia deveria abordar aspectos dessa modalidade de educação e nos inteiramos do assunto. Muitos de nós não sabíamos da grande complexidade deste tema antes de sentarmos no banco da universidade. Ficamos surpreendidos quando o assunto foi abordado no curso de Pedagogia, quando nos avisaram que teríamos que fazer estágio de trabalho comunitário. Logo nos ocorreu ser um daqueles movimentos assistencialistas que não levam ninguém a lugar algum. Engano nosso, e ainda bem, pois encontramos nesse trabalho algo totalmente diferente, quando finalmente fomos realizá-lo, na comunidade de Santa Cruz dos Navegantes.

E foram tantas as diferenças e tantas as surpresas! Entre elas, a descoberta do local onde se daria o estágio programado. Lá estava o maior conjunto arquitetônico militar do Estado de São Paulo – a Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, um Patrimônio Histórico de grande importância na história do Brasil deteriorando-se; localizado ali, bem próximo da comunidade Santa Cruz dos Navegantes, antiga Pouca Farinha, onde alguns de nós escolhemos fazer o estágio de Trabalho Comunitário.

## 2.1 A Comunidade: caracterização e mudança

Quando saímos da cidade de Santos e nos direcionamos a Comunidade Santa Cruz dos Navegantes, tomamos contato com uma realidade bem diversa daquela com a qual estamos habituados, situando-nos numa região semi-urbanizada. Saindo do atracadouro, encontramos moradias em zonas de ocupações clandestinas e, no mais das vezes, em situações de risco com rede elétrica improvisada, serviços públicos precários, degradação ambiental, população com reduzido grau de escolaridade e baixo nível de renda.

Conhecida desde 1502, e havendo sido chamada anteriormente como “Pouca Farinha” — devido à história de um antigo morador que atravessava para Santos para beber e conversar e, depois, com o dinheiro que sobrava comprava um pouco de farinha. Santa Cruz dos Navegantes fica no Município do Guarujá e possui uma área de 186.292,10 m<sup>2</sup>, sendo 89.616,44 m<sup>2</sup> de área construída pertencente ao (Serviço de Patrimônio da União), região de mangue e praia, localizada entre o Estuário de Santos, Rio Icanhema, Rio da Missa e Morro do Limão. Nos anos 70, a SUDELPA (Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista) abriu uma via de acesso às áreas urbanizadas do município e também passou a funcionar ali uma linha de ônibus, porém, o acesso mais rápido é feito através de pequenos barcos a motor que conduzem as pessoas ao Município de Santos. Existe um Projeto de Participação Comunitária que visa complementar o projeto de reurbanização, dando estímulo à participação comunitária, à educação sanitária e ambiental e geração de renda e emprego. Dos 3.289 moradores com mais de 19 anos, 502 conseguiram concluir o segundo grau, 497 crianças de até 7 anos não frequentam sala de aula, 103 estão matriculadas em creches e 213 na pré-escola. Na área, 46 pessoas tiveram acesso ao curso superior e 20 conseguiram concluí-lo. Por outro lado, 240 moradores se declararam analfabetos, nunca havendo frequentado escola, e 74 apenas lêem e escrevem. (SEPLA, 2004, p.5; 6; 7 e 12).

Em pesquisa de campo constatou-se que possui um Posto Policial, o Posto de Saúde, a E.E. “*Nossa Senhora dos Navegantes*” que oferece os ensinos fundamental e médio nos períodos matutino, vespertino e noturno. Há também a Cooperativa de Reciclagem da Ilha (Cooperilha), um Centro Comunitário, uma Creche Comunitária, a Escola de Samba Santa

Cruz dos Navegantes, a Sociedade de Amigos e Moradores do Bairro, algumas farmácias, açougues, padarias, supermercados, lojas, bares, dois clubes (Clube Internacional e Regatas Saldanha da Gama). Tem também um depósito de material de construção, feira livre uma vez por semana e várias igrejas de credos diferentes. O posto do Correio que existia foi extinto. A Comunidade possui água potável, coleta de lixo e rede elétrica, as ruas são pavimentadas e a rede de esgoto está em andamento. As moradias são diversificadas, contrastando boas construções com simples palafitas. Nos anos trinta, moravam na comunidade Santa Cruz dos Navegantes não mais que vinte famílias, na suas maiorias caiçaras e trabalhadores da pesca artesanal, mas não demorou muito para o bairro ir crescendo e receber habitantes de diferentes regiões da Baixada e ocupações que tiveram seu início a partir da imigração, quando muitas pessoas vinham em busca de trabalho no Porto de Santos e moradia barata. Pelos cálculos do IBGE, em 2000 a região possui 6.734 residentes. Próximo dali, na Praia do Goes, começando pela localização que é mais isolada, as dificuldades são parecidas, tendo como único acesso o mar, por meio das embarcações. Tudo que os seus habitantes precisam está distante dali. No entanto, a cidade de Santos, já na década de 70, atravessou uma crise urbana ligada ao declínio da atividade portuária e ao crescimento e modernização do porto. A mão-de-obra foi sendo substituída pelo avanço da tecnologia, ou seja, pelo uso de esteiras e dos containeres, ocasionando a redução no número de empregados portuários e o fechamento de muitas casas comerciais. As mudanças introduzidas no porto provocam a diminuição da oferta de emprego local, o abandono ou degradação de áreas da cidade e a deflagração de uma crise de identidade da Cidade de Santos. Regiões como as de São Vicente, Praia Grande e Guarujá — habitado previamente por caiçaras, pescadores artesanais — foram sendo tomadas por uma avalanche de famílias que iam em busca de moradias mais baratas. Essa busca desenfreada por sobrevivência trouxe a ocupação dos

mangues, gerando degradação de berços naturais, poluindo o ambiente e provocando alterações nos hábitos culturais dessas populações.

O Porto de Santos, sob o controle da Companhia Docas, foi sendo modernizado e com a Lei de Modernização dos Portos, Lei 8630/93 de 24 de fevereiro de 1993 lançam-se os alicerces para a sua transformação no maior porto da América Latina. Com base em estudos do grupo de pesquisa Educação, Trabalho e Cultura Portuária do qual sou membro e depoimento de um trabalhador portuário na estiva e operária da Companhia Docas de Santos, depreende-se que o porto provocou mudanças para a cidade, quando a modernização trocou a mão-de-obra humana pela automatização, pegando muitos trabalhadores de surpresa.

A cultura dos trabalhadores portuários foi sendo desfeita, assim como muitas famílias quando estas perderam seus planos de saúde, lazer e tiveram que tirar seus filhos das escolas particulares passando-os para a escola pública em visível processo de empobrecimento. A queda salarial reverteu em degradação, pais de famílias desviaram-se para vícios em drogas, bebidas e as famílias, não suportando, se desfaziam. O reflexo dessa diminuição no poder aquisitivo e o desemprego se expandiram para as cidades, para o comércio, moradia e educação e impuseram a procura de novas alternativas para superar todas essas mudanças.

Em 1986, o Núcleo de Extensão Comunitária principia seus trabalhos em várias entidades da Baixada Santista quando numa reunião a líder, Presidente do Centro Comunitário, Maria Teresa de Almeida Chagas convida a equipe do NEC para atuar em Santa Cruz dos Navegantes. Iniciando ali seus trabalhos, estagiários, supervisores de Pedagogia e Enfermagem, encontram-se com os supervisores do Serviço Social e Psicologia, juntam suas forças e lançam os alicerces para o que vem a ser hoje o NECOM.

A comunidade Santa Cruz dos Navegantes foi a primeira a contar com o trabalho de forma interdisciplinar. Esta metodologia foi fruto de um projeto de trabalho e estágio que promoveu efetivamente a integração entre o NECOM e a comunidade. O caminho da

interdisciplinaridade foi o resultante de muitas reuniões e acertos entre supervisores de estágio e da Diretora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Coordenadora dos Estágios bem como contou com o apoio da Prof<sup>ª</sup>. Maria Helena de Almeida Lambert, atual Reitora Acadêmica da Unisantos.

Em 1988, nascia oficialmente o NECOM, ligado inicialmente à Vice-Reitoria Acadêmica, após dez anos passou para a Vice-Reitoria Comunitária, com o Vice-Reitor – Prof. Antonio Fernando Conceição Santos; depois, à Pró-Reitoria Comunitária, com o Prof. Dr. Ouhydes João Augusto Fonseca e, atualmente com o Prof. Cláudio José dos Santos.

Desde que foi criado, o NECOM preocupou-se em lançar seus objetivos, procedimentos metodológicos e selecionar as comunidades onde iniciariam os trabalhos. Procurou definir a Extensão como prática universitária que articula o ensino e a pesquisa, dando-lhes uma dimensão ética, social e política. Assim, o (Núcleo de Extensão Comunitária) NECOM da Universidade Católica de Santos tem como seus objetivos

:

Participar da construção de uma sociedade mais justa e humana, por meio de projetos educativos interdisciplinares, envolvendo intervenções sociais como práticas de extensão, articulando o ensino e a pesquisa; favorecer o desenvolvimento e a melhoria das condições de vida da população, por meio da sensibilização, formação da consciência social e organização, visando a fortalecer o seu papel de sujeito de sua própria história; capacitar, de forma ativa e participativa, adolescentes, jovens e adultos para que se tornem facilitadores e multiplicadores do processo de construção da cidadania, tendo como eixo a saúde e a qualidade de vida; contribuir, enquanto Universidade aberta à comunidade, para a formação técnica e humana de profissionais-cidadãos comprometidos com o processo da transformação social; (Revista do NECOM. Santos, ano 4, abril de 2007).

O eixo da ação dos trabalhos de extensão do NECOM nas comunidades é norteado conforme os objetivos da Universidade Católica de Santos e de seu Projeto Político Pedagógico e se divide em vários subprojetos, definidos a partir das necessidades da



comunidade onde está inserido. Utiliza-se a pesquisa participante para levantamento da realidade, envolvendo universitários, professores, supervisores e agentes da comunidade.

Seu modelo de gestão é participativo, trata-se de um conhecimento para a ação, implicando necessariamente em mudança no modo de pensar e atuar das pessoas tanto no que diz respeito à comunidade como também da Universidade.

O NECOM tendo esse papel primordial de cristalizar a extensão, ensino e pesquisa, o papel exercido é uma via de mão dupla porque sai dos seus muros, ou seja, coloca-se a disposição da Comunidade, principalmente das comunidades mais necessitadas, aquilo que a Universidade produz como ensino e, sobretudo, produz como pesquisa. Então ela sai desta redoma de como a Universidade está colocada e se espraia para fora, e vai ao encontro da comunidade. Por outro lado a comunidade presta um extraordinário serviço à Universidade, ao permitir que seus alunos se formem não apenas na teoria de sala de aula; mas vivenciando na prática as questões que são as questões reais. Uma coisa é eu preparar um curso na área da Sociologia com abordagem em Marx, Weber, Durkheim que são pessoas que pensaram na realidade da Europa, pensaram na realidade e trago para os meus alunos. Mas é preciso que meus alunos vivenciem a nossa realidade, então isso vai dar uma chance muito grande. Prof. Cláudio José dos Santos – Pró-Reitor Comunitário (Entrevista de 22/12/2008 – Santos).

O NECOM é, portanto, um processo transformador, desenvolve seus projetos em co-responsabilidade com as organizações existentes na comunidade sendo vinculado à Pró-Reitoria Comunitária, gerido por meio de uma Coordenação Geral, Orientação de Campo e Supervisão de Área.

Como Coordenadora responsável pela parte administrativa do NECOM e com a tarefa de integrar os trabalhos dos Orientadores de Campo, dos Supervisores de Área e dos Universitários tem a Prof<sup>a</sup>. Carmen Lydia Dias Carvalho Lima.

Os projetos devem ter sua execução vinculada aos Cursos e Centros da Unisantos. Os universitários, supervisionados por Orientadores de Campo e Supervisores de Área, são

responsáveis pela elaboração e realização dos projetos, pelos relatórios dos atendimentos efetuados, pelo registro das atividades e pela participação duas vezes por semana em reuniões.

É nas reuniões que ocorrem as trocas de experiências, as reformulações e a construção das muitas idéias para se alcançar os objetivos, é o momento que o aluno estagiário tem para aprender e estabelecer relações entre os conhecimentos teóricos que já possui e os que estão sendo construídos. Adquire amadurecimento profissional e aprende a ter autonomia e responder aos compromissos que assume com a comunidade, colaborando na transformação da realidade. Foi acreditando na extensão universitária que os educadores não desanimaram, faz-se aqui uma pequena descrição desta trajetória.

Num pequeno compartimento do antigo Centro Comunitário na comunidade Santa Cruz dos Navegantes, em um pequeno armário e com poucos materiais, os estagiários traziam juntos a vontade de aprender e compartilhar o que sabiam. Não importava o curso que faziam se História, Psicologia, Serviço Social ou Pedagogia. O trabalho de forma lúdica fornecia aos participantes conhecimentos diversos e respondia muitas de suas inquietações. Os projetos desenvolvidos naquele tempo eram: Brincando com Arte, Guias Mirins da Fortaleza da Barra, Projeto Família e Comissão de Trabalho/Fortaleza da Barra. A cada final de mês os estagiários do primeiro ano de Pedagogia eram orientados a elaborar uma Rua de Lazer para a comunidade. Neste dia, estagiários e profissionais de outras áreas uniam-se para o trabalho e proporcionavam com esta atividade de lazer: brincadeiras lúdicas, palestras de higiene e saúde, peças teatrais infantis, resgatavam brincadeiras antigas como pular corda, roda-roda, pião, elaboração de pipas, bambolês, gincanas e outros.

De forma que uma cidade necessita de lugares para esses contatos humanos do olhar. Lugares de encontro. Um encontro não é somente um encontro público, é encontrar-se em público; pessoas se encontrando. Parar sempre que possível para um momento de toque do olhar. Se a cidade não tem lugares para pausas, como é possível o encontro? (Hillman, 1993, p. 41).

O tempo passava e a comunidade crescia dia-a-dia, aumentando o número de crianças e jovens. As péssimas condições de vida atreladas ao processo de acomodação dos moradores, exigiam maior ação do NECOM e sua expansão. A parceria do Banco ITAÚ/FUNDAÇÃO ITAÚ SOCIAL, foi muito bem-vinda naquele momento, pois permitiu a compra de um imóvel na Santa Cruz dos Navegantes para ser a sede da Unisantos/NECOM e muitos materiais que aperfeiçoavam esse atendimento, contribuindo para realização destes trabalhos.

## **2.2 Educação não - formal**

A educação não-formal torna-se o foco central exercido por uma equipe interdisciplinar, geralmente formada por componentes dos seguintes cursos da Universidade: Serviço Social, Pedagogia, Enfermagem, Psicologia, História, Geografia, Farmácia e estagiários das mesmas. A ação passou a ser desenvolvida nos espaços da Sede do NECOM e permitiu que estagiários e comunidade se encontrassem no decorrer de toda a semana em diversos trabalhos e horários. Não demorou muito e algumas dessas atividades, passaram a ser desenvolvidas na própria Fortaleza da Barra, buscando sempre uma interação dialógica que proporcionasse e despertasse para resolução de maiores problemas. Enfim, através dessas interações, a Fortaleza da Barra passou a exercer sua função social e educativa e priorizar os projetos que mais atendessem as necessidades da comunidade.

Atualmente, deparamo-nos com a Educação em pleno período de transformação. A LDB 9394/96 estabelece novos critérios para a organização do ensino escolar, além de acenar

com possibilidades extracurriculares como os Temas Transversais recomendados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). O momento, portanto, é propício para inserir novas teorias e práticas na educação, tais como projetos interdisciplinares, que fujam de currículos disciplinares fechados. Assim elegemos os trabalhos comunitários como prioridade de educação não-formal, pois entendemos que uma vez os conceitos de cidadania e construção de identidade sendo estabelecidos, as pessoas que dele se servem transferem suas experiências para familiares e amigos, tecendo e ampliando o objetivo final: aprender e se reeducar, preparando-se para um mundo em transformação.

As comunidades mais humildes, como Santa Cruz dos Navegantes, sofrem as consequências e os impactos que decorrem da implementação da Lei de Modernização dos Portos, com as recentes mudanças políticas e sociais que estão sendo feitas e que estão previstas para a cidade do Guarujá. A população tem direito de estar informada sobre as transformações de seus ambientes de trabalho, moradia e lazer, inclusive para visualizar suas próprias responsabilidades e para utilizar os mecanismos existentes de participação nas decisões. Parte das dificuldades para as decisões sobre a política ambiental sabe-se que vem da falta de informação suficiente com que se deparam os cidadãos. Neste cenário é a vez da Universidade fazer-se presente, e por meio do NECOM intervir, investigando a emergência dos problemas que impactam a comunidade em que atua. Colocar-se a disposição para cooperar na educação desta comunidade e juntas alcançar os meios que deem suporte necessário para acompanhar estas mudanças, contando para isso com a parceria, vontade, conhecimento, disposição, solidariedade e esforço de cada um que se apresenta para o trabalho.

Em sua relação com a educação não-formal, essa busca de interação passa a oferecer à comunidade uma programação educativa diversificada: cursos de meio-ambiente, espanhol, inglês, turismo, culinária, auxiliar de garçom, camareira, teatro etc. Essa articulação entre a

natureza educativa não-formal da Fortaleza com a educação formal vivenciada pelas pessoas que moram na comunidade e que estudam (ou estudaram) e que participam dos projetos oferecidos, é uma prática que tem demonstrado ser uma ação benéfica para todos. Tem complementado os componentes da educação formal, dando oportunidade aos jovens de um primeiro emprego, contribuindo assim, com a formação dos graduandos da universidade e promovendo a cidadania.

Os aspectos intencionais da educação são os mais importantes, pois constituem o lastro sobre o qual vai se construir todo o tecido das relações entre os indivíduos e os grupos de que participam. (RIBEIRO, 1971, p.70)

No desenvolvimento deste trabalho comunitário, são elaborados cartazes e colocados em pontos de referência da comunidade (escola, pier, posto de saúde etc.). Nestes cartazes são indicados o dia, horário, os atendimentos ou cursos que estão sendo oferecidos e o local para o interessado fazer sua ficha de inscrição, normalmente na sede do NECOM que fica na Santa Cruz dos Navegantes. Quando os cursos se iniciam, na mesma sede é feita a comunicação por meio de um cartaz que fica anexado no painel de avisos, então os inscritos dirigem-se para o NECOM da Fortaleza da Barra ou para a própria sede.

Na Fortaleza da Barra, quando as pessoas da comunidade chegam para fazer os cursos, são recebidas e orientadas quanto ao seu comportamento no espaço histórico, devido ao fato de muitas vezes, ao estarem em momentos de aula/atividades, surgirem inesperadamente grupos de visita de turistas ou alunos de alguma escola. A orientação é para que não fiquem constrangidos, e que possam contribuir para que o atendimento do guia que está monitorando não seja interrompido. Os visitantes ficam admirados e contentes ao ver a Fortaleza como

espaço educativo. Comentam a importância desse trabalho, por vezes demonstrando-se interessados em fazer parte como voluntário ou aluno.

Também com a mesma intenção passa a oferecer aos turistas e escolas uma programação diferenciada, composta por visitas monitoradas em exposições de longa duração e temporárias, exibição de vídeo contando a história, poesia e música da Fortaleza, atividades que complementam os conteúdos programáticos escolares. Essa articulação entre a natureza educativa não-formal da Fortaleza com a educação formal vivenciada é feita quando muitos alunos já estudaram os temas expostos em sala de aula. A escola analisa, *in loco*, objetos contextualizados historicamente, representativos dos temas estudados, cuja atividade é acompanhada de outra atividade didática preparada por ela. Esta proposta tem se expandido cada vez mais, atendendo todos os níveis escolares, fundamental, médio e superior, pela complementaridade das ações mútuas entre Fortaleza da Barra e escolas.

O objetivo do NECOM é problematizar e mostrar possíveis soluções para os problemas enfrentados pela população em seu dia-a-dia, tratar de temas do cotidiano tais como: saúde, preservação do meio ambiente, do patrimônio material e imaterial onde as experiências locais e os interesses comunitários recebem uma maior atenção e seja valorizado. Há uma melhor interação com a comunidade atendida, de tal forma que alcance o sentimento do pertencimento. Em alguns casos essa própria comunidade é que procura o NECOM.

Para o público estudantil, residentes locais ou turistas, são realizadas também, exposições temporárias, apresentações musicais, vídeo, poesia, lançamento de livros, folderes, dentre outros. Todos esses suportes contribuem para aumentar gradativamente, a ação comunicativa e educativa entre a Fortaleza da Barra e a comunidade, o que tem colaborado significativamente para a popularização.

Diversas experiências educativas realizadas pelos estagiários na Fortaleza da Barra merecem registro. Porém, para exemplificar, serão relatados três casos, decorrentes destes

Projetos que são desenvolvidos, a começar pela história de Roberto Luiz Assunção. Luiz é morador da Santa Cruz dos Navegantes. Sua trajetória no NECOM iniciou-se no Projeto Brincando com Arte ainda aos 12 anos de idade, depois passou para o Projeto Guias Mirins da Fortaleza da Barra e ao completar a idade para prestar o vestibular, optou por fazer o Curso de História passando então a ser estagiário do NECOM e trabalhar com os Guias da Fortaleza ensinando a parte histórica para os futuros monitores. O segundo caso é a de Roseni Lima da Cruz, também moradora em Santa Cruz dos Navegantes. Ela se formou em Pedagogia e foi estagiária do NECOM no Projeto Brincando com Arte, hoje professora formada, funcionária na Prefeitura do Guarujá que em seus momentos livres faz parte dos alunos do Curso de Teatro na Fortaleza. O terceiro caso é do monitor Ivanildo Ferreira Guimarães, que participou como aluno do Projeto Guias da Fortaleza, ficou como voluntário no atendimento ao turista e passou a fazer parte do Projeto Programa de Criança, que acontece às terças e sextas-feiras, atendendo as crianças da comunidade na faixa etária de dez a catorze anos, onde as mesmas tomam o café da manhã, participam de aulas de dança de rua, meio ambiente, teatro e violão que é o curso que o Ivanildo desenvolve com as crianças. Atualmente o Ivan, como é conhecido, está prestes a concluir o Curso Técnico de Turismo que equivale ao ensino médio, inspirado no curso que fez na Fortaleza.

Nesta visão prospectiva, uma resposta puramente quantitativa à necessidade insaciável de educação – uma bagagem escolar cada vez mais pesada – já não é possível nem mesmo adequada. Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo de mudança. (DELORS, 1998, p.89)

Vale ressaltar que esse é um caminho longo a ser percorrido. Muito foi realizado, mas ainda há muito por se fazer. As experiências aqui relatadas demonstram que é um caminho

possível de ser trilhado, com algumas dificuldades especialmente de recursos financeiros e humanos, porém com perspectivas positivas de desenvolvimento de um trabalho educativo junto à sociedade, atingindo novos horizontes. Não se trata só de sonhos, mas do olhar de educadores comprometidos com um objetivo que assumiram alcançar, com a ação de pessoas que acreditam num mundo melhor, onde as pessoas podem desfrutar de uma condição de vida cidadã. Tanto a educação formal, praticada nas escolas, quanto a não-formal e informal que ocorre em diferentes lugares da sociedade, oferece-nos a possibilidade de novos aprendizados. A educação surge como uma categoria histórica ligada às transformações estruturais do sistema social global.

“A educação não formal é uma importante parte da educação integral”. Complementa a educação formal dada pela Educação Infantil, pelo Ensino Fundamental, Médio e Terceiro Grau. Colabora tanto para a formação da pessoa, no seu crescimento pessoal como também contribui para que o indivíduo interfira na sociedade, pela ação cidadã e pela participação ativa, provocando alterações no âmbito social. A Pedagogia acontece em cada local onde se aplica. Ao acontecer em ambientes não-escolares ocorre de uma maneira peculiar e diferente da educação formal, tornando os vários espaços sociais em espaços educativos. Por exemplo, na Fortaleza da Barra, os cursos de Xadrez para crianças e adolescentes, de Língua estrangeira para Guia de Turismo, de Teatro e tantos outros. Cursos onde as pessoas aprendem a conviver e respeitar os outros. Cursos voluntários onde a criança aprende brincando. Trabalhos colaborando para que as pessoas aprendam a enfrentar melhor as doenças. Trabalhos com pessoas com dificuldades especiais auxiliando-as a perceberem do que são capazes. Programas educativos para impulsionar ou para provocar o protagonismo juvenil e a construção de políticas públicas. Ao ultrapassar os muros da escola, a educação não-formal encontra uma maneira de difundir a educação, de forma consciente e ativa, no meio social, proporcionando diferentes formas para que os indivíduos se desenvolvam e se transformem em agentes multiplicadores no meio em que vivem. A experiência desse tipo de trabalho realizado pelo Núcleo de Extensão Comunitária da Universidade Católica de Santos – NECOM - tem permitido um relacionamento mais imediato entre estagiários e supervisores, aproximando-os pelo que buscam em comum, ampliando o nível de envolvimento entre estes e as comunidades, em constantes descobertas e trocas, nas quais todos aprendem uns com os outros. São vivências que têm profunda repercussão na vida profissional, preparando os alunos para a realidade, ampliando sua compreensão da unidade dos acontecimentos por meio da percepção das conexões que os interligam. “É um trabalho onde todos ganham e todos aprendem: as comunidades e a academia”. Entrevista com a Prof.<sup>a</sup> Carmen Lydia Dias Carvalho Lima. – Coordenadora do Núcleo



de Extensão Comunitária da Universidade Católica de Santos – NECOM. (Data: 11 de janeiro de 2009).

A educação não-formal é distinta da escola, mas é ato planejado, intencional e apresenta organização específica. Tal espaço está presente na LDB (Lei das Diretrizes e Base da Educação) de 1996 que amplia a concepção de educação incluindo novos agentes e espaços educativos. (LDB 9.394/96, 1996, Art. 1º). O que se compreende é que a LDB ao firmar a idéia de que a educação acontece em todos os espaços, esclarece que sua responsabilidade enquanto norma abrange apenas a educação formal.

## **CAPÍTULO III**

### **MEMÓRIA DA ESCOLA “Fortaleza da Barra”**

#### **3. O pioneirismo da professora Josephina**

Uma atitude de extrema importância para a preservação do patrimônio histórico Fortaleza da Barra Grande reside em seus espaços. No início da década de noventa, principiou-se um trabalho sistematizado de educação não-formal, que prioriza a população local de Santa Cruz dos Navegantes. No entanto, no começo da década de cinquenta funcionou, ali, uma Instituição escolar pública, que atendia a Comunidade Praia do Goes e Pouca Farinha atual Santa Cruz dos Navegantes. O resgate da memória da escola que existiu na Fortaleza da Barra Grande na década de cinquenta tem como objetivo dar ênfase aos diferentes momentos de um processo pedagógico ocorrido naquele sítio histórico, hoje espaço de educação comunitária e anteriormente como escola pública. Dois momentos de grande importância para os moradores e para os alunos formandos no processo em que se destaca a articulação entre teoria e prática.

É muito fácil para quem se encontra na Fortaleza da Barra imaginar-se no século XVI vendo a ação de corsários e soldados, onde a arquitetura e a presença de alguns canhões evocam o passado o tempo todo. Mas poucos sabem que hoje a educação não formal

promove uma intensa conexão entre o passado e o presente, re-conceituando a Fortaleza como espaço de formação humana. É desse modo que se realiza o compromisso da Unisantos de promover a educação comunitária conforme dita o seu estatuto. Desde o princípio esta educação se realiza no âmbito das atividades do NECOM, por uma equipe interdisciplinar, coordenada pela pedagoga, professora Carmen Lydia Dias Carvalho Lima.

O magnífico monumento está presente num local onde as pessoas vivem, trabalham, estudam e mantêm vivas algumas lendas que reencantam o mundo e o imaginário popular tais como, a lenda do cemitério que fica em cima do morro, ou a da mulher de branco que aparece aos pescadores. A Fortaleza, de fato, alimenta suas lembranças; a da primeira capela que a tempestade levou; a do chafariz que fornecia água para os primeiros moradores e a da escola que existiu ali naquele espaço, que, por ser o guardião do Porto, parece enlaçar as duas cidades.

Nestas lembranças destaca-se a figura da professora Josephina. A competente mestra que ensinou as primeiras letras para muitos moradores da região pontifica nos seus 90 anos de existência. Os comentários sobre sua competência e rigor são muitos, sempre acompanhados do carinho que sentem por ela. Aqueles que não têm notícias suas não se furtam em perguntar – “Onde, e como deve estar?” Foi também este o motivo que nos moveu e que nos levou a pesquisar a existência da escola que funcionou em um dos ambientes da Fortaleza da Barra. Recuperando a memória de sua presença e atuação na Fortaleza, pretende responder aos moradores que ali estudaram onde se encontra sua primeira professora. Recordar este primeiro momento de educação vivenciado pelos moradores é também alimentar as raízes emocionais e pedagógicas desta comunidade humilde e muito orgulhosa de seus saberes e fazeres que um dia lhes permitisse participar da luta para a recuperação do seu monumento.

Averiguando aqui e ali, encontrei uma pista da querida D. Josephina. Certo dia ao pegar a barquinha que ia para a Praia do Goes, perguntei para uma moradora se conhecia

alguém que tivesse estudado na Fortaleza da Barra. Alguém que soubesse do paradeiro da professora que lá lecionou. A senhora sorriu e disse que conhecia sim, seu tio havia sido um dos alunos e tinha o telefone da professora e o endereço. Em entrevista realizada em 22 de outubro de 2007 pude desvelar um pouco mais do perfil escolar da Fortaleza da Barra. Fui informada por D. Josephina que a escola teria sido pública nos anos sessenta. Logo que descobri que a escola foi mantida pela prefeitura do Guarujá, liguei para Secretaria de Educação do Município para agendar uma visita para pesquisar sobre a mesma. No entanto a atendente avisou que nos seus registros nada constava da tal escola e que o mais correto seria procurar na Diretoria Regional de Ensino de Santos.

Para fazer o levantamento documental desta descoberta estive em visita segunda-feira, dia 28/01/2008 à Diretoria Regional de Ensino de Santos. Ali uma recepcionista me conduziu ao o Setor de Vida Escolar para falar com a Sra. Hilda que me encaminhou para senhora Nancy, assessora da Diretora Regional para marcar atendimento. A Sra. Nancy me orientou a ir ao setor do Protocolo para que fizesse um requerimento com Sra. Alci. Depois de preencher o requerimento, este foi protocolado, e quando a diretora regional deferisse para autorizar a pesquisa, a senhora Alci ligaria avisando. Pode parecer tola a descrição do percurso feito em busca de documentos que comprovem a existência da escola, mas relatar este momento serve para demonstrar que por mais simples que pareça o objeto de estudo exige tempo, persistência e criatividade. Observa-se que um caminho árduo nos aguarda. Foi assim que busquei recursos metodológicos que deram respaldo para continuar minha empreitada.

Existem sugestões gerais na literatura e a experiência de outros pesquisadores que sempre podem ser úteis, mas de qualquer maneira há uma série de decisões que dependem de cada situação em particular. Definir os critérios para a escolha do caso é um dos primeiros passos do pesquisador, mas só após os contatos iniciais com o campo poderão ser confirmados. (ANDRE, 2005, p.38-39).

O meu empenho em buscar novos subsídios possibilitou alguns avanços no campo de uma metodologia que até então eu desconhecia. Saber da experiência de autores que percorreram caminho semelhante ao meu ajudou-me a compreender o processo de amadurecimento não apenas do tema, mas também do objeto; clareou meus objetivos e permitiu compreender a dinâmica da pesquisa.

Para dar continuidade ao trabalho tornei a ligar no dia 18/02/08 para a Diretoria Regional, senhora Rita atendeu e disse que no próximo dia me daria uma resposta. Dia 19/02/08 às 14h30min senhora Rita retornou minha ligação e agendou minha visita para 25/02/08, segunda-feira, das 8 às 11h.

Às nove da manhã da segunda-feira chegando ao Protocolo, a Sra. Alci me encaminhou para o setor de Vida Escolar na qual senhora Hilda Aparecida Ponzette Fidêncio de Paulo com muita atenção buscou encontrar, nos acervos de documentos um que comprovasse a existência da escola da Fortaleza. Comentou que os maiores acervos são das escolas particulares, e encontrou na Santa Cruz dos Navegantes somente a Escola *Nossa Senhora dos Navegantes* que foi inaugurada em 18/10/1974.

Antes que eu fosse embora a senhora Marta Alci Santos solicitou-me que aguardasse, telefonou para SEDUC do Guarujá e perguntou para uma funcionária amiga sua, Sra. Elisa, se tinha algum conhecimento desta escola na Fortaleza, a mesma respondeu que nada constava em seus arquivos, mas se lembrava de que a escola era responsabilidade da Marinha, e que provavelmente encontraria algum documento lá. Fui até a Capitania dos Portos, e o Sargento Amauri José Divino, atendente na portaria, informou-se por telefone com pessoas do seu departamento que poderiam dar maiores informações, mas nada de novo foi acrescentado.

O caminho do pesquisador torna-se por vezes desanimador parecendo que está em busca de algo que nunca existiu, se não fossem as evidências, os relatos de várias pessoas, diríamos que estamos no meio de um sonho conturbado ou um pesadelo. Neste momento é

que sentimos que nossas atitudes vão se desenvolvendo e fazendo-nos organizar e ver o que já conquistamos até aqui.

Não há pesquisa-ação sem participação coletiva. É preciso entender aqui o termo “participação” epistemologicamente em seu mais amplo sentido: nada se pode conhecer do que nos interessa (o mundo afetivo) sem que sejamos parte integrante, “actantes” na pesquisa, sem que estejamos verdadeiramente envolvidos pessoalmente pela experiência, na integralidade de nossa vida emocional, sensorial, imaginativa, racional. É o reconhecimento de outrem como sujeito de desejo, de estratégia, de intencionalidade, de possibilidade solidária. (BARBIER, 2002, p.70)

Pouca Farinha, assim conhecida nos anos trinta, possuía um pequeno número de habitantes, não mais que vinte famílias, trabalhadores que viviam da pesca artesanal, de peixes, siris, caranguejos e mariscos, mas que enfrentavam diversas dificuldades. Bem próxima dali, ficava a Praia do Goes, povoada na sua maioria por famílias que foram chegando e vivendo da construção de canoas, pescaria, pequenas criações domésticas. É um local bastante isolado tendo como único acesso o mar, por meio das embarcações tudo de que os seus habitantes precisam está distante dali. Entre os problemas domiciliares, estava a preocupação derivada da observação dos filhos que cresciam, Onde as crianças iriam estudar? Foi quando alguns moradores da antiga Pouca Farinha, atual Santa Cruz dos Navegantes e Praia do Goes uniram-se num desafio, o de conquistar uma escola para a comunidade. Esta seria a solução mais plausível para que seus filhos não corressem os riscos de atravessar o mar em pequenas embarcações para realizar seus estudos em Santos, ou ainda o pior, ficar sem estudar. No momento em que a comunidade se mobilizou para esta conquista, o sargento aposentado Ermenegildo e senhor Pedro da Silva Aragão, juntamente com outros moradores, foram falar com o prefeito do Guarujá – Sr. Abílio dos Santos Branco, solicitando-lhe a construção de uma escola. Bem próxima à comunidade estava a construção da Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande. E dessa proximidade surgiu à idéia de sua ocupação agora como escola.

Nesta época, Josephina Agosto, formada em 1938 pelo *Liceu Feminino Santista* como professora, moradora em Santos, foi até a cidade de Guarujá pleitear uma vaga com o prefeito senhor Abílio dos Santos Branco. (Até 1947, Guarujá foi administrada por prefeitos nomeados quando, pela Lei Orgânica dos Municípios, promulgada em 18 de setembro de 1947, passou a Município. Ocorrendo, então, a primeira eleição para o período de 1948 a 1951, foi eleito o Sr. Abílio dos Santos Branco, para o cargo de prefeito). Esse prefeito era conhecido de dona Josephina e nomeou-a professora da escola. Foi assim que ela passou a ser então a primeira professora da escola que começou a funcionar numa pequena sala da Fortaleza da Barra. Quando a escola foi formada, o prefeito mandou tudo direitinho: carteiras, mesa e muitas lousas. Como diz a professora Josephina, *“trabalhando com três séries diferentes precisei dividir a turma, enquanto trabalhava com uma série a outra já tinha lição para fazer”*. A classe era formada por quarenta alunos, atendendo da primeira a terceira série, todos no mesmo horário. Em seu relato ela afirma:

adaptei-me muito bem, preparava o horário das aulas discriminando os conteúdos que ia ensinar, e uma vez ou outra recebia inspeção de um supervisor do Estado. Quem cuidava do Forte era Sr. Ermenegildo, militar da reserva que morava lá, também era quem hasteava a bandeira enquanto as crianças cantavam o Hino Nacional, e, em outros momentos o Hino à Bandeira. Este hino era uma das minhas primeiras exigências, todos deveriam saber muito bem, e se não soubessem recebiam castigo.

Para chegar até a Fortaleza D. Josephina, que morava em Santos, conta que pegava um ônibus e saltava na Ponte dos Práticos, aguardando a boa vontade de alguém que a levasse para o outro lado do mar. Um morador, jovem de apenas quinze anos, Pedro Paulo Ramos, o Didiu, da Santa Cruz dos Navegantes, é que conduzia as catraias a remo, ele atendia a professora levando-a até a Fortaleza para lecionar. Expostas ao perigo da travessia estavam as pequenas embarcações somado aos densos dias de neblina. *“Para orientar o barqueiro em sua atracação, a sinalização era feita no grito”*, conta D. Josephina que trabalhou lá onze

anos, e como problemas que enfrentou, citou a falta de conforto. Mais tarde, quando o Círculo Militar de Santos assumiu a responsabilidade do Forte, ocupando-o como sua sede náutica, o desconforto aumentou. Os militares mudaram sua sala para cima do mezanino, onde existiam muitas goteiras e quando ventava a poeira ia toda lá para cima. As crianças não lhes davam trabalho, sempre muito boazinhas, inteligentes, só que não tinham vontade de aprender; não tinham malícia, nem maldade e gostavam de ensinar aos que estavam mais atrasados. Chegavam na hora certa, mesmo as crianças que moravam no Sítio do Icanhema. Quando acontecia um atraso, diz a professora Josephina que lhes chamava a atenção e não acontecia mais. Ela conta que as crianças da Praia do Goes atravessavam pelas pedras, o que era sua maior preocupação. Temia vir algum malandro e pegar as crianças, *mas graças a Deus nunca aconteceu.*

As pessoas que estudaram no Forte relatam em entrevista que gostavam demais da professora, que era pontual, enérgica, mas excelente; ela completava a educação que, às vezes os pais não lhes davam. Recordam com saudades as caminhadas que faziam até a escola por terra ou pela beirada da praia quando a maré estava baixa. Relatam que, quando chovia muito forte e chegavam molhados na escola, a professora tinha o cuidado de pegar jornal e colocar por dentro da suas roupas para esquentar o corpo para não ficarem doentes.

A pesquisa-ação existencial (P-AE), como a medicina, revela mais a arte, se não for mais até do que a ciência. Quero dizer com isso que se trata de aplicar faculdades de abordagem da realidade que pertencem aos domínios da intuição, da criação e da improvisação, no sentido da ambivalência e da ambigüidade, em relação ao desconhecido, à sensibilidade e à empatia, assim como à congruência em relação ao Conhecimento não-encontrável ou “velado” em última instância, como o é o real (Bernard d’ Espagnat in BARBIE, 2002, p.68).

Os alunos tinham o horário das aulas dividido em minutos, aprendiam: Gramática, Aritmética, com parte oral e exercícios. Era uma turma muito boa, relata a Prof<sup>ª</sup>. Josephina,



por seu lado, os alunos afirmavam que ela dava aula muito bem, “as crianças sempre ensinam à gente” ela afirma. Aqui cabe indagar como Silva,

Será a escola responsável pelo desenvolvimento de competências, ou será ela responsável pela formação básica do indivíduo, que terá pela frente o desafio de tornar-se competente, ao longo de sua vida, somando à educação obtida na escola sua experiência de vida e de trabalho ( SILVA, 1999, p.101).

Os pais faziam a matrícula de seus filhos diretamente com a professora que marcava o dia e o horário. Deveriam para isso levar a certidão de nascimento, mas, havia muita desistência, qualquer coisa era motivo para mandar riscar o nome da lista. E quando passavam para a quarta-série, os alunos de D. Josephina viam-se forçados pelas circunstâncias a continuar seus estudos em Santos, na Escola *Lourdes Ortiz* ou onde é o Museu de Pesca. O número de alunos foi aumentando e a escola teve que procurar outro local sendo transferida para uma sala seriada com 1º, 2º e 3º séries que recebia o nome de Escola Mista *Vereador Jorge Moura* – no mandato do Prefeito Jaime Daige, (1963 – Maria Aparecida Martins, merendeira nesta época foi quem pode nos fornecer estas informações) depois foi para a Escola Estadual *Nossa Senhora dos Navegantes* e a professora acompanhou a mudança. Mas disse que trabalhar na Fortaleza:

“Foi muito gratificante, o local possui uma vista encantadora para a cidade de Santos, o pessoal foi muito bom, gostei muito”. E fez questão de acrescentar. “Dar aula é gostoso, maravilhoso, principalmente quando a criança principia a descobrir as letras e juntar descobrindo as palavras, é um prazer muito grande. E o recado que deixo aos educadores de hoje é que o professor precisa ter amor ao trabalho, paciência e muito amor”.

A frase de D. Josephina ilustra bem a afirmação de Barbier quando diz que: *A pesquisa ação existencial (P-AE) é, sem dúvida, levada a favorecer bastante o imaginário criador, a afetividade, a escuta das minorias em situação problemática, a*

*complexidade humana admitida, o tempo da maturação e o instante da descoberta.*

*(BARBIER, 2002, p.73).*

O relato acima é produto de uma entrevista feita em 22 de outubro de 2007, fundamentada num questionário elaborado no qual a professora Josephina Agosto, hoje com 90 anos de idade concordou prontamente em responder. Quando a entrevista estava para se encerrar, perguntamos a ela – “O que lhe daria prazer para findar o ano?”, foi quando nos surpreendeu dizendo: *Se possível fosse, gostaria de voltar à Fortaleza e reencontrar meus alunos.* Assegurou-se que faríamos o possível para marcar este encontro, mas, como ter a certeza de que ela voltaria lá depois de tantos anos? Garantiu-nos dizendo: *Se meus alunos forem lá, farei o maior esforço, mas também irei, é só me telefonar.* E foi feito! Saindo dali, tratou-se de resgatar moradores da Santa Cruz dos Navegantes e Praia do Goes que haviam estudado com a professora Josephina, infelizmente soube-se que alguns já haviam falecido, mas, para alegria dos outros e admiração dos alunos, a professora ainda estava viva e queria revê-los. Logo uma moradora, senhora Helena, ofereceu-se para nos ajudar no convite, e o encontro foi marcado, alunos e professora iriam se encontrar. E num sábado, 27 de outubro de 2007 às 14h os alunos iam chegando à Fortaleza, desconfiados perguntavam: “É verdade que a professora Josephina vem hoje na Fortaleza?” – “Ah! Só acredito a hora que ela chegar”. E não demorou muito, já se reuniam uns vinte adultos na expectativa de rever a sua mestra. Conversavam entre si, recordando o tempo que foi bom, e a professora que deixou saudades. Quando de repente a catraia que vinha de Santos atracou no píer da Fortaleza para surpresa de todos trazia a tão querida professora.

A emoção tomou conta daqueles moradores e agora os via como crianças que foram querendo auxiliar a sua subida, rodeando a professora, e ela olhando cada um, como se quisesse lembrar quem seria. Pode-se ver o brilho nos olhos de professora e alunos, sentaram, conversaram, contaram histórias entre eles e vez ou outra chegava mais uma pessoa,

apresentando-se como aluno sem acreditar que a professora estava ali. Outros vieram e foram embora correndo avisar os que não tinham vindo, foi um momento significativo para todos, e até um fotógrafo apareceu para registrar o momento. Uns trouxeram presentes, outros choraram e outros riram muito, e o mais importante: todos reconheceram o significativo encontro. Agradeceram emocionados à professora que um dia ainda que de forma muito rigorosa os ensinou a ler! Eles se sentiam vencedores.

## **CAPÍTULO IV**

### **FORTALEZA DA BARRA, ESPAÇO DE EDUCAÇÃO.**

#### **1 – O Educador Social em ação.**

No âmbito do seu trabalho, o educador social tem estreita articulação com as práticas educativas, buscando a melhor forma de intervenção, apropria-se de uma discussão teórica com o compromisso de efetiva competência para orientar o outro a que decisões tomar para resolver tais situações, ou atuar garantindo a solução do mesmo.

A estratégia concebida se estrutura sobre a prática, sobre o fazer, sobre uma aprendizagem ativa, onde as informações e conteúdos conceituais e metodológicos se originam na realidade concreta da comunidade. Assim, é gerada a partir do tratamento de reflexão social sobre os dados e informações da realidade, visando a sua transformação.

O educador deve, portanto, estar aberto a aprender com o educando, mas não só aprender em nível intelectual, mas também em um nível mais profundo, um nível íntimo, existencial, no qual o indivíduo se permite ser tocado e permite que seus valores sejam rediscutidos. Só assim os educadores podem se transformar em verdadeiros intelectuais. É a partir da busca da conscientização que o educador pode, em um processo mútuo que inclui o respeito à pessoa e à cultura do outro, transformar-se e dialeticamente transformar. (OLIVEIRA, 2004, p.90).

O educador social precisa estar permanentemente buscando formas de sensibilizar, de mexer com os participantes, fazendo-os passar por um processo de reflexão sobre a realidade em que vivem e a que desejam para o futuro. E que a partir desse processo de reflexão, haja um comprometimento interior com a mudança de conduta. Os projetos só alcançam o seu objetivo com a mudança de comportamento de seus integrantes, e estes precisam estar sensibilizados para que isso aconteça. Entretanto, para mudar não adianta só querer, é necessária a disposição de meios para viabilizar essa modificação, o que muitas vezes não existe; torna-se necessário que os participantes se preparem e apliquem este instrumento na prática.

Em diferentes contextos exige-se que os projetos sejam muitos flexíveis, de modo a se adequar aos diferentes grupos de pessoas. São por isso elaborado em reuniões e conversas com as lideranças das comunidades e com conhecimento dos espaços sociais e culturais existentes em que possam ser desenvolvidos. Os educadores comprometidos com o trabalho precisam: ir atrás de parceiros que estejam dispostos a aplicar seus recursos nestes projetos; profissionais que possam contribuir com o seu conhecimento e experiência em apoio aos estagiários; estabelecer planejamento com cronograma de dias e horas de cada projeto, averiguar o material que será necessário e o tempo de durabilidade que o projeto devera ter.

Os educadores não podem chegar à comunidade com uma idéia de conformidade, acreditando que todo o mundo pensa, age, sente ou vive como ele acredita ser o modo correto de viver. É necessário estar prevenido aos leves sinais e quase invisíveis de um mundo de vida; é preciso estar aberto a desvendar o novo, a reconhecer a pluralidade e a sentir que ela contém um potencial; é preciso estar sensível a descobrir as relações de dominação e resistência cultural nessa mesma comunidade.

## **2 - O perfil do Educador Social**

Todo início do ano letivo no Curso de Pedagogia, os alunos são comunicados que deverão se organizar para fazer o estágio comunitário, mas, antes que isso aconteça, estes são orientados a ir para as comunidades onde a Universidade atua para que assim possam escolher o local.

Numa dessas visitas, fiquei responsável em monitorar um grupo de estagiários para levá-los a conhecer a comunidade Santa Cruz dos Navegantes. Observei que alguns dos alunos andavam apreensivos e atentos, enquanto outros andavam despercebidos, riam e olhavam naturalmente tudo a sua volta. Então me questionei: qual deveria ser o perfil do educador social? E fui dia a dia procurando respostas. Com base nas anotações do diário fiz um relatório circunstanciado que foi submetido ao cotejamento teórico de autores que fundamentaram a minha reflexão. E aos poucos fui adquirindo noção do perfil que deveriam ter.

O que configura o perfil de um educador social decorre do fato de que de modo geral o desenvolvimento de suas atividades ocorre em ambientes não-formais e a partir de relações informais. Suas atividades práticas são baseadas em uma análise crítica de si próprio e do local que está inserido o seu trabalho. Como educador deve ter preparação diferenciada para encarar os desafios decorrentes de uma realidade multifacetada, sua formação deve envolver aspectos de psicologia, sociologia, antropologia e assim que preparado ele compreende na realidade circundante atributos tais como: força interior, coragem, serenidade e criatividade, atributos que permitem encontrar respostas significantes e satisfatórias. Ele será também um

aprendiz ou um acompanhador dos processos e do método dos outros, não podendo ser então fechado em si mesmo e nas suas próprias teorias.

De acordo com o princípio da reciprocidade, é esperado que ocorram transformações tanto no jovem como no educador. Aceitando essa possibilidade de transformações mútuas, o educador entra em uma aventura existencial sobre cujo final não tem controle absoluto. Conta apenas com suas habilidades profissionais, arsenal técnico e qualidades pessoais. Por isso, deve dominar a técnica do desenvolvimento de atividades pedagógicas interessantes para os grupos com os quais quer se relacionar; tem de conhecer bem sua profissão, os princípios que a regem, os fundamentos teóricos que a norteiam, incluindo a dinâmica da reciprocidade; ter uma postura crítica para com os valores da sociedade em que vive; demonstrar respeito pessoal para com as crianças, os grupos e a sub-cultura para onde dirige a sua intervenção. (OLIVEIRA, 2004, p.107).

Seus princípios ideológicos, certo pragmatismo político e seus valores humanitários formam as diretrizes básicas de seu trabalho. A base pedagógica de seus projetos é construtivista, na qual o conhecimento é construído a partir da realidade e da experiência dos participantes.

Não procura prestígio social definido por status profissional, nem vai trabalhar pelas recompensas materiais de uma carreira de sucesso. Sente-se engajado na luta por transformação social e comprometido com a causa das populações socialmente excluídas. Se pedisse um personagem de exemplo haveria muitos, mas em especial um nome: “Irmã Dolores”.

Viver para a comunidade é o lema de Maria Dolores Muñiz Junqueira, ou simplesmente, Irmã Dolores. Uma mulher de fibra e doçura que nasceu na Espanha, na cidade Gijón, e resolveu seguir a vida religiosa para ajudar e defender os mais necessitados. Veio para o Brasil em 1967 e é um exemplo de dedicação e perseverança, ajudando milhares de pessoas, principalmente onde mora, no Quarentenário em São Vicente. (Boletim Comemorativo dos 20 anos de NECOM-UNISANTOS, ano 1, n.2, p. 3, nov. 2006.)

Com esta homenagem o NECOM destacou a grande contribuição que esta educadora popular deu para as comunidades da Baixada Santista. Nascida na Espanha Irmã Dolores veio ainda jovem para o Brasil e aqui desenvolveu práticas de educação não-formal entre as comunidades carentes. O seu legado de educadora popular seguira formando futuras gerações. Os jovens que por ela passaram aprenderam à pedagogia da autonomia e assumiram consigo mesmo o compromisso de compartilhar não apenas os saberes que auxiliam na leitura do mundo, mas também as práticas da educação existencial fundada na solidariedade, reciprocidade, cooperação que conduzem à cidadania.

### **3 - Experiências de educadores e estagiários**

Com a idéia de legitimar que tipo de subsídios o trabalho comunitário tem fornecido aos seus alunos e pessoas da comunidade, colhemos experiências de dez estagiários que já atuaram na Fortaleza da Barra e dez moradores que foram alunos nos cursos promovidos na Fortaleza. Utilizou-se o método da entrevista orientada e foram elaboradas três perguntas, das quais duas foram iguais para os dois grupos. Selecionaram-se cinco entrevistas de cada grupo, que evidentemente, por se referir a um número restrito de pessoas e em ocasiões específicas, a visão será limitada. As perguntas para os dois grupos foram:

- 1. O trabalho Comunitário contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**
- 2. Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

**Respostas dos cinco estagiários:**



**Projeto que desenvolveu:** Culinária Alternativa

“Contribuiu para aumentar a responsabilidade, experiência de contato direto com a população alvo, comunicação social, entre outros. Vejo que o NECOM tem proporcionado grandes benefícios à comunidade, os projetos são efetivados através de interdisciplinaridade aumentando a qualidade de vida da população”.

Ana Paula Saraiva de Moura – Letras/Espanhol – 2006

**Projeto que desenvolveu:** espanhol básico para turismo

“Contribuiu muito, ao passo que me deu a oportunidade de sentir uma situação real em sala de aula e poder aplicar todo conhecimento sobre a língua o qual eu já tinha antes de atuar. Acredito que para um professor o mais importante é justamente o contato com a realidade de seus alunos para avaliar se poderá transmitir de algum modo certas informações ou mesmo ter de adaptá-las de acordo com o valor de seus conhecimentos, pois saber passar uma informação que muitas vezes não faz parte do cotidiano dos alunos deve conter certa criatividade, leveza e flexibilidade por parte do professor sem impor as regras tradicionais executadas na escola e isso exige certa reflexão por parte do docente. O trabalho do NECOM é de muita importância não só para aqueles que o executam (seus estagiários) assim como para aqueles que o recebem ao adicionar em suas vidas certos valores importantes ao convívio em sociedade”.

Kátia Ayres dos Anjos – Serviço Social - 2008

**Projeto que desenvolveu:** Oficina para formação de auxiliar de garçom.

“Sim, pois a interação com os demais participantes potencializa a troca de saberes e sem dúvida apesar das dificuldades houve o amadurecimento desta estagiária. O NECOM faz um trabalho necessário e que necessita de alguns ajustes para que os espaços funcionem em seu potencial máximo e dessa maneira os alunos e sujeitos de direitos usufruam do mesmo fazendo de forma efetiva, cada um fazendo a parte que lhe couber.”

Roberto Luis Assunção – História - 2003

**Projeto que desenvolveu:** Guias da Fortaleza da Barra

“Aos doze anos de idade fiz parte do Projeto Brincando com Arte e aprendíamos muitas brincadeiras e passeávamos. Depois fiz parte do Projeto Guias Mirins da Fortaleza, foi uma oportunidade para perder a timidez e me comunicar melhor e fui sendo atraído pela história da Fortaleza a ponto de ao completar a idade para prestar o vestibular, optar por fazer o Curso de História passando então se ser estagiário do NECOM e trabalhar com os Guias da Fortaleza ensinando a parte histórica para os futuros monitores, de aluno passei a ser professor e foi muito gratificante. Participei dos projetos do NECOM quando iniciava seus trabalhos na comunidade e sempre gostei da forma como tratavam os moradores e analiso como um trabalho sério que trouxe benefícios para os moradores, estagiários e educadores, pois proporciona oportunidades para todos”.

Roseni Lima da Cruz – Pedagogia - 1996

**Projeto que desenvolveu:** Brincando com Arte

“Sou moradora na Santa Cruz dos Navegantes fiz Pedagogia e fui estagiária do NECOM no Projeto Brincando com Arte, e o trabalho comunitário contribuiu bastante, trocávamos experiências nas reuniões e muitas vezes fiz a relação de teorias de aprendizagem com a

prática ao elaborar com segurança atividade para as crianças. Hoje sou professora formada, funcionária na Prefeitura do Guarujá e em meus momentos livres faço parte dos alunos do Curso de Teatro na Fortaleza. Sempre estimei as crianças da comunidade a participarem dos projetos, pois evitava que ficassem na rua e iriam aprender algo significativo. Meu filho foi uma das crianças que sempre animei a ser exemplo para os outros e posso assegurar que não me arrependo, é um trabalho que envolve pessoas responsáveis e que se preocupam em ajudar seus cidadãos a conquistar uma vida melhor”.

**Respostas de cinco moradores:**

Claudemira Alves da Silva, 35 anos.

**Projeto(s) de que participou:** informática, espanhol e inglês.

“Sim. Em todos os sentidos. Para minha formação pessoal, profissional e comunitária. Enriqueceu meu currículo, deu-me oportunidade de expandir meus conhecimentos, ao mesmo tempo em que ampliou meu círculo de amizades. O NEC é de grande importância para a comunidade, uma vez que lhe oferece serviços que sem o mesmo seriam de difícil acesso, além de que integram os moradores com os estagiários de comunidades e realidades diferentes, expandindo assim as chances de crescimento dos mesmos e promovendo a troca de experiências e a inclusão dos menos favorecidos. Além de tornar visível a beleza de um lugar antes discriminado como foi por um bom tempo a Santa Cruz”.

Fortaleza ensinando a parte histórica para os futuros monitores, de aluno passei a ser professor e foi muito gratificante. Participei dos projetos do NECOM quando iniciava seus trabalhos na comunidade e sempre gostei da forma como tratavam os moradores e analiso como um trabalho sério que trouxe benefícios para os moradores, estagiários e educadores, pois proporciona oportunidades para todos.

Silvana Santana Athanasio Nazaré, 27 anos.

**Projeto(s) de que participou:** Guias Mirins da Fortaleza

“Sim. Acredito que de todas as formas: No conhecimento, no relacionamento, na higiene e saúde os cuidados necessários; nos nossos direitos, no nosso comportamento. E os passeios que fazíamos para conhecer lugares que não conhecíamos. Vejo como um excelente trabalho, pois contribui muito com a Comunidade. Hoje todos os cursos que aparecem eu coloco os meus filhos para participarem e aprenderem como eu”.

**Projeto(s) de que participou:** Lourdes David Fonseca dos Santos, 23 anos.

Guias da Fortaleza, Brincando com Arte, Informática, Artesanato, Gocca e Manicure.

“Sim, principalmente na área da comunicação e expressão corporal, pois aprendi a me comunicar sem ter vergonha e objetivamente, sem muita gesticulação e diretamente. Bom, pois traz muitos benefícios para quem usufrui do núcleo, pois a maioria dos cursos tem comprovante, e não é cobrado nada dos moradores do bairro”.

Luciene Correia Beriba, 40 anos.

**Projeto(s) de que participou:** Bartender, culinária, inglês e espanhol.

“Na minha estrutura educacional, formação da cidadania para com todos da comunidade. O incentivo com os meus filhos que é o mais importante que através de mim eles sentem vontade de estudar. É o melhor trabalho que fizeram até hoje para a comunidade, dando oportunidade as famílias de se formarem e tirando seus filhos da rua. Tem auxiliado todos os moradores por meio dos cursos gratuitos e serviços beneficentes, e lazer para as crianças”.

Ivanildo Ferreira Guimarães, 52 anos.

**Projeto(s) de que participou:** Guias da Fortaleza, Espanhol aplicado ao turismo, teatro, auxiliar de garçom.

“Sim. Participar de um projeto é ter a oportunidade de ampliar conhecimentos, pois, aprendemos o que é dado na atividade e também aprendemos a ensinar e aprender. De forma positiva principalmente pela constante busca por trabalhos cada vez mais abrangentes, eficazes e eficientes”.

Do total de dez estagiários entrevistados um está cursando Nutrição; dois cursaram Letras/Espanhol; um está cursando Serviço Social; um cursou História; três cursaram Pedagogia e dois cursaram Tradução/Inglês. O que se pode observar é que entre eles há uma tendência quanto a considerar que o trabalho comunitário proporcionou-lhes a vivência da teoria com a prática e serviu para interação social e o amadurecimento. Quanto à forma que é feita pelo NECOM, três estagiários consideram que o trabalho comunitário beneficia a Comunidade, o profissional e a Instituição; dois estagiários vêem que o NECOM beneficia a comunidade possibilitando a inclusão no mercado de trabalho; dois estagiários dizem ser importante, pois ajuda a classe mais carente na formação da cidadania; dois estagiários confirmam ser importante, pois atende as necessidades das comunidades com a realização dos cursos e acrescenta o aprendizado dos alunos-estagiários. E para encerrar uma estagiária, moradora da comunidade, acrescenta que é um trabalho necessário, mas que necessita de alguns ajustes para que os espaços funcionem em seu potencial máximo e dessa maneira alunos e sujeitos de direitos usufruam o mesmo de forma efetiva, cada um fazendo a parte que lhes couber.

Quanto aos relatos dos dez moradores com idades diferenciadas que foram entrevistados sobre o trabalho que lhes é fornecido pelo NECOM e sua contribuição na formação observa-se, que três moradores com as idades de (16, 18 e 28 anos) sempre estão

fazendo os cursos que são oferecidos e dizem que serviu para acrescentar seus conhecimentos e aumentar a oportunidade de emprego; três com as idades de (23, 27 e 35 anos) dois sempre fazendo cursos, acreditam que o trabalho acrescentou em todos os sentidos e principalmente na área da comunicação, melhorando o relacionamento; dois com as idades de (40 e 16 anos) falam que lhes ajudou na formação da cidadania enxergando o mundo de outra maneira. Uma moradora de (22 anos) confirma que acrescentou seus conhecimentos; e um morador de (52 anos) analisou que serviu para aumentar suas oportunidades, ampliar seus conhecimentos e também aprender a ensinar. Quanto à forma que o NECOM trabalha, os moradores na sua maioria concordam que o trabalho tem beneficiado a comunidade tirando os menores da rua, um morador diz que traz lazer para as crianças; quatro relatam que o trabalho é excelente pelo que proporciona a Comunidade procurando ser cada vez mais eficaz e eficiente; três descrevem que o trabalho é ótimo porque da oportunidade para os jovens e crianças de fazerem cursos gerando oportunidades de emprego; um acha o trabalho bom, pois não é cobrada nenhuma taxa e em sua maioria fornece comprovante e uma moradora profere que o NEC é de grande importância, uma vez que oferece a comunidade serviços que lhes são de difícil acesso, além de integrar os moradores com os estagiários de comunidades e realidades diferentes, expandindo assim as chances de crescimento e a inclusão dos menos favorecidos. Além de tornar visível a beleza de um lugar antes discriminado como foi por um bom tempo a Santa Cruz dos Navegantes.

A presença constante dos alunos - estagiários que atravessam o estuário todos os dias faz muitas pessoas comentarem que o patrimônio Fortaleza parece uma escola, e muitos turistas fazem questão de dizer que: “Estudar ou trabalhar ali é um privilégio”. Os moradores reconhecem este privilégio e dele tem feito uso, participando dos cursos que são oferecidos. A escola de caráter não-formal que acontece na Fortaleza tem proporcionado oportunidades de um primeiro emprego para os jovens que não possuem condições de dar continuidade aos seus

estudos. E a convivência com alunos-estagiários os tem motivado a conquistar uma vaga no curso superior e uma profissionalização.

Os educadores e estagiários que trabalham também confirmam o mesmo, quando depois de formados retornam ao NECOM e se oferecem como voluntários. A partir dessa contextualização podem-se fazer reflexões sobre a importância da disciplina Trabalho Comunitário e do Estágio Comunitário.

O Trabalho Comunitário possibilita a construção do conhecimento de um processo novo e recriador, pois se trata de um espaço que não se limita à pura transferência de teorias e conteúdos. Pela aproximação com a realidade possibilitada pelo estágio de trabalho comunitário, será possível uma articulação entre as demais disciplinas do curso minimizando a defasagem existente entre conhecimentos teóricos e atividade prática. Essa educação não formal que se amplia nas ofertas é para Trilla;

o conjunto de processos, meios e instituições específicas organizadas em função de objetivos explícitos de formação ou instrução que não estão diretamente vinculados à obtenção de graus próprios do sistema educativo formal. É distinta da escola, mas é ato planejado, intencional e apresenta organização específica. (TRILLA, 1996, p.28).

O rombo da miséria social que muitas comunidades têm vivenciado está todos os dias estampado na mídia, nos meios de comunicação que muitas vezes até as exploram por puro sensacionalismo. As autoridades tentam descartar a possibilidade de miséria pela qual passa o nosso país, mas não está longe dos seus olhos e do seu conhecimento. O NECOM por intermédio de seus projetos comunitários sempre procurou mudar esta imagem, quando repete por meio dos seus estagiários que cada cidadão da comunidade é tão capaz e pode conquistar mudanças em seu meio, começando por suas vidas. Nunca passou por seu pensamento

esconder ou tapar essa miséria social, mas ainda a educação na Fortaleza da Barra é provincial, existem falhas e gargalos que o NECOM ainda não conseguiu separar.

É importante perceber que a Comunidade está contente com a presença do NECOM, mas existem regras estabelecidas na comunidade que é compartilhada por todos, e criou-se um pacto de convivência e no cuidado com o patrimônio público que o impede de ser depredado. Porém, próximo a ele os moradores não respeitam a regra da boa vizinhança e ocupam espaços que são construídos para o trabalho em seu benefício, com hábitos que denigrem a imagem da comunidade, afastando muitos que gostariam de conhecer a Fortaleza. Mas é a lei do silêncio que prevalece. E quanto a isso, muito pouco é feito pela Instituição.

Há de fato uma visão bastante otimista por parte do NECOM. Este núcleo não desconhece as contradições entre o que é proposto por seu plano de trabalho e a forma como a comunidade se adequa a esse aprendizado. Por mais que haja esforços no sentido de conscientizar os moradores da região, a manifestação desta consciência se faz de forma diferenciada, tanto com relação à ocupação do espaço, quanto com relação à compreensão de que a preservação da região com o seu, que é o patrimônio histórico é de fato uma tarefa coletiva. Muitos moradores compreenderam e assumem uma atitude cidadã com relação às atividades que se desenvolvem na Fortaleza, no entanto este é um aprendizado diário. Assim, é convicção de professores, agentes comunitários estagiários de que é necessária uma revisão constante dos conteúdos que norteiam o trabalho de educação Cultural, que ocorrem para além da sala de aula. Não é raro que as expectativas, com relação ao trabalho do estagiário, excedam quando as condições objetivas de realização deste trabalho. É certo que o planejamento se faz de modo consciente e na medida do possível com a colaboração da comunidade. Contudo, o cotidiano é mais dinâmico do que qualquer planejamento exigindo certos acertos quando estamos tratando com os educadores. Eles precisam de processos de avaliação e apoio. Suas práticas e responsabilidades necessitam de constante atualização.



Como os estagiários são pessoas dedicadas ao projeto comunitário podem ocorrer alguns equívocos na avaliação de sua capacidade de intervenção na realidade. Muitas vezes eles são vistos com toda credibilidade de um profissional experiente. Eles mesmos se auto-avaliam dessa maneira. Quando são surpreendidos por alguma falha, nas suas tarefas por falta de amadurecimento, não possuem a humildade de aceitar o erro, que em algumas ocasiões pode ser coletivo e também institucional. A responsabilidade acaba caindo no elo mais fraco dessa ação coletiva, neste caso, no aluno estagiário. No NECOM também ocorrem conflitos entre professores, estagiários e parceiros. Conflitos que é claro são superados na mesa de diálogos. O conflito é um fato que não deve ser considerado como negativo. Ele faz parte das relações entre sujeitos que embora tenham um projeto coletivo e com objetivos comuns, compartilham realidades bem diferenciadas. Assim constitui-se como fato integrante do processo e uma de suas funções é auxiliar no estabelecimento da gestão democrática. A própria Instituição de onde ele provém possui pessoas que ignorando os estatutos da Universidade, onde atuam e que por ser confessional é de tradição comunitária, discriminam este departamento e os que nele trabalham. Alguns se comportam como se trabalhar com pessoas menos privilegiadas socialmente fosse uma doença contagiosa que denegrisse a imagem postada de uma autoridade de alto escalão, isso se assim o fosse, mas é algo que talvez tenhamos que relevar como derivadas de classe social e desinformação cultural.

Em entrevista com o Prof. Cláudio José dos Santos (Pró-Reitor Comunitário da Universidade Católica de Santos) em 22 de dezembro de 2008, foi possível observar que também é sensível a alguns comportamentos. Em sua fala, o Pró-Reitor ressalta que:

Talvez os próprios professores sejam responsáveis por essa situação. Esse tipo de preconceito, e isso não é fácil de retirar. O preconceito é uma realidade das pessoas que tendem a superar o lugar social e acreditar que tudo é fundamental e o resto é o resto. Se eu sou professor universitário eu tenho que valorizar minha própria disciplina, segundo momento valorizar o curso como um todo. Soma-se a isso as nossas histórias de governo, porque

durante a ditadura militar uma das formas de desvalorizar os centros acadêmicos foi desestruturar as universidades e formarem técnicos. “Sem cérebro com muito músculo”. Um dos esforços da ditadura, operação Rondon levando o jovem para a Amazônia, Mato Grosso com os índios, cablocos etc. Isso levou os professores a ter essa cultura. Para diminuir essa distância eu acho que deveria fazer parte do Projeto Pedagógico do curso, não precisamente ser uma disciplina, poderia até ter a disciplina Educação Não-Formal; A importância da educação não-formal e a formação cidadã do indivíduo ou então se não tiver espaço para uma disciplina, tiver de fato uma linha transversal no programa que ocupasse as várias disciplinas, uma especial que tenha como em didática que tivesse que ser colocada alguma coisa no programa de educação não-formal. “O caminho a partir da graduação”.

Acreditando no trabalho da professora coordenadora do NECOM Carmen Lydia Dias Carvalho Lima e do professor Pró-Reitor Comunitário Cláudio José dos Santos é que elaboramos as entrevistas que podem ser contempladas na íntegra nos anexos. A participação de ambos neste trabalho só pode vir a contribuir nesse momento e propagar aos que não conhecem o Trabalho Comunitário ou que por ventura o discriminam a ter uma experiência real visitando uma das comunidades ou espaços que promovem o mesmo.

Os projetos elaborados pelos educadores são cuidadosamente revistos com a cooperação de vários profissionais de diversas áreas e com uma metodologia que incluem de forma prática em seus objetivos, visando para a comunidade sua organização política e social na perspectiva da autonomia, isto é, do fornecimento à ampliação dos direitos da cidadania.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o NECOM acabava de chegar à Santa Cruz dos Navegantes assumiu a responsabilidade de unir forças em uma parceria com a comunidade e muitos outros educadores, aplicando estratégias para que o patrimônio Fortaleza da Barra Grande fosse restaurado e recebesse os cuidados necessários, talvez não imaginasse a dimensão que tomaria essa parceria. Assim que a vitória foi conquistada, foi designada a Universidade Católica de Santos a cuidar dos espaços da Fortaleza e o NECOM assumiu esta responsabilidade, pois sendo um Órgão desta Instituição é inerente cumprir o que versa seu Estatuto. Criou logo de início o projeto guias mirins para sua preservação e conscientização. A pedagoga responsável pelos trabalhos na Fortaleza, professora Carmen Lydia Dias Carvalho Lima coordenadora do NECOM e outros educadores pensavam agora em outras atividades para a Fortaleza.

Pedagogos seriam, pois, os professores de todos os graus de ensino, especialistas vinculados ao sistema de ensino e às escolas, especialistas que atuam em ações pedagógicas para escolares ou extra-escolares em órgãos do setor público, privado e público não-estatal (animadores, instrutores, consultores, organizadores, trabalhadores sociais, formadores de opinião, especialistas em comunicação, criadores de vídeos, livros didáticos, agentes de difusão cultural etc.). (LIBÂNEO, 2007, p.64).

É quando a presença dos pedagogos no patrimônio histórico dá início as suas novas configurações e seus espaços são ocupados por turismo, arte, cultura, esportes, educação. E outros projetos educativos vão nascendo: brincando com arte, crescendo e aprendendo, aula de espanhol, aula de meio ambiente, teatro, curso de auxiliar de garçom, curso de camareira, dança de rua, música, culinária, inglês, manipulação de alimentos, xadrez e o atendimento ao turista. Educadores e estagiários se unem na busca por melhor qualidade do ensino, do

atendimento e cumprimento do seu trabalho. A conexão da educação formal com a não-formal ocupa os espaços da Fortaleza, e teoria e práticas vão sendo reformuladas no processo dessa ocupação, promovendo aprendizagem na prática dos educadores e participantes. A travessia no estuário de Santos/Guarujá já é uma expectativa para novos estagiários de Gastronomia, Nutrição, História, Letras, Serviço Social, Pedagogia e outros cursos que se apresentam para o trabalho, muitas vezes trazem um amigo ou um parente para conhecer a Fortaleza da Barra, suas atividades e aproveitar para conhecer sua história e o belo visual que ela proporciona e que anteriormente eles desconheciam.

A pesquisa e reflexão sobre a Fortaleza indicam que o Trabalho Comunitário adquiriu relevância no patrimônio histórico quando criou, mediante orientação pedagógica do NECOM, condições para o exercício de práticas educativas junto à comunidade local. Ele que desenvolve atividades que vão além do atendimento aos turistas, torna oportuno parar e pensar sobre a preservação dos patrimônios históricos tão pouco preservados pelo poder público.

A soma dos esforços das lideranças locais articuladas pelo resgate da memória da escola formal ali existente na década de 50, em particular pela memória da ação positiva e de grande valor pedagógico da professora Josefina, é uma contribuição social que relata parte da história da Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, patrimônio singular e importante para Santa Cruz dos Navegantes e Baixadas Santista. A idéia de atender as pessoas da comunidade recordando a escola que ali existiu, tornou possível um reencontro com sua professora e possibilitou um registro fotográfico que ficará exposto na Fortaleza como fonte documental. O entusiasmo dos estudantes e estagiários que frequentam a Fortaleza sinaliza os bons resultados ali auferidos por todos aqueles que de alguma forma interagem com os habitantes das comunidades locais. Esta interação que possibilita a troca de saberes entre todos os que ali vão, indicam que há condições propícias para futuros projetos. Preocupada com o saber

sistematizado adquirido pelo aluno em sala de aula e aplicado em respostas aos seus questionamentos que aparecem no cotidiano da sua prática, para que se dê a aquisição do conhecimento, pois sua questão fundamental é metodológica. Deverá, ainda, desenvolver técnicas exploratórias que lhe permitam identificar e dimensionar os recursos comunitários, bem como estagiar aplicando atividades relacionadas com sua futura habilitação.

O trabalho pedagógico do Núcleo de Extensão Comunitária não deixa de valorizar a história, os costumes e as tradições dos bairros onde atua. Em Santa Cruz dos Navegantes, a Unisantos, através do NECOM, superou o descaso e o abandono a que foi relegado o mais importante monumento arquitetônico-militar do Estado de São Paulo. A Fortaleza da Barra Grande durante mais de três séculos —, na Colônia, no Império e na República, com o troar de seus canhões, foi sempre sentinela avançada e guardiã da liberdade nessas terras da Baixada Santista que hoje se reagrupam através da metropolização. A obra que se segue a este prefácio é o prenúncio de uma nova era que valoriza a ação comunitária como uma forma simples e prática de se diminuir o desnível pedagógico entre as classes de maior e menor favorecimento no seio da nossa sociedade. Elcio Rogério Secomandi (Revista Ação Comunitária, ano 2 – janeiro - 1997, p.13)

As atuais concepções analisadas aqui sobre o Trabalho Comunitário evidenciam que este é o caminho para o conhecimento formativo dos futuros profissionais envolvidos em pesquisa e extensão. O conhecimento adquirido em sala de aula subsidia a reflexão desse estagiário dando-lhe elementos para aperfeiçoar a sua prática. Esta atitude vem sendo vista como exemplar para outras Instituições de Ensino Superior de Graduação e Pós-Graduação, que já sinalizam ter essa experiência do NECOM como referência. A integração dos cursos da Unisantos em espaços comunitários tem se constituído numa utopia bem sucedida na formação cidadã de crianças, jovens e até mesmo adultos. O que sinaliza que todo o projeto pedagógico dos cursos de graduação da Unisantos muito se beneficiará se estender esta experiência para outros espaços patrimoniais das cidades da Baixada Santista

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Almerindo Janela. Sociologia da educação não-escolar: Reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, A. J. *A sociologia na escola – professores, educação e desenvolvimento*. Porto, Biblioteca das Ciências do Homem, Ed. Afrontamento. 1992.

AFONSO, Almerindo Janela. “Os Lugares da Educação” *Educação Não-Formal: Cenários da Criação*/Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, Margareth Brandini Park e Renata Sieiro Fernandes, Orgs. – Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001.

ANDRE, Marli Eliza Dalmazzo Afonso de. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Líber Livro, 2005.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes, *Barra Grande, Herança e Memória: três momentos na vida de um monumento*. Leopoldianum nº51. 1991. Santos, SP

ARROYO, Miguel G. *Revendando os vínculos entre trabalho e educação: Elementos materiais da formação humana*. In: Silva. T.T. da. Trabalho, educação e prática social - Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

ARROYO, Miguel G. *Trabalho – Educação e Teoria Pedagógica* In: Gaudêncio Frigotto (org.). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. – (Coleção estudos culturais em educação)

BARBIER, René. “A Pesquisa – Ação” Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora 2002 – (Série Pesquisa em Educação, v. 3).

BRANDÃO, Zaia. *Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos*. Rio de Janeiro. Edições Loyola, 1999.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – *Documento Introdutório*. Versão Preliminar. Brasília, nov. 1995.

COSTA e SILVA SOBRINHO. *A Fortaleza da Barra Grande, Santos noutros tempos*. Revista dos Tribunais. 1953. São Paulo. SP

COMÊNIO, J. A. *Didática magna*. Fundação Calouste Gulbbenkian, 2ª edição, Lisboa, 1957.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DELORS, Jacques. *Educação um tesouro a descobrir*-Relatório da Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

DEMO, Pedro. *Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos*. Brasília: Líber Livro Editora 2004. (série Pesquisa em Educação, v. 8).

DEMO, Pedro. *Avaliação Qualitativa*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 25)

FAZENDA, Ivani (Org.). *Novos Enfoques da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*: coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos. [et al.]. 4ª ed.rev. ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 18.ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (O mundo, hoje, v. 21).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 3.ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. – (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. *Essa Escola Chamada Vida – Depoimento do Repórter 7, Kosscho, Ricardo*. 6.ª ed. São Paulo: Editora Ática. 1988.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GENTILI, Pablo (org.). *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. 10.ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política*. 3.<sup>a</sup>ed. - São Paulo, Cortez, 2005. – (Coleção Questões da Nossa Época; v: 71).

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 9.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HILLMAN, James. 1926 - *Cidade & Alma*; coordenação e tradução Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. – São Paulo: Studio Nobel, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Jean-Jacques Rousseau: fundador das ciências do homem. In: *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro 1976.

LDB – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n.º. 9394, de 20/12/96

LIBÂNEO, José Carlos & PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança*. *Educação e Sociedade*. Campinas Cedes, V.20, n 68, p.239-277. Dez.1999. Vol.especial.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos para quê?* 9.<sup>a</sup> ed. – São Paulo, Cortez, 2007.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação* – São Paulo: Cortez, 1990. – (Coleção Magistério – 2º grau. Série formação do professor).

MORI, Victor Hugo. *Arquitetura Militar – Um Panorama Histórico a partir do Porto de Santos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Fundação Cultural Exército Brasileiro, 2003.

NECOM – NÚCLEO DE EXTENSÃO COMUNITÁRIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS. *Ação Comunitária*, Ano I, janeiro de 1996. Editora Universitária Leopoldianum. Unisantos

———. *Ação Comunitária*, Ano II, janeiro de 1997. Ed.univ. Leopoldianum. Unisantos.

———. *Ação Comunitária*, Ano III, junho de 1999. Ed.univ. Leopoldianum. Unisantos.

———. *Ação Comunitária*, Ano IV, abril de 2007. Ed.univ. Leopoldianum. Unisantos.



OLIVEIRA, Walter Ferreira. *Educação social de rua: as bases políticas e pedagógicas para uma educação popular*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PESCUNA, Derna; CASTILHO, Antonio Paulo F. de. *Projeto de pesquisa: O que é? Como fazer?* Um guia para sua elaboração. 2. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*, São Paulo. Cortez, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. *Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas*. In — (Org.). *Para um currículo de formação de pedagogos: Indicativos*. São Paulo: Cortez, 2002.

RIBEIRO, José Querino. *Formas do Processo Educacional*. In: FORACCHI, Marialice M. PEREIRA, Luiz. *Educação e Sociedade*. 8.ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 5ª ed. - São Paulo: Cortez Editora: Autores Associados, 1985.

SALGADO, Robnaldo Fidalgo & SILVA, Eraldo. *Fortaleza da Barra Grande: patrimônio histórico recuperado*. Santos: Editora Universitária Leopoldianum. Unisantos, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21. Ed.rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Contribuições das Ciências Humanas para a Educação: A Filosofia*. Em Aberto, Brasília, ano 9, nº. 45 jan. mar. 1990.

SECOMANDI, Elcio Rogério. *Circuito turístico dos fortes: Região Metropolitana da Baixada Santista; fotos de Antonio Carlos Freddo*. Santos: ed. Universitária Leopoldianum, 2005.

SEPLA – Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Financeira – Prefeitura Municipal de Guarujá – São Paulo. 2004

SZYMANSKI, Heloisa (org.). *A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva*. Brasília: Líber Livro, 2004.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREVISAN, Amarildo Luiz. *Terapia de Atlas: Pedagogia e formação docente na pós-modernidade*. Santa Cruz do Sul – RS: Editora da UNISC, 2004.

TRILLA. J. *La Educación fuera de la escuela. Ámbitos no formales y educación social*. Barcelona. Ariel. 1996.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS. “*Estatuto – Unisantos*”, aprovado pelo CONSU em 05/12/2002 e pela Assembléia Geral Sociedade Visconde de São Leopoldo em 05/04/2003.

VALE Ana Maria do. *Educação popular na escola pública*. São Paulo – Cortez, 1992 – (Coleção questões da nossa época: v.8).

# ANEXOS

## **ANEXO I**

### **ENTREVISTAS COM ANTIGOS ALUNOS DA FORTALEZA.**

#### **1ª Entrevista: Maria Helena Borges de Freitas**

Maria Helena, moradora na Santa Cruz dos Navegantes, tem 59 anos e nasceu na Ilhabela, fala sobre suas experiências como educanda na Escola Fortaleza da Barra.

“Vim para Santa Cruz ainda criança e quando completei sete anos minha mãe foi na Fortaleza fazer minha matrícula para estudar, isso foi em 1955. Meu irmão já é falecido, mas, também estudou ali, hoje a rua em que moro tem em homenagem o seu nome, se chama Messias Borges. Estudei ali desde a minha primeira série, a professora morava em Santos e os alunos a esperavam na ponte, quem a atravessava era o Didiu. A professora era enérgica, exigente e quando o aluno fazia qualquer travessura mais séria, mandava chamar os pais ou como castigo aumentava suas lições. A sala funcionava com primeira, segunda e terceira séries, mas a professora dava conta de ensinar a todos. Aprendíamos tabuada, cantar o hino nacional e tínhamos recreação também, gostavam de pular corda, pular amarelinha e brincar de corre-corre. As vezes um médico vinha até a escola e examinava todos os alunos, este deixava remédios com a professora que administrava, dando aos alunos por alguns dias, não sei para que serviam, mas ela dizia que era para fortalecer.

Na vinda para a escola, ou de volta para casa procurávamos sempre ter companhia, nunca íamos sozinhas, existia muito mato.

Ser aluna na Fortaleza foi muito bom, e os três anos que estudei ali aprendi muito, e hoje estar de volta trabalhando no mesmo espaço, fazendo a merenda das crianças do Projeto Programa de Criança é algo muito significativo prá mim, tenho mais claro ainda o quanto é importante estudar”

A entrevistada Maria Helena trabalha como cozinheira, faz parte do projeto “Programa de Criança” desenvolvido na Fortaleza da Barra pelo Clube 2004 - PETROBRÁS em parceria com o NECOM.

## **2ª Entrevista: Helena Leal Vitorino**

Uma segunda entrevista foi feita com Helena Leal, natural da Praia do Goes que hoje com sessenta anos de idade vive na Santa Cruz dos Navegantes.

“Comecei a estudar na Fortaleza em 1954, fiquei retida na primeira série e continuei estudando. A professora foi até minha casa saber quem precisava ir para a escola e depois a matrícula foi feita na Fortaleza. Tínhamos uma sala de aula com muitas crianças, mas a professora dividia a lição nas lousas. Recebíamos todo o material, ( cadernos, lápis, cartilha e tinham livrinhos das matérias também). Alguns alunos recebiam os livrinhos com Aritmética, História, Português. As meninas usavam um avental branco com babados nos braços até a cintura, era o nosso uniforme.

A professora fazia chamada oral de aritmética, e quando tinha muita conversa o castigo era ficar de pé olhando para a parede bem pertinho dela, depois a gente ia sentar. Na hora do lanche existia um casal que cuidava da Fortaleza e sua filha Elza fazia o lanche das crianças, depois nós íamos brincar, às vezes caía correndo nas pedras. Também existia uma faxineira que limpava a classe, ela vinha lá da Praia do Goes.

Estudávamos de manhã, e quando íamos embora para casa a professora sempre recomendava: *“procurem ir todos juntos para casa e não fiquem pelo caminho que é perigoso”*. Lembro-me também das épocas do final de ano, em que nossa vida era muito simples e não possuíamos muitas coisas, faziam-nos uma festa com tudo que criança gosta, e recebíamos sapatos, roupas e brinquedos. “Era nossa alegria e de nossos pais de nos ver contente”.

Quando terminei a terceira série fui para Santos, assim como outras crianças faziam, se quisesse continuar estudando, e conclui a quarta série na Escola *Lourdes Ortiz*.

A entrevistada Helena tem seu esposo que trabalha na Fortaleza, e ele relata que às vezes, quando sai para o trabalho, ela fala brincando: Cuida bem da Fortaleza porque ali foi minha primeira escola.

### **3ª Entrevista: Josias de Souza**

Esta terceira entrevista surgiu por um acaso, conversava na Fortaleza com uma estagiária sobre a escola que ali existiu, quando uma criança que hoje estuda inglês ali, aproximou-se e disse que seu avô foi estudante na Fortaleza e que sempre lhe conta histórias, pedimos então que perguntasse a ele se poderíamos entrevistá-lo, e respondendo por ele disse: “Certamente que sim, ele amou a escola da Fortaleza”.

Sr. Josias tem sessenta e dois anos é natural da Praia de Bonete – Ilhabela – SP. É viúvo e sua filha e netos moram com ele na Santa Cruz dos Navegantes.

“ Estudei na Fortaleza em 1952, morava na Santa Cruz dos Navegantes e cursei até a terceira série, concluindo em Santos a quarta série. Existia somente um salão de aula para meninos e meninas. Os alunos eram muito difíceis de repetir o ano da forma como eram ensinados. A professora ensinava a matéria na lousa, quando percebia que o aluno tinha dúvida, ela chegava até a carteira e dava uma força, ensinava a gente. A molecada aprendia bem melhor.

Não havia indisciplina, todos se respeitavam muito bem, a professora todos, gostavam muito dela, e se davam muito. Não me lembro de nenhum caso assim de ficarem brigando. Possuíamos outra formação de moral; antigamente a gente já vinha com formação moral de casa. No colégio era tudo legal, agora fora do colégio sabe como é criança, havia briga, mas lá fora do ambiente escolar.

No momento da recreação brincávamos de gangorra, balança. Existia um pátio onde brincávamos logo na entrada, na parte de baixo onde ficam as guaritas, e tinham brinquedos de madeira.

Entrávamos na escola às sete horas da manhã e saíamos às onze horas, aos sábados não tínhamos aula. Para chegarmos até a escola, íamos pelo caminho que passa pelas pedras, depois pela praia, e quando a maré enchia íamos pela estrada e subíamos um caminho saindo lá na cortadura, perto de onde chama *Portão Espanhol*. Gostei muito de ser aluno na Fortaleza, adorei, eu gostava demais das professoras, e o local, que era muito agradável.

Encerrei meus estudos na Escola *Lourdes Ortiz* e fui trabalhar com meu pai na pesca e só depois quando já estava com dezoito para vinte anos é que entrei no Instituto de Pesca, depois que fiz uma avaliação e passei, para fazer um curso de condutor da Marinha Mercante. Passei três anos ali interno e fazia reforço escolar, estudei tecnologia de pesca, aprendi trabalhar com máquinas e motores, fazia embarcação e uma série de coisas. “Na Marinha trabalhei na pesca, depois fui para as DOCAS (Departamento do Cais Santista) e trabalhei com máquinas e motores e fiquei de oficial no Porto e saí depois de treze anos, em 1994”.

#### **4ª Entrevista: José Alexandre**

Sr. José Alexandre tem 62 anos é natural e morador na cidade de Santos.

Fui aluno na Fortaleza de 1952 até 1954 morava na Praia do Góes, tornei-me santista porque foi no hospital de Santos que minha mãe foi quando eu estava para nascer. Minha matrícula foi feita na própria escola, existia somente uma sala de aula e a turma era dividida por matéria na lousa, mas os cursos 1º, 2º e 3º séries juntos, minha professora Josephina Agosto.

Os alunos gostavam da forma que ela ensinava o que os alunos não gostavam muitos era da parte da régua, ela era uma pessoa muito enérgica. As matérias como eu havia dito antes eram

divididos por séries, e ela dava assistência a todos da classe tanto da 1º a 3º série de uma maneira muito boa.

Não existia indisciplina, a professora neste aspecto era nota dez. Nós entrávamos às sete da manhã e saíamos as onze ou doze horas não me lembro bem. Havia recreação e merenda escolar na Fortaleza, era um almoço. Criávamos nossas brincadeiras no começo, mais tarde quando veio o Círculo Militar é que criaram um playground para nós, também não era muita coisa um balance, gangorra e escorregador.

Para chegarmos até a escola, vínhamos da Praia do Góes por uma trilha, um caminho pelas pedras, pois, antigamente o transporte era só de canoa, não havia barco motorizado era só canoa mesmo, e o mais prático era o caminho. “O que mais marcou é que quando nós estudávamos na Fortaleza existia o pessoal da minha geração e vínhamos todos juntos, então era uma amizade boa, grande parte era parenta e tudo isso fez que nós não esquecêssemos desta época que foi muito boa, e o privilégio estudarem num local cheio de história”.

## **5ª Entrevista: Antonio Jair Lopes de Oliveira**

O Sr. Jair tem 62 anos é natural e morador da cidade de Santos, tem hoje um pequeno comércio na Praia do Góes onde cresceu e viveu até casar-se.

Fui aluno na Fortaleza de 1954 a 1956 morava na Praia do Góes, nossa matricula foi feita com a professora que foi até nossa casa e conversou com meus pais. Estudei as três séries com a professora Josephina, nós alunos gostávamos da forma como éramos ensinados, era diferente a professora trabalhar com três turmas ao mesmo tempo. Tínhamos matemática, português, geografia. Habitualmente cantávamos o Hino Nacional pela manhã, principalmente em época cívica.



A professora era muito rigorosa e já tratava a indisciplina antes de acontecer. Tínhamos um momento de recreação entre nós de: jogar bola, correr, pega-pega depois fizeram um parque lá pra gente. Vínhamos para a escola pela trilha, aquele tempo não tinha barco a motor, o mais fácil era pela trilha.

Concluí meus estudos em Santos na Escola *Lourdes Ortiz* em 1957 até 58, minha professora ali foi D. Marina. Mas gostei de ser aluno na Fortaleza da Barra pelas amizades que a gente tinha, todos se davam bem, não tinham maldade. “Não existia violência, isso marcou muito e estudar ali foi privilégio”.

## **6ª Entrevista: Professora Josephina Agosto 22/10/2007**

A senhora Josephina Agosto tem 90 anos é natural e moradora da cidade de Santos, solteira e aposentada. Formou-se como professora em 1938 no Liceu Feminino Santista em Santos.

Nesta entrevista Josephina Agosto relatou que foi professora na Fortaleza da Barra no período de 1951 a 1964 aproximadamente, a entrevista teve a duração de 90 minutos e pude perceber grande apreço pelas pessoas da comunidade. A mesma relatou suas lembranças sempre com muito carinho. Disse-nos que foi pleitear uma vaga no Guarujá e o prefeito na época, Abílio dos Santos Branco, que era seu conhecido, nomeou-a professora da escola. Foi assim que ela passou a ser então a primeira professora da escola que começou a funcionar numa pequena sala da Fortaleza da Barra. Quando a escola foi formada, o prefeito mandou tudo direitinho: carteiras, mesa e muitas lousas. Como diz a professora Josephina, “*trabalhando com três séries diferentes precisei dividir a turma, enquanto trabalhava com uma série a outra já tinha lição para fazer*”. A classe era formada por quarenta alunos, atendendo da primeira a terceira série, todos no mesmo horário. Em seu relato ela afirma “*adaptei-me muito bem, preparava o horário das aulas discriminando os conteúdos que ia ensinar, e uma vez ou outra recebia*

*inspeção de um supervisor do Estado. Quem cuidava do Forte era Sr. Ermenegildo, militar da reserva que morava lá, também era quem hasteava a bandeira enquanto as crianças cantavam o Hino Nacional, e, em outros momentos o Hino à Bandeira. Este hino era uma das minhas primeiras exigências, todos deveriam saber muito bem, e se não soubessem recebiam castigo”.*

Para chegar até a Fortaleza a D. Josephina, que morava em Santos, conta que pegava um ônibus e saltava na Ponte dos Práticos aguardando a boa vontade de alguém que a levasse para o outro lado do mar. Um morador, jovem de apenas quinze anos Pedro Paulo Ramos, o Didiu da Santa Cruz dos Navegantes, é que conduzia as catraias a remo, ele atendia a professora levando-a até a Fortaleza para lecionar. Para orientar o barqueiro em sua atracação, a sinalização era feita no grito, conta D. Josephina que trabalhou lá onze anos, e como problemas que enfrentou, citou a falta de conforto. Mais tarde quando o Círculo Militar de Santos assumiu a responsabilidade do Forte, ocupando-o como sua sede náutica, o desconforto aumentou. Os militares mudaram sua sala para cima do mezanino, onde existiam muitas goteiras e, quando ventava, a poeira ia toda lá para cima. As crianças não lhe davam, trabalho sempre muito boazinhas, inteligentes, só que não tinham vontade de aprender; não tinham malícia, nem maldade e gostavam de ensinar aos que estavam mais atrasados. Chegavam na hora certa, mesmo as crianças que moravam no Sítio do Icanhema. Quando acontecia um atraso, diz a professora Josephina que lhes chamava a atenção e não acontecia mais. Ela conta que as crianças da Praia do Goes atravessavam pelas pedras, o que era sua maior preocupação. Temia vir algum malandro e pegar as crianças, *“mas graças a Deus nunca aconteceu”*. Os alunos tinham o horário das aulas dividido em minutos, aprendiam: Gramática, Aritmética, com parte oral e exercícios. Era uma turma muito boa, relata a Prof<sup>a</sup>. Josephina, *“as crianças sempre ensinam à gente”*. Os pais faziam a matrícula de seus filhos diretamente com a professora, que marcava o dia e o horário. Deveriam para isso levar a

certidão de nascimento, mas, havia muita desistência, qualquer coisa era motivo para mandar riscar o nome da lista. e, quando passavam para a quarta-série, os alunos de D. Josephina viam-se forçados pelas circunstâncias a continuar seus estudos em Santos, na Escola *Lourdes Ortiz* ou onde é o Museu de Pesca. Mas disse que *“trabalhar na Fortaleza foi muito gratificante, o local possui uma vista encantadora para a cidade de Santos, o pessoal foi muito bom, gostei muito”*. E fez questão de acrescentar. *“Dar aula é gostoso, maravilhoso, principalmente quando a criança principia a descobrir as letras e juntar descobrindo as palavras, é um prazer muito grande. E o recado que deixo aos educadores de hoje é que o professor precisa ter amor ao trabalho, paciência e muito amor”*.

Quando a entrevista estava para se encerrar, perguntamos a ela – “O que lhe daria prazer para findar o ano?”, foi quando nos surpreendeu dizendo: *“Se possível fosse, gostaria de voltar à Fortaleza e reencontrar meus alunos”*. Assegurou-se que faríamos o possível para marcar este encontro, mas, como ter a certeza de que ela voltaria lá depois de tantos anos? Garantiu-nos dizendo: *“Se meus alunos forem lá, farei o maior esforço, mas, também irei, é só me telefonar”*.

## **ANEXO II**

### **Entrevistas: de estagiários que atuaram na Fortaleza.**

#### Entrevista 1:

Ana Paula Saraiva de Moura

**Curso:** Letras      **Ano em que atuou:** 2006

**Projeto que desenvolveu:** Viaje al Español

**Procedimentos metodológicos:** Aulas de gramática, vocabulário e expressões que fazem parte de toda a América Latina, não só da Espanha para que os alunos descobrissem a Língua Espanhola em sua mais ampla diversidade lexical por intermédio de vídeos, música e situações vivenciais do cotidiano.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Contribuiu muito, ao passo que me deu a oportunidade de sentir uma situação real em sala de aula e poder aplicar todo conhecimento sobre a língua o qual eu já tinha antes de atuar. Acredito que para um professor o mais importante é justamente o contato com a realidade de seus alunos para avaliar se poderá transmitir de algum modo certas informações ou mesmo ter de adaptá-las de acordo com o valor de seus conhecimentos, pois saber passar uma informação que muitas vezes não faz parte do cotidiano dos alunos deve conter certa criatividade, leveza e flexibilidade por parte do professor sem impor as regras tradicionais executadas na escola e isso exige certa reflexão por parte do docente.

**Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

O trabalho do NECOM é de muita importância não só para aqueles que o executam (seus estagiários) assim como para aqueles que o recebem ao adicionar em suas vidas certos valores importantes ao convívio em sociedade.

**Entrevista 2:**

Sueli Costa Souza Silva

**Curso:** Letras      **Ano em que atuou:** 2007/2008

**Projeto que desenvolveu:** Bienvenido a la lengua española

**Procedimentos metodológicos:** exercícios sobre o tema para melhor fixação, CDs para compreensão auditiva, uso de ditado para reforçar vocabulário, utilização de textos literários para estimular criatividade, etc.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim. Para aperfeiçoar os conhecimentos didático-pedagógicos adquiridos e novas técnicas de ensino/aprendizagem na língua espanhola.

**Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

Vejo o trabalho no NECOM de forma positiva, uma vez que capacita as pessoas da comunidade possibilitando a oportunidade de serem incluídos no mercado de trabalho.

Entrevista 3:

Terezinha de Souza Pacheco

**Curso:** Pedagogia                      **Ano em que atuou:** 2007

**Projeto que desenvolveu:** Programa de Criança

**Procedimentos metodológicos:** Organização do trabalho burocrático e pedagógico

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim. O confronto das teorias de ensino-aprendizagem e das teorias de gestão educacional com a prática, ou seja, com a experiência profissional, possibilita a reflexão e o enriquecimento formativo e resulta no aprimoramento didático.

**Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

Considero positivo, pois beneficia a comunidade, o profissional e a Instituição.

Entrevista 4:

Lígia Maria Ribeiro de Carvalho

**Curso:** Tradução/Inglês      **Ano em que atuou:** 2008

**Projeto que desenvolveu:** aula de inglês para adulto

**Procedimentos metodológicos:** Ensinar estruturas básicas da língua inglesa para utilização no cotidiano.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim. O contato com os alunos, o processo de preparação de aulas é experiência que conta muito.

**Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

O trabalho realizado pelo NECOM é importante pois traz oportunidades às comunidades, com a realização de cursos e outros atendimentos.

Entrevista 5:

Arnaldo Ribeiro da Silva

**Curso:** Nutrição      **Ano em que atuou:** 2008

**Projeto que desenvolveu:** Culinária Alternativa

**Procedimentos metodológicos:** Apresentação de aulas expositivas teóricas e práticas de preparações culinárias.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Contribuiu para aumentar a responsabilidade, experiência de contato direto com a população alvo, comunicação social, entre outros.

**Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

Vejo que o NECOM tem proporcionado grandes benefícios à comunidade, os projetos têm sido efetivados através de interdisciplinaridade, aumentando a qualidade de vida da população.

#### Entrevista 6:

Ariany C. H. Nakaya

**Curso:** Tradução

**Ano em que atuou:** 2008

**Projeto que desenvolveu:** ensino de inglês básico para crianças

**Procedimentos metodológicos:** utilização de livros para gramática, vídeos e música; etc.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Contribuiu para meu curso, pois pude lembrar muitos vocabulários já esquecidos e desenvolver o trabalho com o público.

**Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

É muito importante darmos atenção e uma chance para as classes mais carentes e assim ajudá-los a se desenvolver como cidadãos. E a maneira do NECOM é boa pois é bem variada.

#### Entrevista 7:

Roberto Luis Assunção

**Curso:** História

**Ano em que atuou:** 2003

**Projeto que desenvolveu:** Guias da Fortaleza da Barra

**Procedimentos metodológicos:** utilização de textos, música, vídeo com história da Fortaleza, acompanhamento de monitorias as escolas.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Aos doze anos de idade fiz parte do Projeto Brincando com Arte e aprendíamos muitas brincadeiras e passeávamos. Depois fiz parte do Projeto Guias Mirins da Fortaleza, foi uma oportunidade para perder a timidez e me comunicar melhor e fui sendo atraído pela história da Fortaleza ao ponto de ao completar a idade para prestar o vestibular, optar por fazer o Curso de História passando então de ser estagiário do NECOM e trabalhar com os Guias da Fortaleza ensinando a parte histórica para os futuros monitores. De aluno passei a ser professor e foi muito gratificante

**Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

Particpei dos projetos do NECOM quando iniciava seus trabalhos na comunidade e sempre gostei da forma como tratavam os moradores e analiso como um trabalho sério que trouxe benefícios para os moradores, estagiários e educadores quando proporcionou oportunidades para todos.

**Entrevista 8:**

Roseni Lima da Cruz

**Curso:** Pedagogia

**Ano em que atuou:** 1996

**Projeto que desenvolveu:** Brincando com Arte

**Procedimentos metodológicos:** resgate de brincadeiras e brinquedos, passeios em parques, Orquidário, Aquário, Fortaleza da Barra e escuna.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sou moradora em Santa Cruz dos Navegantes, fiz Pedagogia e fui estagiária do NECOM no Projeto Brincando com Arte, e o trabalho comunitário contribuiu bastante, trocávamos experiências nas reuniões e muitas vezes fiz a relação de teorias de aprendizagem com a prática ao elaborar com segurança atividades para as crianças. Hoje sou professora formada,



funcionária na Prefeitura do Guarujá e em meus momentos livres faço parte dos alunos do Curso de Teatro na Fortaleza.

**Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

Sempre estimei as crianças da comunidade a participarem dos projetos, pois evitava que ficassem na rua e iriam aprender algo significativo. Meu filho foi uma das crianças que sempre animei a ser exemplo para os outros e posso assegurar que não me arrependo, é um trabalho que envolve pessoas responsáveis e que se preocupam em ajudar seus cidadãos a conquistar uma vida melhor.

**Entrevista 9:**

Katia Ayres dos Anjos

**Curso:** Serviço Social

**Ano em que atuou:** 2008

**Projeto que desenvolveu:** Oficina para formação de auxiliar de garçom.

**Procedimentos metodológicos:** Preparação de mesas, pratos, recepção dos clientes, apresentação para o trabalho.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim, pois a interação com os demais participantes potencializa a troca de saberes e sem dúvida, apesar das dificuldades, houve o amadurecimento desta estagiária.

**Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

Um trabalho necessário e que necessita de alguns ajustes para que os espaços funcionem em seu potencial máximo e dessa maneira alunos e sujeitos de direitos usufruam do mesmo da forma efetiva, cada um fazendo a parte que lhe couber.

## **Entrevista 10**

Vanessa Godke da Luz

**Curso:** Letras/Espanhol

**Ano em que atuou:** 2006

**Projeto que desenvolveu:** curso básico de espanhol

**Procedimentos metodológicos:** aulas teóricas por meio de textos e práticas através de exercícios utilizando letras de música e aparelho de som.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim, despertando o interesse em buscar melhores formas para trabalhar com os alunos e adquirindo o hábito de trabalhar em sala de aula, criando estratégias de ensino.

**Como você analisa o trabalho comunitário da forma que é feito pelo NECOM?**

Um trabalho que está aberto para atender as necessidades da comunidade e acrescentar o aprendizado dos seus alunos estagiários. Ficar melhor quando outros educadores perceberem o significado deste trabalho para o crescimento humano.

## **ANEXO III**

**Entrevistas: com moradores que fizeram cursos na Fortaleza.**

**ENTREVISTA 1 Claudemira Alves da Silva, 35 anos**

**Projeto(s) de que participou:** informática, espanhol e inglês.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim. Em todos os sentidos. Para minha formação pessoal, profissional e comunitária. Enriqueceu meu currículo, deu-me oportunidade de expandir meus conhecimentos ao mesmo tempo em que ampliou meu círculo de amizades.

**Como você analisa o trabalho do NECOM na sua Comunidade?**

O NEC é de grande importância para a comunidade, uma vez que oferece à mesma serviços que sem o mesmo seriam de difícil acesso, além de que integra os moradores com os estagiários de comunidades e realidades diferentes, expandindo assim as chances de crescimento dos mesmos promovendo a troca de experiências e a inclusão dos menos favorecidos. Além de tornar visível a beleza de um lugar antes discriminado como foi por um bom tempo a Santa Cruz.

**ENTREVISTA 2**

**Silvana Santana Athanasio Nazaré, 27 anos**

**Projeto(s) de que participou:** Guias Mirins da Fortaleza

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim. Acredito que de todas as formas: no conhecimento, no relacionamento, na higiene e saúde os cuidados necessários; nos nossos direitos, no nosso comportamento. E os passeios que fazíamos para conhecer lugares que não conhecíamos.

**Como você analisa o trabalho do NECOM na sua Comunidade?**

Vejo como um excelente trabalho pois contribui muito com a Comunidade. Hoje todos os cursos que aparecem eu coloco os meus filhos para participarem e aprenderem como eu.

**ENTREVISTA 3**

**Lourdes David Fonseca dos Santos, 23 anos**

**Projeto(s) de que participou:** Guias da Fortaleza, Brincando com Arte, Informática, Artesanato, Gocca e Manicure.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim, principalmente na área da comunicação e expressão corporal, pois aprendi a me comunicar sem ter vergonha e objetivamente, sem muita gesticulação e diretamente.

**Como você analisa o trabalho do NECOM na sua Comunidade?**

Bom, pois traz muitos benefícios para quem usufrui do núcleo, pois a maioria dos cursos tem comprovante, e não é cobrado nada dos moradores do bairro.

## **ENTREVISTA 4**

**Laís Alexandre de Lima, 16 anos**

**Projeto(s) de que participou:** Brincando com Arte, Guias da Fortaleza, Meio Ambiente, Teatro, Violão e curso de Espanhol.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Eu já frequento o NECOM desde meus 5 anos de idade e para mim o que mais marcou no meu decorrer da minha infância e juventude é muito importante. E com isso eu aprendi que não é apenas conviver com pessoas do mesmo nível, mas sim com grandes mestres que me fizeram ver o mundo de outra forma.

**Como você analisa o trabalho do NECOM na sua Comunidade?**

Em minha opinião o que o projeto faz pela nossa comunidade está de parabéns, ele faz de tudo o que pode para fazer benefícios na Santa Cruz, para resgatar crianças e transmitir várias coisas boas.

## **ENTREVISTA 5**

**Karin Góes Barbosa, 28 anos**

**Projeto(s) de que participou:** Camareira e Culinária Alternativa

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim. Aumentando minha oportunidade de emprego e acrescentando meus conhecimentos.

**Como você analisa o trabalho do NECOM na sua Comunidade?**

Trouxe benefícios para os moradores, tirando as crianças da rua, com os cursos e os jovens tendo maiores oportunidades.

## **ENTREVISTA 6**

**Luciene Correia Beriba, 40 anos**

**Projeto(s) que participou:** Bartender, culinária, inglês e espanhol.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Na minha estrutura educacional, formação da cidadania para com todos da comunidade. No incentivo aos meus filhos que é o mais importante que através de mim eles sentem vontade de estudar..

**Como você analisa o trabalho do NECOM na sua Comunidade?**

É o melhor trabalho que fizeram até hoje para a comunidade, dando oportunidade às famílias de se formarem e tirando seus filhos da rua.

## **ENTREVISTA 7**

**Bianca Fabiana Marques de Castro, 16 anos**

**Projeto(s) de que participou:** Brincando com Arte, Guias da Fortaleza, Espanhol, teatro, aula de desenho, inglês e meio ambiente.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim. Hoje conheço um pouco mais da história da Fortaleza e estou aprendendo cada vez mais, o que aumenta as minhas oportunidades de emprego.

**Como você analisa o trabalho do NECOM na sua Comunidade?**

Tem auxiliado todos os moradores por meio dos cursos gratuitos e serviços beneficentes, e lazer para as crianças.

## **ENTREVISTA 8**

**Sueliane Portela Pereira da Silva, 16 anos**

**Projeto(s) de que participou:** Espanhol, Guia de turismo, meio ambiente, inglês e garçom.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim, hoje eu conheço um pouco mais da história porque aumenta minhas oportunidades de emprego.

**Como você analisa o trabalho do NECOM na sua Comunidade?**

Trouxe muitos benefícios, tirando crianças das ruas e gerando a oportunidade de emprego.

## **ENTREVISTA 9**

**Francisca Maria Firmino da Silva, 22 anos**

**Projeto(s) de que participou:** Auxiliar de Barman e Culinária

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim, porque eu aprendi as técnicas que um barman usa para trabalhar em um bar ou em um restaurante, e com culinária a fazer pratos e manipular alimentos.

**Como você analisa o trabalho do NECOM na sua Comunidade?**

Ótimo, dá a oportunidade para nós jovens e crianças, de ter um emprego melhor.

## **ENTREVISTA 10**

**Ivanildo Ferreira Guimarães, 52 anos**

**Projeto(s) de que participou:** Guias da Fortaleza, Espanhol aplicado ao turismo, auxiliar de garçom e teatro.

**Contribuiu para sua formação? Explique de que forma.**

Sim. Participar de um projeto é ter a oportunidade de ampliar conhecimento, pois aprendemos o que é dado na atividade e também aprendemos a ensinar e aprender.

**Como você analisa o trabalho do NECOM na sua Comunidade?**

De forma positiva, principalmente pela constante busca por trabalhos cada vez mais abrangentes, eficazes e eficientes.

## **ANEXO IV**

Entrevistas com o Prof.º. Pró- Reitor Comunitário Cláudio José dos Santos e com a Coordenadora do NECOM Prof.ª. Carmen Lydia Dias Carvalho Lima.

**Entrevista com o Prof.º Cláudio José dos Santos (Pró-Reitor Comunitário da Universidade Católica de Santos).**

**Data: 22 de dezembro de 2008.**

## **1. O que é o Núcleo de Extensão Comunitária?**

O **NECOM** que já tem vinte e um anos é um setor da Universidade que não é um setor físico na sua estrutura tanto física, laboral, pessoal, mas na realidade é uma área de atuação que nasceu junto com a Universidade porque faz a grande diferença das faculdades isoladas. As faculdades podem se dar ao luxo de ficar apenas com o ensino, conhecimento a universidade, ela deve incorporar os outros dois pontos básicos das universidades e extensão e pesquisa. A pesquisa que deve vir do próprio curso da graduação lato-sensu e stricto sensu, e o **NECOM** tendo esse papel primordial de cristalizar ensino e pesquisa, a extensão universitária. O papel exercido é uma via de mão dupla porque sai dos seus muros, ou seja, de colocar à disposição da comunidade, principalmente das comunidades mais necessitadas, aquilo que a universidade produz como ensino e, sobretudo produz como pesquisa. Esse papel que no nosso caso é recíproca do **NECOM**, porque ele é uma via de mão dupla no sentido de que a universidade serve a comunidade, ela sai de seus muros, ela sai desta redoma de como a universidade está colocada e se espraia para fora, para a comunidade, então ela sai e vai ao encontro da comunidade. Servindo a comunidade e por outro lado a comunidade presta um extraordinário serviço a universidade, ao permitir que seus alunos se formem não apenas na teoria da sala de aula mas vivenciando na prática as questões que são as questões reais. Uma coisa é eu preparar um curso na área de Sociologia, de preparar um curso imaginando como exemplo Marx, Weber, Durkheim que são pessoas que pensaram na realidade da Europa, e trago para meus alunos. Mas é preciso ver a nossa realidade, então isso vai dar uma chance muito grande. (como exemplo citou seu filho que é formado em Direito): Meu filho está se formando em Direito agora, mas no primeiro ano ele passou o primeiro e o segundo semestre a colaborar com o **NECOM** lá na Zona Noroeste. Ele pegava a motinho dele, ia para lá, não



era estagiário oficial, então foi um crescimento enorme, ali quando ele chegava em casa contava as vivências para a mãe. Pois no mesmo momento, o crescimento era humano. O jovem universitário está ao mesmo tempo se lançando naquela área e ao mesmo tempo se lançando para a vida. (dá o exemplo de uma professora que é parte da pesquisa do trabalho de mestrado de sua esposa), e confirma que se aprende sempre. Então o NECOM emana esse poder de levar lá, e a Unisantos é o centro de confluência. Mas uma das coisas mais difíceis que eu sempre questioneei, discuti comigo mesmo com a minha cabeça quando eu estudava na Universidade: — era entender o que em geral era isso não saindo do papel; ensino, pesquisa e extensão. Ensino tudo bem a gente sabe, aprende bem ou mal, a gente busca, esta lá na sala de aula. Mas como é que se dá esse milagre de juntar a pesquisa e o ensino voltado para a comunidade. Por que a universidade tem uma responsabilidade em relação à comunidade que ampara e em que ela está? Porque vemos aí universidades aos montes que não se preocupam, ora está aqui, ora ali, podem estar aqui, podem estar lá. No trabalho do NECOM a gente vê exatamente este embricamento entre ensino e pesquisa considerando a extensão.

## **2. O que significa para a Universidade Católica de Santos a Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande como espaço educativo?**

A **Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande** ela é um palco privilegiado que por razões relacionadas com a responsabilidade, a longevidade de a Universidade ser durante muitos anos a única Instituição de Ensino Superior, tem 51 anos, por estas razões todas foi escolhida para gerir, para tomar conta de um Patrimônio, que em certa medida estava bastante deteriorado e foi recuperado, precisa ser constantemente monitorado. Aquela jóia que tem ali um pouco do Brasil com aquela situação privilegiada de beleza natural, veio parar na mãos da Universidade pelos méritos da Universidade evidentemente e não foi por lobby nada disso. Sem dúvida tem uma grande representação para a Universidade e como está do lado de uma região pobre, acabou se oferecendo a própria Fortaleza, o próprio espaço físico como um

ponto de viabilização desse trabalho. É claro que a gente acha que a Fortaleza da Barra ainda esta sub-aproveitada, mas o aproveitamento integral, maior, não é uma coisa fácil, não depende da Universidade claro e também se dependesse da Universidade também não seria fácil, mas, depende de uma situação muito própria. Ela é de Santos, pertencendo ao Guarujá, na verdade ela esta de costas para o Guarujá, quando se vai falar com o prefeito do Guarujá ele não vê, é mais um desafio. Para aquelas próprias crianças, jovens receberem cursos diferenciados ali, como recebem dos mais variados tipos, e esta perto dali, eles não têm condições financeiras para tomar uma condução e ir para o centro do Guarujá. E atravessar também de barquinha e pegar mais um ônibus em Santos para qualquer coisa. É muito interessante, foi uma idéia muito brilhante de aproveitar para isso, acho fundamental.

### **3. O que você acha da educação não-formal?**

A **educação não formal** é um processo amplo que ocorre o tempo todo em todas as etapas da vida com mais intensidade na infância, depois fortemente na adolescência e isso vai até Niemeyer, 101 anos, que fez esta semana e continua aprendendo. São órgãos de socialização de cultura de educação e grupos iguais da família, a escola, os meios de comunicação de massa, a religião, o clube, tudo isso a própria vida em sociedade, a gente vai aprendendo. Além disso, existe uma educação não-formal que é muito parecida com a escola, porem, que sem a rigidez da escola, com conteúdo de liberdade, dinâmica ex: a brinquedoteca que minha esposa foi coordenadora, um trabalho maravilhoso feito em outro horário que não o da escola, então me apaixonei por esse trabalho. O que acontece na Fortaleza é essa educação prazerosa. A educação formal tem que ter horário se não vira bagunça. A educação não formal ela possibilita exatamente retrabalhar aquilo que a escola não trabalha normalmente e, sobretudo envolver o educando de maneira auto-definida, respeitando as características de cada um, não é uma classe formal. Na apresentação se vê prazer, a realização das crianças de serem

protagonistas, esse tipo de trabalho deveria ser desenvolvida por todo lado; todo mundo deveria ter essa oportunidade que não tem, falta de espaço; de tempo.

#### **4. Como diminuir a distância entre a educação escolar (formal) e a educação comunitária?**

Talvez os próprios professores sejam responsáveis por essa situação, esse tipo de preconceito, e isso não é fácil de retirar. O preconceito é uma realidade das pessoas que tendem a superar o lugar social e acreditar que tudo é fundamental e o resto é o resto. Se eu sou professor universitário eu tenho que valorizar minha própria disciplina, segundo momento valorizar o curso como um todo. Soma-se a isso as nossas histórias de governo, porque durante a ditadura militar uma das formas de desvalorizar os centros acadêmicos foi desestruturar as universidades e formar técnicos. “Sem cérebro com muito músculo”. Um dos esforços da ditadura, operação Rondon levando o jovem para a Amazônia, Mato Grosso com os índios, cablocos etc. Isso levou os professores a ter essa cultura. Para diminuir essa distância eu acho que deveria fazer parte do Projeto Pedagógico do curso, não precisamente ser uma disciplina, poderia até ter a disciplina Educação Não-Formal. A importância da educação não-formal e a formação cidadã do indivíduo ou então se não tiver espaço para uma disciplina, tiver de fato uma linha transversal no programa que ocupasse as várias disciplinas uma especial que tenha como em didática que tivesse que ser colocada alguma coisa no programa de educação não-formal. O caminho a partir da graduação.

#### **5. A educação comunitária é educação não-formal nem sempre reconhecida pelos Acadêmicos (geralmente Professores da Pós-Graduação). Por que isso acontece?**

O mestrado passa por uma crise no Brasil inteiro, o grupo que está lá quer mudar, quer fazer. A pessoa deveria só estudar, mas tem que trabalhar para fazer mestrado, hoje os professores estão desesperados porque têm que produzir o tempo inteiro, produções que são só para constar; artigos e mais artigos e é feito um pouquinho aqui e reforma ali. E pior que

isso, o tempo é tão curto que eles não conhecem nem a universidade, a estrutura. Na minha visão os mestrados não deveriam ficar separados em um determinado lugar, mas deveria ser mudados e ficar cada mestrado dentro do seu centro Ex: Mestrado de Direito dentro da Faculdade de Direito, Mestrado da Educação junto aos cursos da Educação, Pedagogia; Gestão de Negócios junto com Administração e Economia; Saúde Coletiva junto com os cursos de saúde e assim as pessoas já estariam convivendo, já teriam outra visão. Junto disso tem essa problemática, também o próprio mestrado em geral estão nesta crise de identidade – O que é o mestrado? É para formar o professor ou o pesquisador? Você já deve ter ouvido muito essa discussão por lá. Se forma o pesquisador ele é professor esta lá na graduação com suas qualidades e seus defeitos vem faz o mestrado, continua o mesmo professor com mesma qualidades e mesmos defeitos e não mudou nada. Porque a idéia é a formação do pesquisador. E no passado o mestrado tinha o objetivo de fazer que os professores melhorassem sua performance na sala de aula, hoje esta muito mais focado que ele seja um pesquisador. Eu ouvi o testemunho de muitos professores que fizeram o mestrado aqui mesmo, tem até uma dissertação de um rapaz que é sobre isso. (Acaba que ele acaba não sendo pesquisador nem professor, não acrescenta nenhum dos dois lados). E mais, é isto que esta aí, esta posto e isso é um problema. Quanto a não reconhecer a educação comunitária, não conhecem nem a cidade, alguns vem de táxi, são poucos os que se transladam na cidade Para mim, muito mais do que não levar em conta, não valorizar a educação não-formal a esse desconhecimento da própria graduação, da própria Instituição, quanto mais do educador não-formal. Até o mestrado tem mais consciência e leva mais em conta a educação não-formal do que a graduação, porque o Mestrado tem os grupos de pesquisa em que pessoas que não são do curso do mestrado, que não são da Instituição podem participar, coisa que a graduação não tem.

**6. Como vê o papel do Mestrado em Educação na formação de professores para a educação não-formal? É possível? É necessária?**

Se existisse uma linha de pesquisa, é claro que seria possível a formação de professor para a educação não-formal. No momento possuímos duas linhas.

**7. Como é possível articular a pesquisa com a extensão na Pós-Graduação?**

Eles querem que fundamentalmente o curso de “Stricto Sensu”, tenha muita preocupação de prover um profissional de aspectos que estão lhe faltando. Como é o caso do Stricto Sensu no mestrado com a diminuição do tempo de duração você não se torna um pesquisador em dois anos e quando começa a sentir-se o curso já está terminando. Corre atrás dos prazos, é uma loucura. Na maioria dos países a educação básica ela vai pelo menos até os dezoito anos, ou seja, à opção universitária, essa decisão que tão cedo os alunos com dezesseis anos têm que escolher. Quando o setor da educação nacional colocou o 11º ano no ensino fundamental fiquei contente, mas, depois que vi que não mudou e só tiraram a pré-escola e só mudou no número. Se tivesse acrescentado um ano seria melhor, o aluno teria mais tempo para decidir que curso fazer. Há em minha opinião uma incompatibilidade no objetivo do mestrado em formar pesquisadores. A não ser que seja uma pessoa só para a pesquisa. Ex: minha esposa deixou de trabalhar para se tornar pesquisadora. Essa articulação seria significativa, mas o brasileiro ainda que não seja totalmente de uma classe pobre precisa trabalhar para estudar, e o tempo é muito curto diante de todas as exigências.

**Entrevista com a Prof.<sup>a</sup> Carmen Lydia Dias Carvalho Lima.**

**(Coordenadora do Núcleo de Extensão Comunitária da Universidade Católica de Santos – NECOM).**

**Data: 11 de janeiro de 2009.**

## **1. O que é o Núcleo de Extensão Comunitária?**

O **Núcleo de Extensão Comunitária da Universidade Católica de Santos – NECOM** – é um órgão interdisciplinar vinculado à Pró-Reitoria Comunitária, formado por uma equipe de professores: 01 Coordenador, 04 Orientadores de Campo (um para cada comunidade de atuação do NECOM), 20 Supervisores e cerca de 250 Universitários de vários Centros e Cursos: Pedagogia, História, Biologia, Letras (Espanhol, Inglês), Psicologia, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição, Serviço Social, Direito, Ciência da Computação, Comunicação, Arquitetura e Urbanismo e Administração, com carga horária de 12 horas semanais, para as quais, hoje, 71 recebem bolsa de Participação Comunitária, correspondente a 30% da mensalidade e 02 de 60% (para os cursos diários de Informática, no bairro Santa Cruz dos Navegantes).

O NECOM atua em comunidades carentes da Baixada Santista: - no bairro Santa Cruz dos Navegantes e na Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, Guarujá, nos bairros Vila Ponte Nova/Quarentenário e Vila Margarida/México 70, São Vicente, - na Paróquia Sagrada Família e no Instituto de Educação Infantil “*São José*”, na Zona Noroeste, Santos. Realiza também atividades pontuais como os Dias de Cidadania nas várias comunidades.

As atividades do NECOM são abertas a outras áreas profissionais e instituições, que tenham afinidade com o trabalho desenvolvido.

Os universitários se inscrevem para participar dos trabalhos do NECOM e passam por um processo de seleção, no qual se avalia o perfil do candidato, a disponibilidade para o trabalho comunitário e para participar de duas reuniões semanais obrigatórias: uma com o supervisor de área e outra, às quartas-feiras, com o orientador de campo da comunidade onde atua.

O NECOM, na sua atuação, visa concretizar a integração entre ensino, pesquisa e extensão, colocando o saber acadêmico a serviço do enfrentamento da desigualdade social e da melhoria da qualidade de vida de populações excluídas dos direitos de cidadania, e colaborando com a construção de novos saberes e novas tecnologias sociais e com a formação de profissionais comprometidos com o processo de transformação da sociedade em que está inserido.

Essa meta é atingida por meio de programas, projetos, ações e atividades desenvolvidas por supervisores e estagiários de diferentes áreas em parceria com diferentes órgãos governamentais e organizações não governamentais, a partir das demandas e necessidades da população, visando a potencialização do desenvolvimento do ser humano e da sociedade.

## **Objetivos do NECOM**

### **Objetivo Geral:**

- Contribuir para a formação de profissionais-cidadãos, com bases sólidas de conhecimentos teóricos e de visão generalística, comprometidos com a busca permanente da justiça social, eticamente compromissados com o processo de transformação social, por meio do desenvolvimento de projetos educativos interdisciplinares, que envolvam intervenções sociais como prática de extensão, interligando o ensino e a pesquisa, de forma a buscar, a partir da mobilização, organização e participação da população, a melhoria de suas condições de vida, o fortalecimento do protagonismo social e a construção de uma sociedade mais justa.

### **Objetivos Específicos**

- Preparar o aluno para a compreensão da construção sócio-histórica da realidade, por meio da apropriação do conhecimento, da relação entre teoria e prática, da leitura crítica do mundo em constante transformação e da sua inserção na comunidade.
- Instrumentalizar o aluno sobre metodologia e operacionalização do trabalho em comunidade.
- Levar o aluno a compreender o significado social da profissão e de seu desenvolvimento sócio-histórico, desvelando possibilidades de ações a partir da realidade, por meio da elaboração e execução de projetos sócio-educativos.
- Favorecer oportunidades de desenvolvimento de competências, estratégias e habilidades.

#### **Linhas de Atuação do NECOM**

- **COM** - Comunicação
- **DH** – Direitos Humanos/ Cidadania.
- **CULT** – Cultura.
- **EDU** – Educação.
- **SAU** – Saúde.
- **MA** – Meio Ambiente.
- **TEC** – Tecnologia.
- **TRAB** – Trabalhos.



O Coordenador, os Orientadores de Campo e os Supervisores de Área têm a tarefa de mediadores, de estabelecer o diálogo dos universitários com a realidade.

A atuação do NECOM é importante para as comunidades e, inclusive para a própria Universidade, que está presente e comprometida com a comunidade; comprometida com a solução dos problemas sociais e preocupada em formar profissionais capacitados para atuar nessa realidade.

Por meio dos trabalhos do NECOM, a extensão torna-se uma ponte de possibilidade para a população ter acesso à cidadania.

O eixo da ação dos programas de extensão do NECOM nas comunidades é norteado conforme os objetivos da Universidade Católica de Santos e de seu PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional e se divide em vários projetos, definidos a partir das necessidades da comunidade onde está inserido.

O NECOM parte do princípio de que apenas uma população informada e consciente de seu papel social e histórico no desenvolvimento do país será capaz de impulsionar a mudança da situação de pobreza e exclusão em que vive.

Toda educação supõe um método, como também implica algumas técnicas. Método é reflexão sobre os meios. Técnica é a formalização específica e delimitada dos meios.

O educador Paulo Freire recomendava o uso de um método ativo no processo educativo que contribuísse para formar o homem crítico, por meio de debate em grupos de situações desafiantes. Tem-se que inventar e reinventar caminhos, afirmava em *Por uma pedagogia da pergunta*:

O NECOM conseguiu criar uma metodologia que vem sendo fortificada a partir do ano 1986. Com uma Equipe de Trabalho coesa e comprometida com a transformação social,

procura promover a união entre a teoria e a prática, atuando com procedimentos metodológicos interdisciplinares, baseado em uma concepção de educação libertadora. Parte da prática concreta sistematiza-a e volta à prática com objetivo de transformá-la e recriá-la, a partir de uma concepção participativa e crítica.

O projeto do NECOM é fundamentado na pedagogia da inclusão, que pressupõe um novo olhar, colocando, como centro, a rede de valores e saberes próprios da comunidade.

A proposta engloba um processo de informação e formação da consciência social, por meio de programas e projetos em que são abordadas questões necessárias ao seu desenvolvimento.

A pedagogia utilizada pelo NECOM, com base nos pressupostos teóricos principalmente de Paulo Freire, busca valorizar o conhecimento presente nas experiências de vida e na cultura da população alvo, respeitando suas formas de expressão. Visa à superação dos aspectos excludentes, repressivos e assistencialistas da educação, por meio de uma ação pedagógica de convivência comunitária que recupera o papel de agentes produtores de cultura e transformadores de sua própria história. O planejamento de trabalho baseia-se na reciprocidade entre Unisantos e comunidade, permitindo a compreensão e aceitação de vivências, sentimentos e aspirações; a reflexão sobre as experiências; avaliação e reformulação de práticas sociais; e o desenvolvimento do sentimento de auto-estima e de solidariedade.

Faz-se o diagnóstico da comunidade, quantificam-se os dados. A solução dos problemas apresentados deve ser o fio condutor das ações. Identificam-se interesses, preocupações e lutas da comunidade, como vivem e como se relacionam.

Segundo Paulo Freire (1979, p35): *O que mais custa ao homem saber de maneira clara é a sua vida, tal como está feita por tradição e rotina de atos inconseqüentes.*

Um aspecto priorizado pelo NECOM é o resgate histórico das comunidades nas quais desenvolve ações. Parte-se da realidade concreta das condições da população: da questão da moradia, de suas condições de consumo, de sua consciência e atitude diante das situações, de suas condições existenciais, de sua contribuição para a sociedade, a visão de mundo que tem sobre sua realidade. A realidade em que se encontra a população traz embutida nela mesma os interesses e objetivos próprios expressos a partir de determinações históricas próprias dela. A existência desses objetivos é condição fundamental para que esses dados não se percam. Deve-se identificar interdisciplinarmente, o eixo central da prática. Essa descoberta se dá pelo diálogo, pela troca de experiências e reflexão do NECOM com a população.

Nessa busca da história viva da população é que se inicia o diálogo da educação como prática da liberdade – é o momento em que acontece segundo Paulo Freire, o *universo do povo* ou *temas geradores*. Utiliza-se a pesquisa participante para levantamento da realidade, envolvendo universitários, supervisores e agentes da comunidade.

A metodologia do NECOM é baseada no diálogo – a *Maiêutica Socrática* – utilizado pelo educador Paulo Freire, para quem uma das categorias centrais de sua obra é o diálogo. Para Freire, o diálogo faz parte da própria natureza humana. As pessoas se constroem em diálogo; são, por essência, comunicativas. Não se progride sem diálogo. O momento do diálogo é a hora em que as pessoas se encontram para transformar a realidade e progredir.

O diálogo faz parte dessa nossa pedagogia dialógica - dialética que hoje começa a desabrochar na educação em todo o mundo, renovando a prática pedagógica e dando-lhe um sentido moderno e progressista.  
(GADOTTI, 1989, p.47)

O diálogo, para Paulo Freire, é uma relação horizontal, implica respeito ao aluno e à população como pessoas, mas também como expressão de uma prática social. Nada de espontaneísmo, mas, sim, de competência. Escutar as necessidades, as urgências do povo.

O NECOM inicia as atividades nas comunidades por um primeiro contato e conhecimento da realidade onde se vai trabalhar, usando o que aprendeu sobre relações humanas, técnicas de observação e de entrevista, mapeamento de dados, dados estatísticos, entre outros. Faz a articulação das atividades de extensão com o ensino e a pesquisa e com as demandas da sociedade. Define-se e avalia-se, continuamente, a qualidade das relações que se estabelecem entre o NECOM e a população para possibilitar a cooperação entre ambos. A qualidade das relações deve ser de cooperação entre ambos.

Deve-se estimular, constantemente, a articulação e autonomia da organização comunitária, assim como o trabalho em rede e a valorização das lideranças. Não se pode deixar de reconhecer as interferências políticas e ideológicas que se fazem presentes à comunidade, tentando interferir nas organizações populares, muitas vezes, para interesse próprio.

A interdisciplinaridade é fundamental na extensão. O conhecimento não pode continuar fragmentado por compartimentos de disciplinas desassociadas por meio de conteúdos fechados, com defasagem entre a vida real e o ensino. É uma forma de se reconhecer que os saberes de cada área não são suficientes para dar conta dos vários problemas e que o processo pedagógico é dinâmico, aberto, interativo. A interdisciplinaridade proporciona aos universitários um trânsito entre vários saberes, dando-lhes oportunidade de um diálogo contínuo, por meio do qual experimentam e aprendem outras maneiras de intervenção. Não se trata de justaposição de conhecimentos, mas de parceria entre várias áreas, compartilhando de uma mesma atuação profissional. A partir das especificidades do outro agir, em conjunto, constroem uma nova atuação.

A interdisciplinaridade supõe valorização, entendimento e uso de outros pontos de vistas, de outros conceitos e informações de outras áreas do conhecimento. Torna o exercício profissional mais significativo; coloca o universitário em contato com as várias dimensões de qualquer problema sobre o qual venha a atuar; torna o ensino mais realista e mais comprometido com a sociedade onde está inserido. Supõe sensibilidade e respeito pelo conhecimento do outro, responsabilidade social, comprometimento, comportamento ético, relacionamento social, exercício da cidadania, capacidade de planejamento e avaliação conjunta do trabalho. Colabora para uma formação que percebe o profissional como alguém que vive, interfere e sofre influências em um meio que faz parte dele, assim como ele faz parte desse meio. A articulação das diferentes áreas do conhecimento cria um novo saber. A exigência da unidade faz parte da própria natureza do conhecimento. O conhecimento é sintético e global, antes de ser especializado e analítico. Sempre há um apelo à síntese, sem o que seria uma contradição, um contra senso. Estagiários, professores e comunidade passam a ser sujeitos no ato de aprender, de produzir conhecimentos e novas técnicas, de formar recursos humanos comprometidos com a transformação social.

Tem-se que verificar a viabilidade do projeto. Ao organizar projetos, no NECOM, planeja-se em conjunto o trabalho que se pretende realizar; projeta-se, relaciona-se com o futuro, começa-se a fazê-lo. E só há um momento de fazer o futuro – no presente. O futuro já está presente no projeto. Quando se projeta, tem-se em mira um ideal que, na verdade, é algo ainda não realizado. Levantam-se os pressupostos – os princípios dos quais se parte – e fundamenta-se o trabalho. Estabelecem-se os caminhos e etapas para a caminhada e avaliam-se, continuamente, o processo e os resultados.

No desenrolar do projeto, coordenador, orientador de campo, supervisores, estagiários do NECOM e comunidade estão dialogando permanentemente para que a ação seja competente. A relação supervisor / estagiários / comunidade reflete uma competência que,

além de ser construída, é também compartilhada. A qualidade do projeto define-se na relação com os outros, na articulação dessa competência com os outros, com a situação concreta, com as circunstâncias, nas relações situacionais.

A extensão é a oportunidade de o aluno aprender a estabelecer relações entre os conhecimentos teóricos (que já possui e os que estão sendo construídos) e a realidade prática profissional. É a possibilidade de aprender a ser profissional-cidadão. Aprende sua profissão e os nexos básicos entre a prática da profissão e o contexto das suas relações com a sociedade.

Como o trabalho é participativo, o NECOM desenvolve os projetos em co-responsabilidade com as organizações existentes na comunidade.

Os alunos amadurecem no trabalho; aprendem a ter responsabilidade pela população e a fundamentar-se profissionalmente para colaborar na transformação da realidade.

O NECOM tem procurado, desde 1986, trabalhar a extensão nessa linha: pessoas engajadas na procura de conhecimento por meio do diálogo com o outro e com a sua comunidade, explicitando os conflitos sociais para desafiar as pessoas e as comunidades a interagirem na busca de sua superação. É o esforço de se diminuir a distância entre a Universidade e as comunidades populares, sem perder o rigor e a seriedade de trabalho. Procura-se atuar com crianças, jovens e adultos, sobre seus direitos e deveres, sobre os Direitos dos Homens, Direitos da Criança, sobre o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente e outros, por meio de projetos específicos.

Procura-se também trazer a população das comunidades para dentro da Universidade.

Essa metodologia para o desenvolvimento de extensão tem sido re-elaborada e adaptada para as situações dos projetos do NECOM.

Sendo o NECOM uma das unidades da Unisantos, baseia-se nos objetivos da instituição.

## **2. O que significa para a Universidade Católica de Santos a Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande como espaço educativo?**

A **Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande** representa uma importante conquista para a Universidade Católica de Santos no sentido de preservar o mais importante conjunto arquitetônico militar do Estado de São Paulo e como espaço educativo. A Unisantos é a única universidade brasileira comunitária que tomou a iniciativa de preservar uma fortaleza.

A Universidade Católica de Santos/Núcleo de Extensão Comunitária- NECOM - assumiu essa iniciativa baseando-se no conceito fundamental de que a história de um povo não é patrimônio nem responsabilidade de uma determinada instituição. Pelo contrário, cada uma delas e todo cidadão têm compromisso em um conjunto integrado de ações.

No cotidiano de seu trabalho, o NECOM estava assistindo à ruína e depredação do monumento erguido em 1584, por ordem do rei Felipe I de Portugal, e II da Espanha, por ocasião da união das coroas ibéricas.

Para o NECOM, era fato evidente o total abandono e a destruição generalizada desse forte de cerca de quatrocentos anos: quase todo o conjunto estava violado e destruído. Por sugestão de um dos seus supervisores – Prof. Dr. José Pinheiro Cortez – o NECOM propôs à Reitoria da UniSantos um Encontro entre Autoridades, Entidades e pessoas interessadas na preservação e dinamização do monumento. Com o aval da Reitoria, realizou a reunião do dia 7 de novembro de 1991, na Faculdade de Direito. O NECOM se colocava no papel de intermediário / coordenador: *O que juntos poderemos fazer?*

A resposta da sociedade foi positiva e daquela reunião saiu a Comissão de Trabalho / Fortaleza, formada por diversas instituições públicas e privadas, cada uma a seu modo ou, na sua especialidade, visando à preservação, restauração e ocupação do monumento.

Em 02 de setembro de 1993, foi celebrado o Protocolo de Intenções entre o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – a Prefeitura Municipal de Guarujá e a Universidade Católica de Santos, testemunhado por mais de cem pessoas, na própria Fortaleza.

Hoje, a Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande é um ponto de atrativo para turistas e campo de estudos e pesquisas para os interessados.

Para o NECOM, foi uma grande vitória a certeza de que seus esforços para desencadear aquele Encontro de 1991 e os seguintes não foram em vão. A Unisantos, pioneira entre as universidades comunitárias em assumir um monumento histórico, concretizou, mais uma vez, seu compromisso de Instituição de Ensino Superior, voltada para o ensino, a pesquisa, e a extensão. Foi desencadeado um processo de sensibilização e conscientização da comunidade e realizado o Protocolo de Intenções entre Prefeitura Municipal de Guarujá, o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e a Universidade Católica de Santos. Muitos melhoramentos aconteceram no Forte depois disso. A Unisantos ficou responsável pela parte cultural do patrimônio. Em 1995, o NECOM conseguiu, por meio da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, a aprovação de um selo comemorativo da Fortaleza, lançado em 21/04/1999, tornando-a mais conhecida e divulgada.

O IPHAN tem realizado, a cada ano, muitas benfeitorias no Forte. O artista plástico Manabu Mabe deixou para a Fortaleza, como testamento, uma obra admirável - *O Vento Vermelho* – que sua família concretizou, após sua morte. Muitos eventos têm sido realizados no monumento. *A Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande é um espaço educativo valioso para a Universidade Católica de Santos que, por meio do Núcleo de Extensão Comunitária – NECOM – realiza Programas e Projetos de ensino, pesquisa e extensão. A título de exemplo podem-se citar os Programas e Projetos realizados no forte pelo NECOM, no ano 2008.*



## **Projetos desenvolvidos em 2008 e que deverão continuar em 2009:**

**2.1. Arquivos sobre a Fortaleza da Barra** – *organizou-se o material sobre a Fortaleza da Barra (folders, reportagens, textos etc.), que o NECOM possui, desde 1962 até hoje, disponibilizado para consulta por pessoas interessadas.*

**2.2. Visitas monitoradas – Guias de Turismo** - desenvolvido pela **Prof.<sup>a</sup> Bernadete Rezende de Souza Ribeiro**, na Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande, com crianças, jovens e adultos moradores de Santa Cruz dos Navegantes, com o objetivo de conscientizar os moradores da importância dos monumentos históricos. Prepara-os para monitorar visitas ao local. Há também uma preocupação com a formação integral dos jovens, tanto na parte de conhecimentos, valores, postura, pronúncia e de outros pontos importantes ligados a história do Brasil e da nossa região. O desenvolvimento do aprendizado se faz por meio de textos, passeios, com aulas teóricas e práticas de História, Geografia, Técnicas de Comunicação, Higiene, Postura, conhecimento específicos de Turismo, dinâmicas para integração, auto-estima, monitoramento de turistas e de escolas agendadas pelo NECOM.

**2.3. Eventos na Fortaleza** – Exposição Manabu Mabe (15/01/08), *Arivederci II* (9/2/08), Reunião com os Pais do Programa de Criança (24/2/08), Inauguração do Programa de Criança (2/2/08), 3.<sup>a</sup> Idade – Dança na Fortaleza, Concerto de Harpa (20/2/08), *Fortaleza em Festa* (19/11/08), entre outros.

**2.4. Programa Fortaleza da Barra: Cidadania e Patrimônio Histórico** – **Coordenadora do Programa: Prof.<sup>a</sup> Ms. Zélia de Oliveira Barros.**

O Programa Fortaleza: Cidadania e Patrimônio Histórico foi realizado pelo NECOM, com patrocínio da PETROBRAS, dirigido à população da comunidade vizinha ao patrimônio

Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande. Teve como objetivo conscientizar a população do bairro sobre a importância de se valorizar e preservar o mais importante conjunto arquitetônico militar do Litoral Paulista e demais pontos históricos e oportunizar as crianças, adolescentes, jovens, adultos e 3.<sup>a</sup> Idade, vulneráveis à situação de risco, condições adequadas para sua promoção social, a fim de que possam alcançar autonomia como cidadãos. Foram desenvolvidos diferentes cursos e oficinas que envolvem crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos e famílias, visando o fortalecimento da auto-estima, o exercício ativo da cidadania e a organização da população em torno da melhoria de suas condições de vida. O Programa oferece-lhes oportunidades de atividades de lazer, de aprendizados vários (xadrez, culinária, línguas estrangeiras, entre outros), de desenvolvimento da cidadania, conhecimento de turismo, educação ambiental. Além do lazer, cidadania e cultura, o Programa visa facilitar aos jovens e adultos, por meio de cursos e oficinas, conhecimentos e preparação que possam facilitar-lhes, futuramente, geração de renda e sucesso no mercado de trabalho. Foi realizada pesquisa para atualizar quais os interesses predominantes da população para a participação em cursos e oficinas.

A Equipe técnica teve como coordenadora do Programa a **Prof.<sup>a</sup> Ms. Zélia de Oliveira Barros**, secretária: **Elaine dos Santos Reis Ramos** e auxiliar de limpeza: **Francisca Maria Firmino da Silva**.

Oficinas desenvolvidas:

**2.4.1 Curso de Garçom/Bartender/Cidadania** - Projeto interdisciplinar do NECOM, com supervisão da Prof.<sup>a</sup> Ms. **Suemy Martha R. Hayashi Freitas** e participação efetiva do barman - **Wilson José Moreira de Almeida** – preparou jovens e adultos para exercerem a profissão. Fizeram estágio em restaurantes da Baixada Santista e muitos conseguiram emprego.

**2.4.2 Curso de Xadrez/Cidadania** – desenvolvido pela Prof.<sup>a</sup> **Luciana Tavares** e **Lizandra Nascimento dos Santos** e alunas de Pedagogia - **Ana Rosa Soares Moraes, Cristiane Neves**

**dos Santos, Juliana Gonçalves Guilherme Santana, Graciele de Azevedo Mendonça Camargo, Juliana Izzo da Cunha, Marina de Araújo Pitta Ramos e Patrícia Silveira Barsotti** - com o objetivo de proporcionar à população oportunidade de integração social de concentração e desenvolvimento de raciocínio lógico.

**2.4.3 Espanhol para Turismo/Cidadania – *Bienvenido a la Lengua Española*-desenvolvido** por **Sueli Costa Souza Silva**, de Letras, para moradores do bairro, com idades que variam de 13 a 35 ano visando apresentar um conhecimento básico acerca da língua espanhola, ampliando os conhecimentos dos alunos, auxiliando-os na busca de um progresso profissional. para o desempenho de suas atribuições como guia de turismo.

**2.4.5 Inglês para Turismo/Cidadania** - desenvolvido por alunas Tradução e Interpretação, **Lígia Maria Ribeiro de Carvalho** e **Ariany Costa Higashi Nakaya**, foram atendidas pessoas de ambos os sexos e de faixa etária variada, desde crianças, jovens até adultos, relatam o aproveitamento da comunidade, com relação a questões não apenas de ensino-aprendizagem, mas também de relacionamento inter-pessoal e, por parte das estagiárias, seu crescimento profissional.

**2.4.6 Guias de Turismo/Cidadania** desenvolvido pela Prof.<sup>a</sup> **Bernadete Rezende de Souza Ribeiro** a oficina teve como meta a conscientização de jovens em relação ao valor do patrimônio histórico e sua preparação para o atendimento ao turista e estudantes, facilitar o conhecimento sobre o que é Guia de Turismo, perfil para o desempenho, locais de atuação, conhecimentos exigidos e aulas práticas de exercício oral para melhor comunicação, dinâmicas para integração e capacidade para atuar em grupo.

**2.4.7 Educação Ambiental /Cidadania.** - desenvolvido por **Lauriney Gomes de Oliveira**, a oficina visou organizar atividades de educação ambiental, tendo como meta engajar os participantes no processo de conscientização de seu entorno social, cultural e ecológico, a saber: campanhas de conscientização sobre o lixo, conservação da natureza circundante,

preservação dos valores éticos, estéticos e culturais da comunidade, valorização do trabalho artesanal e busca de alternativas para geração de renda.

**2.4.8 Teatro/Cidadania** - dirigido por **Paulo Estevão Freitas Balistrieri**, a oficina pretendeu desenvolver a auto-estima, a boa dicção e o gosto pelas dramatizações e proporcionar aos moradores outras formas de lazer, integração social e de acesso à cultura.

**2.4.9 Culinária/Nutrição** – ministrado por **Meire Aparecida de Sousa Lourenço**, com vistas à capacitação da clientela na profissão de culinária com vistas à geração de renda. A oficina obteve grande sucesso pelo interesse dos participantes e muitos estão trabalhando na profissão e gerando renda para a família.

**2.4.10 Karate-Do/Cidadania** – ministrado por **Antônio Carlos Vasques**, com o objetivo de proporcionar à população oportunidade de integração social por meio de uma atividade que engloba esporte, luta, dança, arte marcial, cultura popular, música e brincadeiras. Todas as crianças e adolescentes do Centro Comunitário de *Santa Cruz dos Navegantes* participaram, além de outras pessoas interessadas.

As reuniões de planejamentos, organização e avaliação do desenvolvimento do Programa foram periódicas e os monitores acompanhados pela coordenadora do Programa e por Supervisores de Área, Orientadores de Campo e Coordenadora do NECOM. Foram realizadas reuniões periódicas na Unisantos / NECOM, em Santos. O resultado do Programa foi muito positivo, praticamente toda a população de Santa Cruz dos Navegantes soube do Programa, do patrocínio da PETROBRAS, das oficinas, e se inscreveram e participaram de vários cursos. O envolvimento da comunidade foi grande, tanto nas oficinas como nos eventos (*Formaturas, Fortaleza em Festa*). A presença dos pais que acompanharam os filhos nos cursos e oficinas foi significativa. O evento *Fortaleza em Festa* (19/11/08) pretendeu fazer uma pequena demonstração das oficinas que foram realizadas para a comunidade. Participaram crianças, jovens, adultos e 3.<sup>a</sup> Idade para apreciarem e/ou vivenciarem o que aprenderam nos cursos.

**2.4.11 Projeto com as Crianças** - desenvolvido, na Fortaleza da Barra, por **Renata Souza Nóvoa**, de Nutrição, com crianças na faixa etária entre 4 e 12 anos. As ações planejadas foram de dar aulas sobre as propriedades e a importância das frutas, verduras e legumes. Também foram estimulados os conhecimentos básicos sobre a pirâmide alimentar e noções básicas de higiene, por meio do uso de desenhos, jogos, brincadeiras, cartazes e lousa. Pessoas atendidas: em média 10 pessoas, por semana.

**2.5. Programa de Criança** – O NECOM desenvolve esse projeto **em parceria com o Clube 2004, com patrocínio da PETROBRAS**, para 25 crianças e adolescentes, na Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande. O programa teve início em agosto de 2007, terminando em julho de 2008. Foi renovado para o período de agosto/08 a julho/09. Duas vezes por semana (3.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> feira), a clientela vai para o forte, onde recebe café da manhã e almoço e participa de quatro oficinas.

**As oficinas oferecidas à clientela são:**

**2.5.1 Educação Ambiental/Cidadania.**

**2.5.2 Música.**

**2.5.3 Dança de Rua.**

**2.5.4 Teatro.**

O Programa tem como coordenadora - Prof.<sup>a</sup> **Terezinha de Souza Pacheco**, secretária/monitora de Alunos - **Carla Fernandes Meira**, monitores: de Dança de Rua - **Carlos Alexandre Neves**, de Educação Musical - **Evandro Pires Barbosa**, de Teatro - **Edison Gutierrez Junior**, de Educação Ambiental e Cidadania - **Fábio de Souza Feitosa**,

Cozinheira - **Maria Helena Borges de Freitas**, Ajudante de Limpeza - **Jennifer Andresa Pedrosa dos Santos** e **Marcella Rodrigues dos Santos**.

### **3. O que você acha da educação não-formal?**

A **educação não formal** é uma importante parte da educação integral. Complementa a educação formal dada pela Educação Infantil, pelo Ensino Fundamental, Médio e Terceiro Grau. Colabora tanto para a formação da pessoa, no seu crescimento pessoal como também contribui para que o indivíduo interfira na sociedade, pela ação cidadã e pela participação ativa, provocando alterações no âmbito social. A Pedagogia acontece em cada local onde se aplica, Ao acontecer em ambientes não-escolares ocorre de uma maneira peculiar e diferente da educação formal, tornando os vários espaços sociais em espaços educativos. Por exemplo, na Fortaleza da Barra, os cursos de Xadrez para crianças e adolescentes, de Língua estrangeira para Guia de Turismo, de Teatro e tantos outros. Cursos onde as pessoas aprendem a conviver e respeitar os outros. Cursos voluntários onde a criança aprende brincando. Trabalhos colaborando para as pessoas aprendam a enfrentar melhor as doenças. Trabalhos com pessoas com dificuldades especiais auxiliando-as a perceberem do que são capazes. Programas educativos para impulsionar ou para provocar o protagonismo juvenil e a construção de políticas públicas.

Ao ultrapassar os muros da escola, a educação não-formal encontra uma maneira de difundir a educação, de forma consciente e ativa, no meio social, proporcionando diferentes formas para que os indivíduos se desenvolvam e se transformem em agentes multiplicadores no meio em que vivem.

A experiência desse tipo de trabalho realizado pelo Núcleo de Extensão Comunitária da Universidade Católica de Santos – NECOM - tem permitido um relacionamento mais imediato entre estagiários e supervisores, aproximando-os pelo que buscam em comum, ampliando o nível de envolvimento entre estes e as comunidades, em constantes descobertas e

trocas, nas quais todos aprendem uns com os outros. São vivências que têm profunda repercussão na vida profissional, preparando os alunos para a realidade, ampliando sua compreensão da unidade dos acontecimentos por meio da percepção das conexões que os interligam. É um trabalho onde todos ganham e todos prendem: as Comunidades e a Academia.

#### **4. Como diminuir a distância entre a educação escolar (formal) e a educação comunitária?**

A **distância entre a educação escolar e a educação comunitária** poderá ser diminuída à medida que, na escola, houver verdadeira preocupação com a formação do cidadão, preocupado com os direitos humanos, com a transformação e compromisso social. Essa formação deve ocorrer desde os primeiros de vida da criança e principalmente na vida escolar. Na escola, os alunos devem ser conscientizados por meio de Educação para a Cidadania, desde a mais tenra idade, por meio de discussão de textos de Direitos Humanos, Direitos da Criança, ECA – Estatuto dos Direitos da Criança e do Adolescente, Direitos do Consumidor, Eleições, o papel dos poderes executivo, legislativo e judiciário, entre outros. Devem participar de Estudos do Meio organizados pela escola para conhecerem melhor a realidade social e a necessidade da transformação social. Devem participar de pequenos Programas e Projetos Sociais de protagonismo juvenil para se sensibilizarem sobre a necessidade de assumirem o compromisso social. A escola deve trabalhar também com os Pais dos Alunos no mesmo sentido para que eles também se sensibilizem, assumam compromisso social e colabore, efetivamente, na formação cidadã de seus filhos.

#### **5. A educação comunitária é educação não-formal nem sempre reconhecida pelos Acadêmicos (geralmente Professores da Pós-Graduação). Por que isso acontece?**

A Academia, tanto na Graduação como na Pós-Graduação, não pode se esquecer de que a Universidade é responsável não só pelo ensino, mas também pela pesquisa e pela extensão.

A Universidade foi, desde suas origens, uma das instituições mais características e significativas da sociedade, com responsabilidade da produção do saber científico. A Universidade é herdeira de uma tradição cultural; é responsável pela produção do conhecimento voltado para a realidade na qual se insere e por torná-lo um bem comum. A Universidade é constituída por ensino, pesquisa e extensão, que são momentos de um único e mesmo ato global; são maneiras de se intervir na realidade. Pelo ensino, a Universidade gera o conhecimento e é responsável pela transmissão da herança cultural do saber, da aquisição de hábitos mentais. Pela pesquisa, investiga e explora as modalidades da realidade, por meio de método adequado. Só transmitir conhecimentos é algo muito mecânico. Precisa-se da pesquisa – *aprender a aprender* – como dizia Paulo Freire; ensinar como se aprende, como método de produção do conhecimento. Pela extensão, a Universidade articula o ensino e a pesquisa, dando-lhes dimensões concretas políticas, históricas e éticas, integradas ao Projeto Pedagógico. A extensão é presença e vontade de transformar a realidade para melhor qualidade de vida das pessoas e da sociedade. Acredita-se que a construção da extensão nas Universidades e Instituições de Ensino Superior depende da instituição, por meio de uma metodologia participativa, envolvendo as várias instâncias da Universidade: em amplo diálogo com o público interno e externo (universitários / professores / funcionários / comunidade / parcerias / governo). Entretanto, isso só poderá ocorrer se houver realmente vontade política por parte da Universidade como um todo, para essa efetivação. O compromisso social tem que ser expresso por meio da identidade da instituição no Projeto de Extensão vinculado ao Projeto Político Pedagógico Geral, no Projeto Pedagógico de cada Centro e Curso, além de supor parcerias. Extensão não é mera prestação de serviços. É a Universidade, como um todo, ocupando um espaço, no sentido de leitura, questionamento, propostas e serviço à comunidade, envolvendo a Graduação e a Pós-Graduação.

Para o Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e



## Instituições de Ensino Superior Comunitárias – 2000-2001 – a extensão é:

*[...] um lugar, uma postura ética que pressupõe adesão da academia e da comunidade. Como atividade acadêmica, a Extensão tem sua razão de ser na tentativa de responder à pergunta sobre o sentido tanto da produção, quanto da socialização do conhecimento que se faz no âmbito da Universidade, ajudando a efetivar a relevância social e política do Ensino e da Pesquisa. A Extensão é, deste modo, capaz de transformar o saber acadêmico em um bem público a que todos podem ter acesso e estabelecer parcerias com a sociedade para a construção de um projeto social que traga dignidade de vida a todas as pessoas. É, igualmente, capaz de transformar conhecimento em sabedoria e de ser um tempero ético que dá sabor de vida ao Ensino e à Pesquisa.*

O conhecimento deve auxiliar e capacitar as pessoas para agir perante a realidade onde se encontram. É fundamental que a Universidade colabore na capacitação do povo para a solução de seus problemas. Para tal, deve ir junto à própria comunidade e buscar subsídios para detectar seus anseios e necessidades prioritárias. Deve formar profissionais-cidadãos para que possam atender às demandas sociais, além de colaborar para a elaboração de instrumentos que sirvam para análise da situação histórica – cultural do momento, ajudando a comunidade a analisar cientificamente sua realidade.

O PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO – MEC – 1999-2001 – coloca como princípio básico para a formação do profissional-cidadão:

*Sua efetiva interação com a Sociedade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente ou para referenciar sua formação com os problemas que um dia terá de enfrentar; como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo A extensão entendida como prática que interliga a Universidade nas suas atividades de ensino e pesquisa, com as demandas da maioria da população, possibilita a formação do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade para a superação das desigualdades sociais existentes.*

A definição da extensão é decorrência da concepção e da identidade da Universidade e de seu Projeto Político Pedagógico, sendo essencial, na delimitação da extensão universitária e das ações comunitárias, definir claramente, em todos os âmbitos da Universidade, uma

identidade que lhe dê sentido. Esta identidade, operacionalizada por meio do ensino, da pesquisa e extensão, dependerá do que fazem os indivíduos envolvidos e dos resultados desse fazer. Por isso, deverá nortear as diretrizes da atuação e os resultados que se pretende atingir.

## **6. Como vê o papel do Mestrado em Educação na formação de professores para a educação não-formal? É possível? É necessária?**

O Mestrado em Educação tem importantíssimo papel na formação de professores para a educação não-formal, principalmente nas Universidades que tem como característica o fato de serem comunitárias, como é o caso da Universidade Católica de Santos. Essa formação é possível e é necessária. É questão de vontade, de querer e de deixar acontecer.

As Universidades Comunitárias nasceram como resultado da experiência concreta de algumas instituições, da tentativa de concretização das aspirações educacionais de grandes grupos confessionais ou não das sociedades.

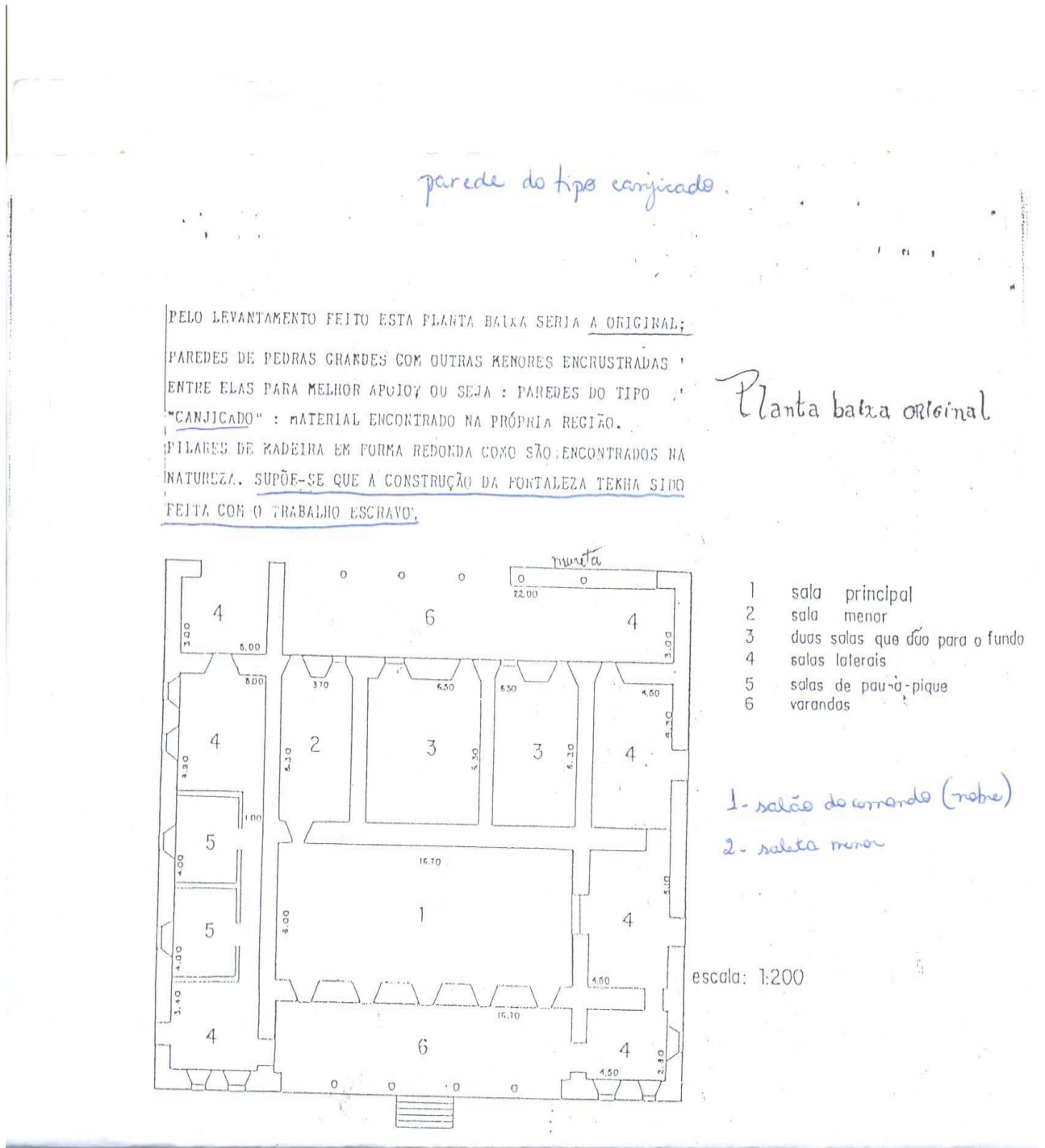
As Universidades Comunitárias têm objetivo social e se diferenciam de outras instituições pela especial dimensão pública que assumem, como também quanto às propostas de atuação que colocam. São Universidades historicamente compromissadas com a qualidade de serviços que prestam. Realizam serviços à comunidade regional e nacional, com vários programas de pesquisa na graduação e pós-graduação e com diversos programas de inserção social. Têm compromisso ético de agir como comunidade e para a comunidade. Pertencem a uma comunidade. Caracterizam-se por sua gestão participativa e democrática. Não devem ter fins lucrativos; seus bens não são propriedades particulares. Têm vínculo forte com a região ou com grande parte da população. Seus cargos são rotativos; o controle e a participação no poder estão com amplos segmentos da sociedade civil. A identidade das Universidades Comunitárias se revela pelo enfoque que dão às suas pesquisas, portanto, à sua produção técnico-científica caracterizada pelo empenho de lutar por um mundo melhor possível.

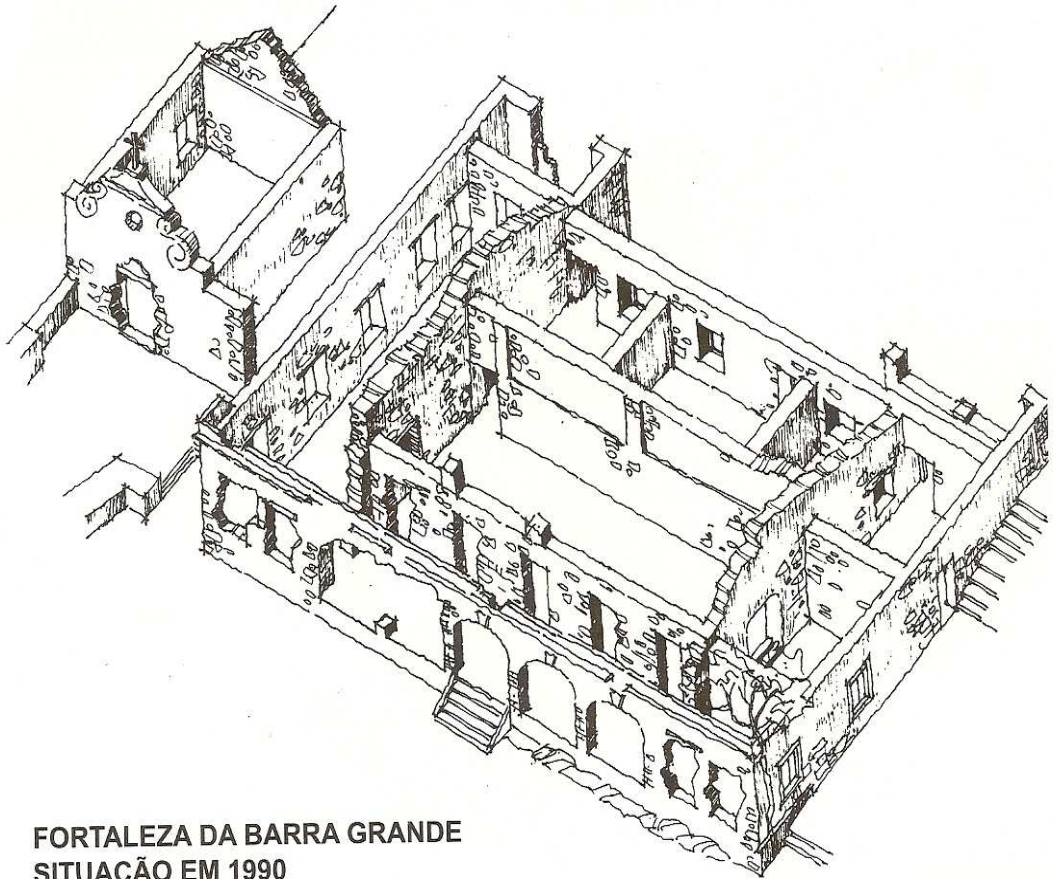
## **7. Articular a pesquisa com a extensão na Pós-Graduação**

Articular a pesquisa, o ensino e a extensão na Pós-Graduação é mais uma questão de vontade política. É algo possível e desejável. Tanto pode ocorrer com os que estão fazendo a Pós-Graduação como normalmente entre o que participam da graduação com a Pós realizando Programas Projetos comuns, desde que acreditem que isso é verdadeiro, importante e possível. Os dois lados e as comunidades atendidas só têm a ganhar com esse tipo de trabalho. Com isso haverá mais integração entre ensino, pesquisa e extensão, mais entrosamento entre Pós-Graduação e Graduação. Acredita-se que a articulação da pesquisa com a extensão nas Universidades e Instituições de Ensino Superior depende da instituição, por meio de uma metodologia participativa, envolvendo as várias instâncias da Universidade: em amplo diálogo com o público interno e externo (universitários / professores / funcionários / comunidade / parcerias / governo). Entretanto, isso só poderá ocorrer se houver realmente vontade política por parte da Universidade como um todo, para essa efetivação. O compromisso social tem que ser expresso por meio da identidade da instituição no Projeto de Extensão vinculado ao Projeto Político Pedagógico Geral, no Projeto Pedagógico de cada Centro e Curso, além de supor parcerias. Extensão não é mera prestação de serviços. É a Universidade, como um todo, ocupando um espaço, no sentido de leitura, questionamento, propostas e serviço à comunidade, envolvendo a Graduação e a Pós-Graduação.

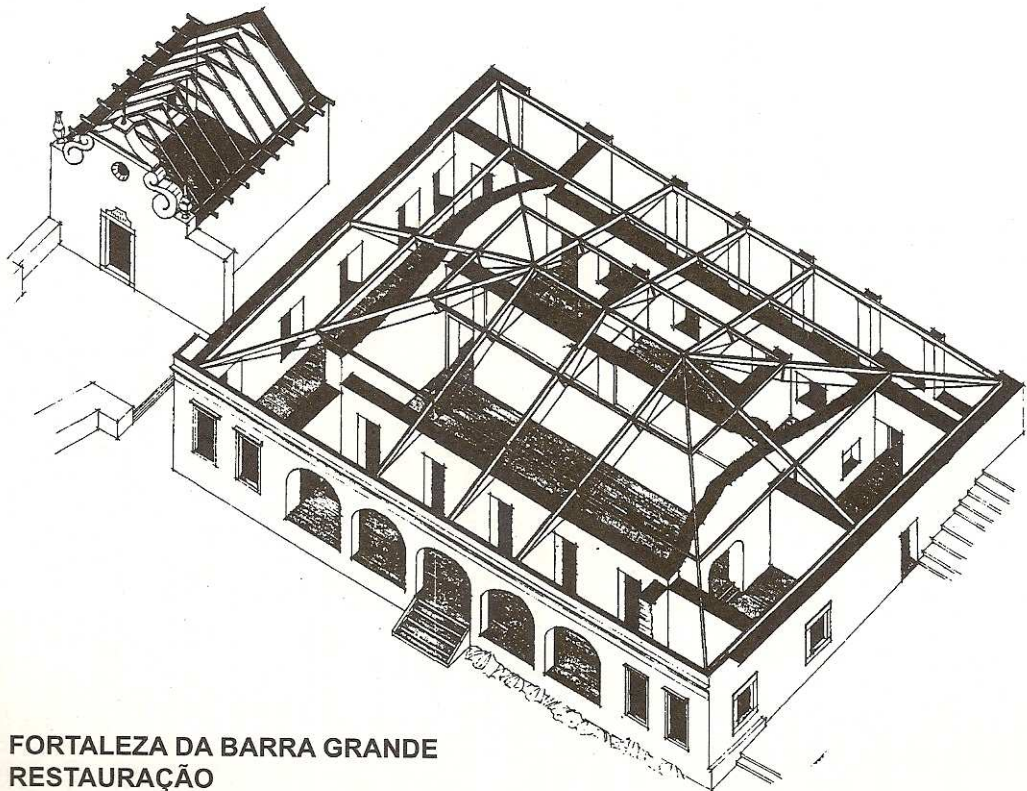
## ANEXO V

Plantas da Fortaleza da Barra e fotografia da Professora Josephina e seus alunos, quando esteve em visita na Fortaleza.





**FORTALEZA DA BARRA GRANDE  
SITUAÇÃO EM 1990**



**FORTALEZA DA BARRA GRANDE  
RESTAURAÇÃO**





*Profª Josefina*

**A**ra você, a pessoa tão especial que contribuiu para  
hoje sermos mais que vencedores.

Com carinho, dos seus alunos.

